

KATIA MILAGRES ROSADO

**CASAMENTO NA ROÇA:  
UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE PORTO FIRME,  
ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa, como  
parte das exigências do Programa de Pós-  
Graduação em Economia Doméstica, para  
obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2010

KATIA MILAGRES ROSADO

**CASAMENTO NA ROÇA:  
UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE PORTO FIRME,  
ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa, como  
parte das exigências do Programa de  
Pós-Graduação em Economia  
Doméstica, para obtenção do título de  
*Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de outubro de 2010.

---

Prof<sup>a</sup>. Ana Louise de Carvalho Fiúza  
Coorientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Neide Maria de Almeida Pinto  
Coorientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Amélia Carla Sobrinho Bifano

---

Prof<sup>a</sup>. Rita de Cássia Pereira Farias

---

Prof<sup>a</sup>. Márcia Pinheiro Ludwig  
Orientadora

“É graça divina começar bem,  
graça maior continuar na caminhada certa,  
mas graça das graças é não desistir nunca.” (D. Helder Câmara)

Ao meu avô Carlito cuja  
vida foi exemplo de  
determinação e coragem.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho penso no expressivo número de pessoas que contribuíram para sua construção. Cada um ao seu modo fez com que a tarefa de pesquisar se tornasse apaixonante. Citar nomes é sempre um risco, mas correr risco faz parte do meu modo de vida e da minha vontade de sempre querer superar os desafios. É com esse pensamento que agora encaro o desafio de agradecer primeiramente a Deus que conduziu meus passos.

Meus sinceros agradecimentos à Universidade Federal de Viçosa e à Fapemig por financiarem grande parte deste tempo de estudo. Sou grata aos professores e funcionários do Departamento de Economia Doméstica por estarem sempre dispostos a fazerem o melhor para que também nós pudéssemos fazer o nosso melhor. À Aloísa, mais que agradecer desejo parabenizar pelo esforço desmedido e presença incentivadora.

À Márcia, minha orientadora, pela presença afetuosa, pelo carinho e incentivo. Sou muito grata por ter sido além de professora uma companheira disposta a caminhar comigo. Acredito que hoje sei o significado da palavra orientadora: é aquela pessoa que guia seus passos, mas que também caminha junto e quando os caminhos se tornam pesados é capaz de oferecer um colo, lugar seguro. Às coorientadoras, Ana Louise e Neide, agradeço pela compreensão, dedicação e atenção com o trabalho. A minha presença tímida não foi impedimento para que a presença de vocês fosse essencial neste trabalho. À Rita Farias e ao Wander pelas contribuições de vocês. No momento certo se fizeram valorosas.

Aos meus pais, Mauro e Terezinha, que sempre fizeram muito além do que podiam suas forças para me acompanhar, doando todo amor, tempo e carinho para o meu melhor desempenho. Sou grata por ter vocês sempre ao meu lado. Ao meu irmão, Marcelo, com quem dividi muitas vezes as madrugadas e a mesa da cozinha que durante nosso mestrado se tornou nossa mesa de estudos. Obrigada pela força, carinho, cafés e incentivos. À minha irmã, Angela, pelas orações e pelas oportunidades de descanso.

À Deise, Natanielli e Giovane que muito colaboraram para o início desse trabalho quando ainda era apenas um projeto. Sou grata à tia Vina, tia Glória, tia Cida e ao tio Joãozinho por acreditarem na minha capacidade de aprender, bem como as minhas madrinhas Duca, Lecir e Mercês por investirem nos meus estudos. Ao tio Tode, companheiro de todas as horas, valeu!!!

Agradeço às crianças: Ana Maria, Miguel, Ana Bárbara e Alisson, por fazerem deste trabalho um divertido percurso ao me deparar com o rostinho de cada um(a) de vocês.

Aos amigos “lenha”, José Oscar e Mirian, por fazerem da vida uma festa. À Tarcila pela companhia sempre agradável e pelos momentos de loucura que não me permitiram enlouquecer. Aos amigos do mestrado, Jacqueline, Lucíola, Juliana, Márcio, Leo, Mariana, Andressa, Virgínia, Iris pelo convívio fraterno e pelas contribuições. Em especial à Ivani, companheira desde o início dessa trajetória, presença indispensável em todos os momentos. Obrigada! Luiz Paixão, obrigada por me acolher, me entender e dividir sua vida e sua casa comigo. À Daniela, presente em todos os momentos, com quem aprendi a seguir sempre a “estrada mestra”. Obrigada pela presença singela e a mão sempre estendida. Solange, Renato, Geruza, Juliana, Élide, Tahiane, Márcio, Karla, Doraliza, Gilberto e Bruna: as alegrias dos nossos encontros estão presentes nas entrelinhas da pesquisa. De modo especial agradeço ao Wandinho que durante esse tempo assumiu vários papéis: companheiro, amigo, colega de mestrado, assessor, debatedor e um interlocutor atento às necessidades deste trabalho.

Agradeço aos colaboradores Rodrigo, Nayane, Rafaela, Cida, Soninha, Inês e Vitor por indicarem o caminho e não permitirem que errássemos a “estrada mestra”. À Joanice, pelo carinho a mim dedicado, percebido nos aromas e sabores do dia a dia. Agradeço à família Calazans por permitir que eu pudesse fazer parte da vida de vocês. A Lena e Marido pelas risadas. Ao Joselito pelos conselhos e a todos os “Inesquecíveis” pelos momentos agradáveis. Sou agradecida a todos que se dispuseram participar da pesquisa. Obrigada pela disponibilidade, acolhida e confiança.

## **BIOGRAFIA**

Katia Milagres Rosado é filha de Mauro Lopes Rosado e Terezinha Milagres Rosado. Nasceu na cidade de Viçosa a 19 de abril de 1980. Por abrigar uma das grandes universidades do país era desejo de seus pais que ela ingressasse na Universidade Federal de Viçosa. Com o passar do tempo estudar na UFV tornou-se também seu desejo e projeto de vida. Seu objetivo foi alcançado em 2002, quando iniciou o curso de graduação em Economia Doméstica que foi concluído em 2006. Em maio de 2008 ingressou no programa de Pós Graduação no Departamento de Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa, em nível de mestrado.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                         |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| LISTA DE FIGURAS .....                                                                                                                  | viii |
| LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS .....                                                                                              | x    |
| RESUMO .....                                                                                                                            | xi   |
| ABSTRACT .....                                                                                                                          | xiii |
| <br>                                                                                                                                    |      |
| 1 – INTRODUÇÃO GERAL .....                                                                                                              | 1    |
| <br>                                                                                                                                    |      |
| 2 – ARTIGO 01 – FAMÍLIAS E CASAMENTOS EM PROCESSO DE MUDANÇA: DO URBANO AO RURAL .....                                                  | 3    |
| 2.1 – Introdução .....                                                                                                                  | 4    |
| 2.2 – Mudanças sociais e suas relações com as dinâmicas familiares .....                                                                | 5    |
| 2.3 – Principais mudanças ocorridas em relação ao casamento na formação de novas unidades familiares.....                               | 9    |
| 2.4 – O significado do casamento rural e suas interlocuções no modo de produção e reprodução familiar em meio às novas ruralidades..... | 12   |
| 2.5 – Considerações finais .....                                                                                                        | 18   |
| 2.6 – Referências Bibliográficas .....                                                                                                  | 19   |
| <br>                                                                                                                                    |      |
| 3 – ARTIGO 02 – OS ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DE UM RURAL EM MUDANÇAS.....                                                              | 21   |
| 3.1 – Introdução .....                                                                                                                  | 22   |
| 3.2 – Metodologia .....                                                                                                                 | 23   |
| 3.2.1 – Área de estudo.....                                                                                                             | 23   |
| 3.2.2 – População e amostra.....                                                                                                        | 26   |
| 3.2.3 – Caracterização da pesquisa .....                                                                                                | 28   |
| 3.2.4 – Técnicas de coleta de dados .....                                                                                               | 29   |
| 3.2.5 – Análise dos Dados.....                                                                                                          | 30   |
| 3.3 – Descortinando o universo empírico .....                                                                                           | 30   |
| 3.3.1 – O cotidiano das famílias proprietárias de terra .....                                                                           | 42   |
| 3.4 – Considerações finais .....                                                                                                        | 51   |
| 3.5 – Referências bibliográficas.....                                                                                                   | 53   |
| <br>                                                                                                                                    |      |
| 4 – ARTIGO 03 – FAMÍLIA E SIGNIFICADO DO CASAMENTO NA ROÇA ...                                                                          | 55   |
| 4.1 – Introdução .....                                                                                                                  | 56   |
| 4.2 – Metodologia .....                                                                                                                 | 57   |
| 4.2.1 – População e Amostra .....                                                                                                       | 59   |
| 4.2.2 – Caracterização da pesquisa .....                                                                                                | 60   |
| 4.2.3 – Técnica de Coleta dos dados.....                                                                                                | 60   |
| 4.2.4 – Análise dos Dados.....                                                                                                          | 61   |

|                                                                                    |         |
|------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| 4.3 – Análise dos casamentos realizados de 2005 a 2009.....                        | 61      |
| 4.3.1– A constituição das famílias e os arranjos familiares .....                  | 64      |
| 4.3.2 – O significado do casamento para as famílias .....                          | 69      |
| 4.4 – Considerações Finais.....                                                    | 86      |
| 4.5 – Referências bibliográficas.....                                              | 89      |
| <br>5 – ARTIGO 04 – CASAMENTO NA ROÇA: UMA ETNOGRAFIA.....                         | <br>91  |
| 5.1 – Introdução .....                                                             | 92      |
| 5.2 – Metodologia .....                                                            | 93      |
| 5.3.1 – Caracterização do “outro” no processo de significação do casamento rural . | 94      |
| 5.3.2 – Preparando a festa de casamento .....                                      | 95      |
| 5.3.3 – As cozinheiras .....                                                       | 98      |
| 5.3.4 – O dia da festa.....                                                        | 99      |
| 5.3.5 – O quarto.....                                                              | 100     |
| 5.3.6 – O preparo da noiva .....                                                   | 101     |
| 5.3.7 – A cerimônia de casamento religioso .....                                   | 102     |
| 5.3.8 – Industrialização do casamento .....                                        | 105     |
| 5.4 – Considerações finais .....                                                   | 107     |
| 5.5 – Referências Bibliográficas .....                                             | 109     |
| <br>6 – CONCLUSÃO GERAL .....                                                      | <br>110 |
| <br>7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                            | <br>114 |
| <br>8 – ANEXOS .....                                                               | <br>115 |

## LISTA DE FIGURAS

### Artigo 02

|           |                                                  |    |
|-----------|--------------------------------------------------|----|
| Figura 01 | Mapa das Micro – regiões da Zona da Mata Mineira | 23 |
| Figura 02 | Localização do município de Porto Firme - MG     | 24 |
| Figura 03 | Ruas da sede do município                        | 25 |
| Figura 04 | O conjunto da casa e das construções anexas      | 33 |
| Figura 05 | Propriedade rural                                | 34 |
| Figura 06 | Fachada da casa                                  | 35 |
| Figura 07 | Horta                                            | 35 |
| Figura 08 | Cenas de um rural                                | 37 |
| Figura 09 | O paiol                                          | 38 |
| Figura 10 | Fabriqueta de queijos                            | 38 |
| Figura 11 | Cenas de sobrevivência de um passado             | 39 |
| Figura 12 | Paisagens encontradas ao longo das estradas      | 41 |

### Artigo 03

|           |                                                         |    |
|-----------|---------------------------------------------------------|----|
| Figura 01 | Mapa da micro-regiões – Regiões da Zona da Mata Mineira | 57 |
| Figura 02 | Localização do município de Porto Firme – MG            | 58 |

### Artigo 04

|           |                                          |     |
|-----------|------------------------------------------|-----|
| Figura 01 | Abate do frango caipira                  | 96  |
| Figura 02 | Frango com macarrão e tutu               | 96  |
| Figura 03 | Dispensa: Lugar onde é guardada a comida | 97  |
| Figura 04 | Trabalho de homem: Mesa e fogão          | 98  |
| Figura 05 | Entrega da boneca                        | 99  |
| Figura 06 | Quarto dos noivos                        | 100 |
| Figura 07 | Noivo e sua mãe, noiva e seu tio e avó   | 102 |

|           |                                  |     |
|-----------|----------------------------------|-----|
| Figura 08 | Cenário da festa de casamento    | 103 |
| Figura 09 | Quarto dos noivos e os presentes | 104 |
| Figura 10 | Lugar reservado aos noivos       | 104 |

## LISTA DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

### Artigo 02

|            |                                                   |    |
|------------|---------------------------------------------------|----|
| Gráfico 01 | Formas de aquisição da terra                      | 32 |
| Gráfico 02 | Principais atividades dos membros das famílias    | 42 |
| Gráfico 03 | Grau de escolaridade dos “donos” das propriedades | 49 |

### Artigo 03

|            |                                                                  |    |
|------------|------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 01 | Situação Civil dos “donos” de terra                              | 64 |
| Gráfico 02 | Ciclo de vida das famílias entrevistadas                         | 66 |
| Gráfico 03 | Modelos das famílias entrevistadas                               | 67 |
| Gráfico 04 | Estágio dos ciclos de vida das famílias X tamanho da propriedade | 69 |
| Quadro 01  | Perfil estrutural das famílias                                   | 65 |
| Tabela 01  | Amostra finita de registros                                      | 60 |
| Tabela 02  | Local de residência do Homem antes do casamento                  | 62 |
| Tabela 03  | Local de residência da Mulher antes do casamento                 | 63 |
| Tabela 04  | Parentesco entre o casal                                         | 63 |

## RESUMO

ROSADO, Katia Milagres; M. Sc. Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2010.  
**Casamento na roça: uma análise no município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais.** Orientadora: Márcia Pinheiro Ludwig. Coorientadoras: Neide Maria de Almeida Pinto e Ana Louise de Carvalho Fiuza.

Este trabalho procurou analisar o significado do casamento para famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme a partir das suas vivências, observações e histórias. Para fundamentar a análise tomamos por base diferentes estudos sobre ruralidades, famílias e casamento rural. A pesquisa foi orientada pela perspectiva da metodologia qualitativa e quantitativa a partir da utilização de dados secundários, questionários, entrevistas, observação direta com registro em caderno de campo e registro fotográfico. O trabalho foi desenvolvido com uma amostra constituída por trinta famílias e 147 registros de casamentos civis. A análise foi feita pelo cruzamento e comparação dos dados e interpretação qualitativa e quantitativo dos mesmos. Os resultados do estudo foram apresentados por meio de quatro artigos, a saber: Artigo 01 - Famílias e casamentos em processo de mudanças: Do urbano ao rural; Artigo 02 - Os atores sociais no contexto de um rural em mudanças; Artigo 03 – Família e significado do casamento na roça; Artigo 04 - Casamento na roça: Uma etnografia. No primeiro artigo procuramos mostrar que mudanças sociais implicaram em uma reestruturação das famílias, tanto no que se refere à organização interna como também no número de membros que a compõem. Tais mudanças resultaram em modificações nos papéis conjugais e na forma de produção e reprodução familiar. No segundo artigo buscamos evidenciar que as famílias continuam desempenhando um papel fundamental no cotidiano daqueles que vivem no rural e que essa se encontra em um contínuo processo de mudança na sua forma tradicional, sobretudo no que diz respeito ao modo de produção e reprodução familiar. No terceiro artigo apresentamos os significados atribuídos ao casamento: Casamento-poder; casamento-religiosidade; casamento-necessidade. No quarto artigo apresentamos a etnografia desenvolvida a partir do acompanhamento do ritual do casamento antes, durante e depois. Procuramos apresentar o ritual que é valorizado e presente no imaginário coletivo, onde há uma valorização dos valores e ritos locais e um desejo

intergeracional de reprodução dos mesmos. Mesmo com modificações, a incorporação de novos elementos ao rito não despreza as tradições que dão sentido a sua prática. Desenvolver um estudo com famílias proprietárias de terra nos possibilitou apreender o rural, como espaço privilegiado em processo de mudanças, as quais refletem na produção e reprodução de um grupo social específico, sendo o casamento mais uma prática em transformação que é ressignificada.

## ABSTRACT

ROSADO, Katia Milagres, M. Sc. Universidade Federal de Viçosa, october, 2010.  
**Marriage in the rural area: an analyses of Porto Firme town, Zona de Mata County, Minas Gerais.** Advisor: Márcia Pinheiro Ludwig. Co-advisors: Neide Maria de Almeida Pinto and Ana Louise de Carvalho Fiuza.

The objective of this study was to analyze the meaning of marriages of families owning land in the town of Porto Firme, by means of their experiences, observations and stories. Studies regarding ruralities, rural families and marriages were used to fundament this work. Our research was guided by the perspective of qualitative and quantitative methodology based on the use of secondary data, questionnaires, interviews and direct observation. All data was recorded either in a field notebook or by photographic records. The study sample constituted of thirty families and 147 records of civil marriages. The analysis was conducted by the crossing and comparison of the data with their respective qualitative and quantitative interpretation. The study results were presented in four articles, namely: Article 01 - Families and marriages in a changing process: From urban to rural; Article 02 – Social actors in the context of the changing process; Article 03 – Family and the meaning of marriage in the rural area; Article 04 – Marriage in the rural area: an ethnography. The aim of the first article was to show that social changes lead to a family restructuration, both with regards of the internal organization as well as the number of members composing it. These changes resulted in modifications in the marital roles and in the family production and reproduction. In the second article it was evidenced that families continue to play a key role in the daily lives of those living in rural areas. However, rural areas are in a continuous process of change of its traditional form, particularly when it refers to family production and reproduction. In the third article, the meanings attributed to marriage such as marriage-power, marriage-religion and marriage-needs was presented. In the fourth article we presented the ethnography developed from the monitoring of the marriage rituals before, during and after such changes. This research aimed to show a ritual that is valued and present in the collective imagination, where there is an appreciation of values and local rites, as well as a desire for intergenerational reproduction. Even

with modifications, the incorporation of new elements in the rite does not undervalue the traditions which give meaning to its practice. Being able to develop a study with families owning land in rural areas allowed us to understand these areas, which are considered a privileged space in a process of change. Such changes reflect the production and reproduction of a particular social group in which marriage, another practice in transformation, is being re-understood.

## 1 – INTRODUÇÃO GERAL

Essa pesquisa trata de uma análise sobre o significado do casamento para famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme, Minas Gerais. O município está localizado na região da Zona da Mata e apresenta características rurais com uma população que conserva práticas agrícolas e modos de vida tradicionais que, ao mesmo tempo, incorpora o moderno, o que sinaliza para um processo de “rurbanização”.

A intenção em pesquisar o universo rural surgiu quando eu era estudante de graduação atuando em projetos de extensão rural, os quais me possibilitaram uma aproximação de temáticas rurais. Tanto a vivência empírica quanto a incursão teórica ajudaram a despertar meu interesse para as discussões sobre o rural. Na mesma ocasião em que participava dos projetos de extensão universitária tive oportunidade de exercer atividades junto a pastoral da juventude<sup>1</sup>, experiência que me fez aproximar do universo juvenil. Essa vivência me levou para diferentes municípios da Zona da Mata mineira, dentre os quais Porto Firme. As atividades junto à Pastoral da Juventude tinham como objetivo o acompanhamento de jovens na elaboração de seus projetos de vida. Foi neste contexto que pude identificar que nos projetos de vida daqueles jovens aparecia nitidamente a opção pelo casamento. A posição dos jovens em relação à importância do casamento e o desejo de construir um novo núcleo familiar apresentavam-se associados a valores e representações que despertaram meu interesse em problematizar e refletir aquelas questões em um trabalho de pesquisa.

A princípio a intenção era desenvolver um estudo sobre o significado do casamento para os jovens rurais. Entretanto, o aprofundamento teórico permitiu-me perceber que o tema poderia ser mais explorado se trabalhasse com as famílias rurais e não somente com os jovens rurais. Tendo como referência estudos como o de Woortmann (1995), que demonstram que em comunidades rurais o casamento possui uma forte conotação de interesses por parte dos cônjuges em relação à propriedade

---

<sup>1</sup> A Pastoral da Juventude do Brasil é uma organização de jovens ligados à Igreja Católica. Está organizada a partir de grupos de jovens presentes em paróquias, escolas, favelas e periferias das grandes cidades e meio rural. Possui coordenações em diversas instâncias, formando uma grande rede nacional.

de terra, assumi a opção em trabalhar com proprietários rurais do município de Porto Firme.

Neste sentido o trabalho que ora apresentamos tem como objeto de estudo o significado do casamento para as famílias proprietárias de terra, analisado em um contexto social específico, ou seja, o município de Porto Firme onde o rural se apresenta em contínuo processo de construção e mudanças.

Num cenário de mudanças no meio rural e, sendo unidade privilegiada de encontro e reprodução de valores tendo em vista que o casamento vai além de um ritual, essa pesquisa tem a seguinte questão norteadora: Mudanças no cenário rural modificam o significado do casamento para famílias que têm ligação direta com a terra? A partir dessa questão, eleita como direcionadora da pesquisa, esse trabalho tem como objetivo geral: Analisar os significados atribuídos ao casamento por famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais, à luz dos contextos socioeconômicos historicamente construídos. E, de modo específico: caracterizar socioeconomicamente as famílias que compuseram a amostra da pesquisa; investigar o significado do casamento em contextos sócio-históricos específicos vivenciados pelas famílias; problematizar possíveis mudanças e permanências em relação ao casamento e seu significado e verificar se mudanças ocorridas na reprodução econômico-social se fizeram acompanhar por mudanças no significado atribuído ao casamento.

Para melhor compreensão do nosso trabalho optamos em apresentar as discussões por meio de artigos. Nesse sentido, elaboramos quatro artigos, a saber: Artigo 01 – Famílias e casamentos em processo de mudança: do urbano ao rural; Artigo 02 – Os atores sociais no contexto de um rural em mudanças; Artigo 03 – Família e significado do casamento na roça; Artigo 04 – Casamento na roça: uma etnografia.

## **2 – ARTIGO 01 – FAMÍLIAS E CASAMENTOS EM PROCESSO DE MUDANÇA: DO URBANO AO RURAL**

### **Resumo**

Esse trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão teórica com o propósito de subsidiar o desenvolvimento de um estudo mais amplo cujo objetivo principal foi a análise dos significados do casamento na roça no contexto das novas ruralidades. Em um primeiro momento apresentamos reflexões oriundas de estudos e autores que discutem a temática da família e suas transformações. Na sequência estabelecemos uma discussão sobre o rural brasileiro, mudanças ao longo do tempo e suas possíveis repercussões sobre a família rural. As mudanças sociais implicaram em uma reestruturação das famílias, tanto no que se refere à organização interna como também no número de membros que a compõem. Tais mudanças resultaram em modificações nos papéis conjugais e na forma de produção e reprodução familiar. O que ocorre são novas apropriações de arranjos familiares que não se contrapõem aos modelos já existentes, mas modificam a forma como interpretamos o conceito de família.

## 2.1 – Introdução

O conceito de família é plural, podendo seu significado se restringir tanto ao núcleo familiar básico quanto ao grupo de indivíduos ligados entre si por laços de parentesco, consanguinidade, consensuais ou jurídicos. Tais relações podem variar de cultura para cultura e de uma classe social para outra. Nas sociedades do início do século XX presenciamos um modelo familiar constituído pelo casal e seus filhos solteiros. No entanto, sabemos que essa configuração de família sofreu várias transformações, e na atualidade são raras as famílias que se enquadram nesse modelo (THERBORN, 2006).

Nas décadas de 60 e 70 as mudanças na estrutura familiar foram inevitáveis, principalmente a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho e da possibilidade da contracepção garantida por métodos anticoncepcionais artificiais. As inovações tecnológicas e a diversificação de atividades desempenhadas por mulheres no mercado de trabalho modificaram consideravelmente a estrutura familiar e consequentemente as relações maritais. Tais aspectos possibilitaram à mulher maior independência, inclusive sexual, a partir do momento em que a sexualidade não mais estava atrelada à reprodução. A maior independência financeira e a possibilidade em controlar o seu corpo, principalmente em relação à escolha em ser mãe, propiciou à mulher uma maior independência e consequente desvinculação do sexo das relações conjugais. Essas transformações imputaram mudanças no estilo de vida da família.

As transformações e as mudanças após a década de 60 na dinâmica familiar tiveram repercussão em todos os aspectos: sociais, jurídicos e econômicos. No campo social houve modificações na estrutura da família que repercutiram no modo de vida da sociedade. No campo econômico a nova dinâmica da mulher proporcionou uma maior assimilação da mão de obra feminina no mercado de trabalho. Juridicamente foram assegurados direitos às mulheres e à família tanto no que tange aos direitos trabalhistas como também nos aspectos do casamento e do divórcio.

Nossa intenção é fazer uma discussão acerca dos fatores de mudanças que implicaram em transformações na estrutura familiar, objetivando uma reflexão sobre as mesmas no sentido de entender suas influências no estilo de vida das famílias, principalmente em relação ao casamento. De modo geral, apresentamos as mudanças

sociais e suas relações com as novas configurações e dinâmicas familiares procurando entender o significado do casamento, especificamente no meio rural brasileiro.

## **2.2 – Mudanças sociais e suas relações com as dinâmicas familiares**

Recorremos a uma seleção de autores que pudessem nos ajudar a contextualizar as mudanças sociais que se relacionam com as transformações ocorridas na família. Segundo Theirborn (2006) o patriarcado marcou o modelo de família do início do século XX. Nessa configuração, a figura paterna tinha total poder sobre os demais membros da família. Tal modelo implica no poder do pai sobre a filha (do pai sobre o filho era uma versão mais suavizada daquela exercida sobre a filha) do marido sobre a mulher, tendo o homem o direito, não institucionalizado, da poliginia e do adultério. O poder paterno era expresso através das normas de representação sobre os demais membros e nas decisões sobre suas vidas. À mulher cabia o papel de submissão ao marido, com suas ordens cumpridas sem questionamentos, cabendo inclusive àquele a decisão sobre o trabalho que ela poderia desempenhar.

Até os anos de 1960 a noção de família se pautava em papéis no qual o homem era o responsável por sustentar a casa e defender a honra de seus membros e a mulher tornar a casa um local de trocas afetivas e agradável prezando pelo bom convívio, ou seja, cuidado dos filhos e do marido, compondo o retrato perfeito da ‘família feliz’. O casamento era super valorizado uma vez que possibilitaria a realização de tais desejos, mesmo que alguns desses objetivos não fossem cumpridos (PEIXOTO et.al., 2000).

Estudos como o de Gelinski e Ramos (2004) apontam a passagem da economia agrária para a urbano-industrial como um dos marcos históricos que impulsionaram a entrada da mulher no mercado de trabalho. Com o advento da industrialização e consequente mecanização do campo, famílias que antes residiam no rural se viram obrigadas a migrar para a cidade em busca de empregos. A dinâmica urbana exigiu das mulheres uma modificação no estilo de vida.

Segundo Beltrão (1962), com a industrialização a família perdeu características que lhes eram próprias principalmente no que se refere aos aspectos

econômicos já que antes essa família consumia aquilo que era produzido na própria propriedade. A industrialização e consequente migração para os centros urbanos fez com que os indivíduos passassem a vender sua mão de obra para garantir a subsistência. Neste contexto a família deixa de ser produtora e passa a ser consumidora de bens e serviços.

Nessa nova dinâmica, a mulher foi se inserindo no mercado de trabalho para ajudar a sobrevivência do núcleo familiar como também buscar sua realização pessoal. Mesmo em casos em que a mão de obra feminina é desqualificada quando comparada à mão de obra masculina, que conquistava os melhores postos de trabalhos e recebiam melhores salários, as mulheres vêm paulatinamente rompendo com a identidade exclusiva de ser mãe de família e “dona de casa”. Esse rompimento fragilizou a estrutura familiar tradicional ao mesmo tempo em que exigiu da família adaptação à nova realidade.

Diante dessas mudanças, Wagner et.al. (2005) mencionam uma tendência onde o casal moderno inicia uma divisão de tarefas entre as quais a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos, que outrora era exclusividade da mulher, e a manutenção financeira, que antes era uma responsabilidade do homem.

No entanto não podemos afirmar que essas mudanças ocorrem de modo semelhante em todas as famílias, pois são vários os modelos e configurações existentes atualmente, gerando diversas mudanças em seu modo de vida e na divisão de tarefas entre seus membros. Há, por exemplo, famílias chefiadas exclusivamente por mulheres que assumem para si o cuidado da casa, dos filhos e sua sobrevivência financeira. Essas realidades familiares nos levam a refletir um pouco mais sobre a participação da mulher em atividades antes vistas somente como masculinas e suas implicações nas estruturas familiares.

As famílias atuais, que aqui denominamos de pós-modernas, não estão em dissonância completa com a família “moderna”, na medida em que nela continua se impondo a lógica do amor, porém os conjugues só ficam juntos sob a condição de

continuarem se amando. A família pós-moderna se distingue da moderna pela maior importância dada ao processo de individualização<sup>2</sup> (PEIXOTO et al, 2000).

Como percebemos, a família se modificou assumindo novos padrões. Segundo Vaitsman (1994), “(...) o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas”. A família assume outras conformações e a idéia de um único modelo não dá mais conta de abarcar os diferentes aspectos da nova dinâmica familiar pós-moderna. Uma estrutura familiar que tem crescido nos últimos tempos é a família monoparental, formada pelo pai e seus filhos ou pela mãe e seus filhos. Na maioria das vezes são famílias desencadeadas do processo de divórcio ou separação. A esse modelo também se enquadram as famílias nas quais um dos pais é solteiro e o outro não assumiu a filiação. Outra configuração de família desencadeada pelo processo de divórcio ou separação é denominada “família reconstituída”, a qual embora não constituindo um fenômeno novo vem crescendo nos últimos tempos. Formada por casais em segunda união onde ambos ou um deles possuem filhos do primeiro casamento sendo possível o surgimento de outros filhos dessa segunda união. Há também casais que mantêm vínculos, mas não coabitam numa mesma casa. A maioria dessas uniões segundo Hintz (2001) é formada por casais divorciados que preferem evitar conflitos entre os filhos. Outra forma de configuração familiar surgiu entre casais que preferem não formalizar a união optando pelas uniões consensuais ao invés do matrimônio legal. Esse tipo de compromisso é encontrado tanto em casais que estão em uma primeira união quanto em casais que estão reconstituindo suas famílias (HINTZ, 2001).

Como expressão de um processo de individualização em ascensão na pós-modernidade estudos como o de Mattozinhos (2006), afirmam que

Nos últimos anos no Brasil, tem-se verificado nas pesquisas domiciliares um aumento da proporção dos arranjos unipessoais. Isto é um reflexo de alguns fatores demográficos, tais como a

---

<sup>2</sup> O processo de individualização perpassa duas etapas a autonomia e a independência. Sendo a independência, principalmente a independência financeira do grupo social de origem e a autonomia o conhecimento do espaço no qual o indivíduo está inserido (PEIXOTO et. al., 2000).

queda da fecundidade, a urbanização, o aumento do trabalho feminino e o crescimento do número de separações conjugais”. (MATTOZINHOS, 2006, p. 21)

Nas últimas décadas presenciamos várias discussões sobre a ‘crise’ da família relacionada à baixa taxa de fecundidade, o aumento da esperança de vida ao nascer, o aumento da população idosa, o declínio do casamento e a suposta banalização do divórcio (PEIXOTO et. al. 2000). Segundo as autoras o que presenciamos não foi um enfraquecimento da instituição familiar, mas assistimos a formação de novos modelos familiares, marcados por essas transformações sociais, principalmente por mudanças nas relações entre homens e mulheres vistas de uma maneira mais igualitária. Nessa perspectiva os indivíduos se tornaram mais autônomos, o que Peixoto et.al. (2002) denominam de família ‘individualista e relacional’.

Neste contexto o elemento central da família deixa de ser o grupo reunido, passando a ter mais atenção os membros que a compõem, transformando o ambiente privado a serviço do indivíduo. Sem dúvida, diversos fatores externos ao grupo familiar advindos das modificações cultural e econômica, da aquisição tecnológica, de novos valores sociais e religiosos levaram à modificação da estrutura familiar, provocando nos indivíduos a necessidade de se adequarem internamente, reformulando seus valores familiares e individuais (HINTZ, 2001).

Segundo Hintz (2001) esses fatores têm contribuindo para formar um novo tipo de família: a associação, que é composta por amigos sem graus de parentesco, muito comumente conhecida como repúblicas em cidades tipicamente universitárias. Uma dissonância desse modelo apontado por Hintz está em classificar tal agrupamento como família. No nosso entendimento essa seria uma unidade doméstica, porém sem possibilidade de ser classificada como família, por não manterem obrigatoriamente entre si os laços consangüíneos e ou afetivos.

### **2.3 – Principais mudanças ocorridas em relação ao casamento na formação de novas unidades familiares**

Apesar de todas as mudanças ocorridas ao longo do século XX serem expressivas, elas não foram suficientes para por fim ao patriarcalismo. Uma das maiores expressões é o poder paterno sobre o casamento dos filhos. Em várias localidades do mundo é o pai que escolhe e decide sobre a vida de suas filhas (THEIRBORN, 2006).

Segundo Rubin (1993) o termo patriarcado é introduzido para “diferenciar as forças que mantêm o sexismo de outras forças sociais como, por exemplo, o capitalismo”. Nesse sentido é necessário “fazer uma distinção entre a necessidade e a capacidade humana de criar um mundo sexual e as formas empíricas opressivas no qual o mundo sexual tem sido organizado”. O patriarcado é então uma forma específica de dominação masculina.

Apesar das evidências de que o padrão cultural ainda hoje é da superioridade da figura masculina, sabemos que as mulheres não têm mais ocupado somente a função de cuidar e educar os filhos e esse é um motivo para que muitos retardem cada vez para mais tarde a possibilidade de serem pais. O novo papel da mulher na sociedade modifica sobremaneira a estrutura e o ciclo de vida familiar. “Estatisticamente quanto mais instrução uma mulher tem, e quanto melhor o seu trabalho, menos provável que se case. Para os homens acontece exatamente o contrário” (MCGOLDRICK, 2001).

Em uma pesquisa sobre a conjugalidade em Minas Gerais, Melo e Melo (2008), afirmam que as mineiras estão se casando menos e mais velhas. Isso se deve ao lugar ocupado pelo casamento no ciclo de vida, no qual as mulheres, ao dissociarem sexo de reprodução, iniciam sua vida sexual mais cedo e se casam mais tarde. Antes visto como um marco de passagem entre a vida jovem e o mundo adulto, agora, o casamento reflete uma continuidade da vida adulta.

McGoldrick (2001) enfatiza que “tornar-se um casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar”. A essa afirmação acopla-se a desconstrução da idéia de casamento como eterna felicidade, como fora socialmente construído. As mudanças nas estruturas da sociedade, como a entrada da mulher no

mercado de trabalho e a inserção de métodos contraceptivos nos desafiam a pensar o casamento sobre uma nova perspectiva. O casamento, na modernidade, requer que o casal negocie seus interesses individuais de modo conjunto.

O mesmo autor afirma que o divórcio é o maior rompimento no ciclo de vida familiar. As tarefas do ciclo de vida se tornam mais complexas após o rompimento devido às fases paralelas a esse processo. Peck e Manocherian (2001) afirmam que quando uma família consegue contornar a crise e negociar as experiências que precisam ser vivenciadas ela conseguirá um processo mais estável que facilitará o curso familiar mais harmônico.

De acordo com Holmes e Rahe (1967) citado por Peck e Manocherian (2001), entre os eventos estressantes o divórcio vem em segundo lugar, perdendo apenas para a morte de um dos cônjuges. O desafio familiar após o divórcio é o de reestruturar e organizar a vida familiar, sem, no entanto se desmantelar.

O divórcio atualmente vem sendo realizado em taxas maiores, mostrando sua aceitabilidade social em contraposição a épocas anteriores, na qual havia intensa discriminação social a essa prática. Conforme os dados do IBGE (2008) esse percentual tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. O número de divórcios no país chegou a 179.324. Em contrapartida, segundo o mesmo instituto, o número de casamentos vem crescendo desde 2003. Em 2007, segundo dados do IBGE (2008) foram realizados no Brasil 916.006 casamentos, evidenciando-se um aumento de 2,9% em relação ao ano de 2006.

Tais dados permitem afirmar que a instituição do casamento tende a permanecer, mesmo considerando as diversas mudanças nas configurações familiares que devem ser entendidas pelos novos estudos no sentido de compreender a nova dinâmica social.

Para Lévi-Strauss (1972), mesmo que alguns antropólogos caracterizem a família como uma união duradoura, socialmente aprovada, entre um homem e uma mulher e seus filhos, constituindo um fenômeno universal, presente em todo e qualquer tipo de sociedade há em alguns agrupamentos sociais a tendência em não haver a existência de laços familiares. Nesse caso, o casamento é uma cerimônia meramente simbólica do qual não poderia resultar em nenhum laço perpétuo entre o

homem e a mulher. Entre os Naires, (que vivem na costa Malabar, na Índia), era permitido às mulheres terem quantos amantes quisessem. Essa relação permitia aos homens ficar livres para exercerem suas atividades militares. Para o autor, tal costume permitia à família caminhar lado a lado com a promiscuidade. O caso dos Naires, segundo Lévi-Strauss, pode ser uma das tendências assumida e vivenciada na sociedade moderna.

O estudo da família está intrinsecamente relacionado ao estudo do casamento. Para Lévi-Strauss o casamento pode ser monogâmico ou poligâmico, sendo o casamento monogâmico o mais encontrado nas sociedades humanas. O mesmo autor afirma que entre as sociedades poligâmicas existem aquelas que o são em sua totalidade e as que fazem uma diferenciação entre a primeira esposa, a qual o homem reserva todos os direitos, e as demais mulheres, que são na verdade um grau dissociado, mas muito semelhante às concubinas.

Nas sociedades modernas as razões de ordem econômica, religiosa e moral influenciam na configuração monogâmica do casamento. Entretanto as sociedades possuem regras para estabelecer a diferenciação entre as uniões livres e a união legítima. Quase todas as sociedades atribuem alto grau de distinção ao ser casado. “Embora o casamento dê origem à família, são as famílias que produzem o casamento, como principal expediente legal de que dispõem para estabelecer alianças entre si” (LEVI-STRAUSS, 1972, p. 317).

Diante do exposto nos ancoramos nos estudos de Rubin (1993) para fazer uma releitura do trabalho de Lévi-Strauss que, segundo a autora, poderia receber uma dura crítica sob a interpretação de uma posição feminista. No entanto, a mesma autora esclarece que o trabalho de Lévi-Strauss

fornece instrumentos conceituais com os quais é possível construir descrições da parte da vida social que é o nosso lócus da opressão das mulheres, das minorias sexuais e de determinados aspectos da personalidade humana nos indivíduos. À falta de um termo mais elegante, nomeio este aspecto da vida social de ‘sistema de sexo/gênero. Adoto como definição preliminar de um ‘sistema de sexo/gênero’: um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas. (RUBIN, 1993. p.2)

Para a autora supracitada o que Marx define como “elemento histórico moral” é o que determina que uma esposa seja uma necessidade de um trabalhador, partindo do pressuposto que sejam dela as tarefas domésticas. Sendo assim, segundo Gayle Rubim (1993), é esse ‘elemento histórico e moral’ que se acoplou ao capitalismo fazendo com que a sexualidade tenha formas de ser masculina ou feminina e é neste que se encontra o domínio do sexo e da opressão sexual.

#### **2.4 – O significado do casamento rural e suas interlocuções no modo de produção e reprodução familiar em meio às novas ruralidades**

Com a modernização da agricultura a população que vivia no campo foi aos poucos modificando o seu modo de ser e produzir, sem, contudo, perder sua identidade. Sendo assim, a permanência de traços culturais tradicionais não se coloca em contraposição à modernização do campo. O agricultor se tornou uma figura que assimila técnicas modernas sem que isso signifique um simples processo de aculturação. Romper com a lógica de olhar para o “rural atrasado” em contraposição ao “urbano moderno” permite visualizar o rural como espaço em transformação e que encontra saídas para a crise frente à intensa modernização. (CARNEIRO, 1997).

Carneiro (1997) enfatiza que as mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transformaram as categorias “rural” e “urbano” em uma representação simbólica. Nesse sentido é que a autora afirma que a delimitação entre urbano e rural não é algo tão simples de ser feita, uma vez que as fronteiras entre um espaço e outro são tênues. No entanto, não podemos afirmar que o rural está passando por um processo único de transformação, pois as mudanças variam em função da população e o modo como essa reage à modernização da agricultura. É necessário romper com a idéia de uma única cultura urbano industrial para perceber e avaliar as mudanças pelas quais a população rural estaria passando ao longo dos anos.

Nesse mesmo sentido Favareto (2007) afirma que a evolução do espaço rural e urbano não pode ser compreendida sem reconhecer as suas interdependências. Faz-se necessário interrogar se as mudanças atuais no rural têm um significado sobre as trajetórias de urbanização. Durante certo período da construção dos conglomerados humanos o campo exercia influência sobre a cidade, diferentemente do que se tem atualmente, no imaginário coletivo, onde há uma dependência do campo em relação

à cidade. No cenário rural apresentado notamos que, em alguns casos, o fenômeno de urbanização fez com que o campo deixasse de ser meramente exportador de matérias e passasse a dar lugar a uma diversificação e integração das economias, sendo em algumas realidades consumidor de mão de obra urbana.

De acordo com Froehlich (2002) a característica da contemporaneidade é, não somente a mobilidade espacial, mas, sobretudo, simbólica que permite ao indivíduo mover-se em diferentes escalas temporais e culturais e, assim, ter um diversificado sistema simbólico que segundo o autor define a identidade social. Portanto, é a diferenciação dos códigos simbólicos num mesmo grupo, localidade ou família que possibilita afirmar que não existe um único modo de ser dos indivíduos relacionados com a territorialidade ou mesmo a um grupo específico. O espaço rural não é único, mas sim um universo plural.

Nesse sentido, segundo o mesmo autor:

A ruralidade pode ser pensada como um conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão do mundo que orienta as práticas sociais distintas em ambientes culturais heterogêneos. O rural não pode ser interpretado, portanto, apenas como a penetração ao urbano – industrial naquilo que se definia convencionalmente como rural, mas igualmente pelo consumo – realizado pela sociedade urbano industrial – de bens simbólicos e materiais de práticas culturais reconhecidas como próprios do dito mundo rural. Assim a ruralidade pode ser vista como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos das culturas locais com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas (FROEHLICH, 2002. p.3).

Sendo assim, as mudanças ocorridas em relação à urbanização influenciaram no modo de ser e viver da população rural. Tanto as relações de trabalho, com a modernização da agricultura, quanto as relações interpessoais sofreram influências desse processo de aproximação entre rural e urbano ou, se preferirmos, entre campo e cidade.

É possível afirmar que a modernização da agricultura recria as relações sociais. Mota (2005) enfatiza que os sujeitos recriam suas relações e as rupturas e continuidades se entrelaçam para formar novos espaços onde os atores projetam suas identidades individuais e coletivas. Falar em modernização da agricultura não

significa de modo algum fazer generalizações como se todo o campo brasileiro tivesse passado por um mesmo processo de modernização no qual as interações dos sujeitos com as mudanças se fizessem de forma homogênea. Carneiro (2005) ao discutir as mudanças na agricultura brasileira, reconhece a participação das atividades não agrícolas no cenário da modernização agrícola. A autora afirma que as mesmas compõem o cenário rural desde tempos remotos e, por isso, referir-se apenas às atividades puramente agrícolas seria um grande equívoco. Em várias localidades do país atividades como o artesanato, a produção de doces entre outras, sempre fizeram parte do contexto rural. A autora nos auxilia nessa discussão ao afirmar que:

É a combinação de fatores externos e internos à dinâmica familiar que darão sentido e significado às práticas não agrícolas por parte das famílias de agricultores. Nesse sentido, ela é um recurso que pode se enraizar como mecanismo de reprodução social das famílias, desde que determinadas condições permaneçam, indicando que uma nova forma de realização da agricultura familiar estaria sendo engendrada. Por outro lado, a pluriatividade pode ser praticada em determinadas situações e ser abandonada posteriormente tanto para o retorno à prática exclusiva da agricultura (o que não parece ser a tendência atual) quanto para ser substituída por outras estratégias familiares como, por exemplo, a de abandono definitivo da atividade agrícola. (CARNEIRO, 2005. p.6)

Conforme nos aponta Carneiro (2005) é a dinâmica familiar que dá sentido e significado às práticas agrícolas e não agrícolas. Novas práticas culturais são incorporadas à vivência dos agricultores, fruto das modificações na agricultura, ficando cada vez mais difícil evidenciar o rural apenas como um espaço, pois as mudanças nas relações e nas formas de trabalho transformam a noção de rural e urbano em categorias simbólicas.

Wanderley (2001), ao discutir a noção de *continuum*, evidencia que essa se apresenta entre os estudos rurais sob duas perspectivas. A primeira versa sobre a idéia de dois universos distintos que se relacionam, no qual o rural perde sua identidade e tende a se dissolver em meio à aproximação com o urbano. A segunda traz em si a discussão de uma aproximação do rural com o urbano no qual as trocas ocorrem e ambos (rural e urbano) incorporam práticas dessa interação. Sendo assim, na segunda perspectiva, sob a qual nos apoiamos nessa pesquisa, a idéia de

*continuum* se dá ao se aproximarem rural e urbano, ou seja, tanto o rural incorpora aspectos urbanos como o urbano também incorpora aspectos rurais.

A autora em questão reforça a permanência do rural enquanto um espaço integrado, um ator coletivo, mas chama atenção para o fato de se tratar de um espaço específico e diferenciado. Mesmo havendo semelhanças nos modos de vida a significação que os membros desse espaço dão às suas práticas reiteram diferenças significativas que repercutem diretamente nas identidades sociais.

Nossa posição sobre o espaço rural se aproxima da autora supracitada. Ao nos referirmos ao rural, entendemos um espaço socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao conjunto das relações. Não faz parte da nossa compreensão a existência de um rural isolado, autônomo em relação à sociedade, que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução.

Como pesquisadoras analisamos o rural com categorias que busquem ressignificar os arranjos familiares encontrados. Segundo Carneiro (2008) “a família apresenta uma estrutura flexível, plástica, passível de incorporar novos valores e criar novas percepções práticas” (CARNEIRO, 2008, p.258). Essa definição é fundamental para entender a plasticidade da família frente às mudanças ocorridas no rural brasileiro. Tais mudanças não são fruto somente de fatores externos ao núcleo familiar, mas também internos. A autora afirma que novos valores podem ser formulados assim como antigos valores podem ser resgatados em busca de respostas às mudanças na família.

Na agricultura familiar o papel e a organização da família é fundamental para a sua reprodução social e econômica. Os estudos de Woortmann (1995) enfatizam a importância do casamento enquanto um valor cultural para constituição de novas unidades familiares e sobrevivência da agricultura. “Entre os camponeses o casamento não é uma simples questão de escolha individual; a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Trata-se de um *affaire de famille* (WOORTMANN, 1995, p.157).

A autora supracitada afirma que ao contrário dos casamentos contemporâneos, em seu estudo realizado em 1995, foram identificadas uniões realizadas a partir dos interesses das famílias dos noivos em duas regiões do Brasil.

Tanto entre os colonos do sul quanto entre os sitiantes do nordeste foram encontrados traços comuns relacionados aos casamentos, os quais em sua maioria eram arranjados por figuras conhecidas como ‘casamenteiros’. Tais casamentos tinham como objetivo manter as terras dentro das famílias de origem, o que justificava a união entre primos. A escolha do cônjuge tinha como principal interesse manter as terras sob um mesmo domínio de parentesco. A terra, vista como um bem familiar, passada de pai para filho ao longo das gerações, se constituía como ponto importante para a escolha do parceiro. A escolha do cônjuge, regulada pelo domínio das terras, resultava nos casamentos entre parentes. Este estilo de casamento, entre primos, permitia que a terra continuasse sob o domínio de uma mesma família, prática comum entre os camponeses tradicionais.

Nos estudos de Fortes (1974) sobre o ciclo do desenvolvimento do grupo doméstico; o casamento é apresentado como aquele que “precipita a cisão e a divisão econômica correspondente, no grupo doméstico original de um dos cônjuges, o qual se afasta do grupo” (FORTES, 1974, p.3). Ao romper com o ciclo de desenvolvimento da família da qual se originaram, o casal inicia o processo de formação de uma nova unidade familiar.

A formação das novas unidades familiares, conforme nos apontam os estudos de Woortmann (1995), visava a manutenção do patrimônio e sobrevivência dos agricultores. Uma preocupação dos mesmos dizia respeito à perda do patrimônio, uma vez que a divisão das terras entre os herdeiros poderia comprometer a reprodução social daquela família agrícola. Assim, o casamento entre parentes se justificava por unir duas frações de uma mesma terra familiar permitindo a continuidade e sobrevivência da agricultura e dos agricultores.

Segundo Mauss (1967) citado por Woortman (1995), “a propósito da dádiva, a terra é ao mesmo tempo, um pouco coisa e um pouco pessoa, e as pessoas são um pouco coisa da casa ou do sítio. A terra é a concretude da descendência e o casamento a prática que a reproduz” (MAUS, 1967, apud WOORTMAN, 1995, p.180).

A realidade apresentada por Woortmann (1995) estabelece proximidade com os estudos realizados por Ludwig (2003) em Guaraciaba, região da zona da mata de Minas Gerais. Os estudos da pesquisadora mostram que nas comunidades rurais por

ela pesquisadas, a endogamia se fazia presente mesmo entre as gerações mais jovens e que o casamento, assim como em outras regiões do país, visava não só a reprodução, mas também a manutenção do patrimônio, ou seja, a terra. De acordo com os estudos de Woortmann (1995) e de Ludwig (2003) fica evidenciado que as relações endogâmicas não podem ser vistas apenas como uma forma de assegurar a reprodução econômico-social, já que a terra tem um significado mais amplo:

A terra é parte de uma ordem moral, mais que objeto de trabalho – o que é – ela é condição de realização do sujeito trabalhador; mais do que propriedade mercantil – não obstante ter valor de mercado – ela é o patrimônio de um tronco de um Sítio, isto é, de uma “linhagem”. Sob ambos os pontos de vista ela expressa o valor: família e hierarquia. (WOORTMANN, 1995, p. 311)

Ludwig (2003) relata que a endogamia, comum em sua área de estudos levava em consideração uma conjugação de interesses evidenciando os bens envolvidos. Conforme a autora apresenta em seus estudos a relação de casamento entre parentes tinha como objetivo assegurar a terra sob domínio de uma mesma família e também permitir aos agricultores uma parcela maior de terras, advindas dos dois cônjuges. Com a herança e partilha das terras, parcelas cada vez menores eram passadas de pais para filhos. Sendo assim, o casamento entre primos permitia a conjugação de áreas de terras oriundas das famílias de origem.

Woortmann (1995) afirma que na agricultura familiar tradicional o casamento desempenha outras funções além da reprodução, ele tem um caráter cultural, fundado nos valores das comunidades.

Segundo Mannheim (1981) “os indivíduos não criam padrões de pensamento segundo os quais concebem o mundo, mas os absorvem de seus grupos” (MANNHEIM, 1981, p.105). Sendo assim, mesmo diante das mudanças sociais pela qual o rural passou e ainda passa as tradições e os costumes, no nosso caso específico o casamento, tende a ser uma representação do grupo.

## **2.5 – Considerações finais**

As referências consultadas evidenciam as mudanças pelas quais tem passado a família. Notamos que mudanças sociais implicaram transformações familiares, com novos arranjos e configurações. Os lugares sociais construídos são relativizados em uma nova ordem estabelecida principalmente pelos novos papéis assumidos pela mulher. As mudanças também modificaram o lugar do casamento no ciclo de vida do indivíduo bem como o seu significado social. Atualmente o seu rompimento, ou seja, o divórcio é encarado como ruptura de um processo, mas que pode ser contornado e reestruturado dependendo da forma como a família lida com seus conflitos. Embora as estatísticas apontem para o aumento do divórcio o casamento cresce proporcionalmente, contestando a idéia de falência da instituição familiar.

No que se refere à realidade rural os estudos mostram que existe uma lógica para o casamento em comunidades tradicionais. Contudo, um rural em transformação também pressupõem mudança na configuração familiar. Em um novo contexto é de se esperar que mudanças possam ocorrer na família, já que como mostrou Carneiro (2008) essa apresenta uma estrutura flexível, plástica, passível a incorporar novos valores e criar novas percepções práticas.

## 2.6 – Referências Bibliográficas

BELTRÃO, Pedro Calderan. **Família e Política Social**. Rio de Janeiro: Agir, 1962, 316p.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades: novas identidades em construção**. In: Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural, Natal, agosto, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>> Acesso em: 12 Abr, 2009.

\_\_\_\_\_. **O ideal rurbano: Relação Campo Cidade no Imaginário de Jovens Rurais**. 1998. Disponível em: < <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/carne.rtf>>. Acesso em: 27 Ago. 2007.

\_\_\_\_\_. Juventude rural projetos e valores. In ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Abramo, 2005, p. 243 – 263.

CARNEIRO, Terezinha Féres. **Casamento Contemporâneo o difícil convívio da modernidade com a pós-modernidade**. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279721998000200014&lng=pt&nrm=iso&tl](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000200014&lng=pt&nrm=iso&tl). > Acesso em: 18/10/2008.

FAVARETO, Arilson. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007.

FORTES, Meyer. **O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico**. Brasília. Editora UNB, 1974.

FROELICH, José Marcos. A (Re) construção de identidades e tradições: O rural como tema e cenário. In: **Anais VI congresso de La Asociacion Latinoamericana de Sociologia Rural - ALASRU**, novembro, 2002.

GELINSKI, Carmen R Ortiz G; RAMOS, Ivoneti Silva. Mulher e família em mutação: onde estão os mecanismos de apoio para o trabalho feminino? **Revista Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, FEE, v. 4, p. 141-148, 2004.

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós modernidade**. 2001 Disponível em <<http://www.domusterapia.com.br/pdf/PF3HelenaHintz.pdf>>. Acesso em 18/10/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Anuário estatístico do Brasil – 2008. Disponível em: < [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) > Acesso em: 04 fev. 2009.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. **Descortinando a paisagem, a construção social do espaço e o sentido do lugar**. São Paulo, 2003

LEVI – STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1972.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Introdução a crítica à sociologia rural**. São Paulo, Hucitec, 1981, p. 77 – 131.

MATTOZINHOS, Márcia Chamarelli Pessanha. **A Nova Dinâmica Familiar: Características dos Arranjos Unipessoais no Brasil**. Rio de Janeiro, 2006, 84p.

MCGOLDRICK, Mônica. A união das Famílias Através do Casamento: O novo casal. In. **Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. São Paulo: ARTMED, 2001. Cap. 10, p. 184 – 205.

MELLO, Luciana; MELLO, Bianca. Longe do altar perto da escola. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 set. 2008. p. 23.

PECK, Judith Stern; MANOCHERIAN, Jennifer R. In. MCGOLDRICK, Mônica **Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. São Paulo: ARTMED, 2001. Cap. 15. p. 291 – 320.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; CICHELLI, Vincenzo; SINGLY, François de. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 196p.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. SOS corpo. Recife, Março, 1993.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900 a 2000**. São Paulo: Contexto, 2006, 510p.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WAGNER, Adriana; PEDREBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Rio Grande do Sul, v.21, n.21, Mai-Ago, 2005.

WANDERLEY, Maria. de Nazareth. Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: O rural como espaço singular e ator coletivo**. Inédito: Recife, 2001.

WOORTMANN, Ellen. F. **Herdeiros parentes e compadres**. São Paulo – Brasília: HUCITEC – Edunb, 1995, 336p.

### **3 – ARTIGO 02 – OS ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DE UM RURAL EM MUDANÇAS**

#### **Resumo**

Esse artigo é parte de um trabalho mais amplo cujo objetivo principal foi analisar os significados do casamento na roça no contexto das novas ruralidades a partir de uma pesquisa feita com proprietários de terra no município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais. Tal artigo apresenta os atores sociais que fizeram parte da pesquisa, o lugar social que ocupam e descreve as mudanças ocorridas nas relações de produção e reprodução das famílias a partir da análise do perfil socioeconômico das mesmas. Os dados foram coletados a partir da utilização de dados secundários, questionários, entrevistas, observação direta com registro em caderno de campo e documentação fotográfica no período de julho a dezembro de 2009. Os resultados apontam modificações, tanto na relação que os proprietários têm com a terra como também nas relações sociais. Tais modificações são ocasionadas não só pela aproximação entre rural e urbano, mas também pela inserção de novas culturas. As novas culturas integram a agricultura de subsistência, com a inserção de novos valores que ressignificam o modo de vida com repercussões na organização familiar. Da análise realizada conclui-se que a família continua desempenhando um papel fundamental no cotidiano daqueles que vivem no rural e que essa se encontra em um contínuo processo de mudança na sua forma, sobretudo no que diz respeito ao modo de produção e reprodução familiar.

### **3.1 – Introdução**

As comunidades rurais do município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais, são formadas por agrupamentos familiares com trajetórias de vida e experiências de trabalhos diferenciadas, mas que se assemelham no modo de compreensão da terra como um patrimônio local.

Com a modernização da agricultura e inserção de novas formas de produção, essas famílias também passaram pelo processo de migração de muitos de seus membros. No entanto, muitos mantêm os vínculos com o local de origem e é para onde, um número considerável, retorna ao se aposentarem. Dentre as trinta famílias proprietárias de terra, deparamos com famílias que também residiram em outros municípios e após se aposentarem retornaram para as comunidades de origem. Essa dinâmica se traduz em um rural envelhecido nos quais os jovens tendem a migrar a procura de melhores condições de trabalho ao passo que os idosos permanecem ou retornam.

Entretanto, mesmo sendo considerável o número daqueles que migram para outros municípios a procura de melhores condições de vida, principalmente em função do emprego, encontramos também muitos que optaram em ficar no campo, dentre esses, principalmente os que possuem terra e condições de trabalhar. Dentre as atividades produtivas a que mais se destaca é o cultivo do eucalipto. Segundo relato dos entrevistados o eucalipto aparece como o segundo maior gerador de renda entre as famílias, perdendo apenas para aposentadoria.

É nesse cenário de um rural em constantes transformações que pretendemos de modo geral descrever o perfil socioeconômico das famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais. Especificamente descrever a área de estudo destacando a reprodução econômica e social das famílias; analisar os aspectos de sociabilidade nas comunidades estudadas e identificar possíveis mudanças em relação ao modo de produção e reprodução econômico e social.

## 3.2 – Metodologia

### 3.2.1 – Área de estudo

Este estudo foi desenvolvido junto a famílias proprietárias de terra de Porto Firme, um pequeno município situado na micro região de Viçosa, Zona da Mata de Minas Gerais. Esta região situa-se ao sudoeste do estado de Minas Gerais, estabelecendo proximidade com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. É Formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões (figura 01): Viçosa, Ponte Nova, Ubá, Juiz de Fora, Cataguases, Muriaé e Manhuaçu.



Figura 01: Mapa das micro-regiões da Zona da Mata Mineira  
Fonte: <http://www.minas-gerais.net/diretorio/catimages/mapa-zonadamata.gif>

De acordo com historiadores, a ocupação da zona da mata foi realizada em meio a muitas dificuldades, primeiramente pela resistência dos primeiros habitantes, índios botocudos<sup>3</sup> e segundo pelo relevo ondulado e acidentado. Até o século XVIII o povoamento se fez ao longo dos vales, porém as ocupações ocorriam timidamente uma vez que a coroa portuguesa tentava impedi-las visando proteger as minas.

Com o início do declínio da mineração viu-se a necessidade de abrirem novos caminhos em busca do ouro. Primeiramente ocorreu a abertura do “caminho novo”

---

<sup>3</sup> A historiografia consultada, relevante no que se refere aos dados pesquisados, apresenta uma visão etnocêntrica em relação aos índios botocudos.

região fortemente vigiada pela colônia Portuguesa. Após o declínio do ouro, a população deslocou-se das vilas auríferas para a zona da mata. Com o decréscimo da mineração crescia o interesse por terras para o cultivo. Assim foram surgindo os pequenos povoados.

Segundo Oliveira (2001), a história do povoamento de Porto Firme se deu com a chegada do desbravador João Siqueira Afonso, vindo de São Paulo a procura de metais preciosos. O desbravador chegou por meio do rio Guarapiranga, desde a região de Vila do Carmo e Vila Rica, hoje denominados Mariana e Ouro Preto respectivamente, estabelecendo-se à margem direita do rio. Tapera foi o nome do povoado até o ano de 1864 quando a localidade elevou-se a categoria de distrito, recebendo o nome de Porto Seguro. Esse nome foi devido ao aparecimento das canoas e dos canoeiros sob comando de um fazendeiro, o Capitão João Batista de Araújo Silva, dono da “Fazenda do Porto”. Em 1943 a denominação foi mudada para Porto Firme. Essa mudança ocorreu em decorrência do nome ser igual ao de outro município no estado da Bahia, motivo pelo qual algumas cartas teriam sido extraviadas.

O Município (figura 02) possui um território de 285,01 Km<sup>2</sup>, fazendo limites com os municípios de Viçosa, Paula Cândido, Piranga, Ponte Nova e Guaraciaba. De acordo com os dados do IBGE (2008), o município tem uma população de 10.857 habitantes, dos quais 22,96% se encontram na área rural.



Figura 02: Localização do município de Porto Firme – MG  
Fonte: [www.wikipedia.org.br](http://www.wikipedia.org.br)

De acordo com dados do IBGE (2005), 33,52% do setor econômico do município de Porto Firme é proveniente das atividades agropecuárias. Do restante, 32,36% são atividades relacionadas à administração pública, 26,08% ao setor de serviços e 8,04% a atividades relacionadas à indústria. Ainda segundo o IBGE até o ano 2000 a população rural ultrapassava a urbana ocorrendo a inversão em 2007. Apesar de grande parte da população ser classificada como urbana, é comum ver entre os moradores situações e características que nos fazem crer se tratar de um município rural. Pelas ruas da cidade (figura 03) nos deparamos com cavalos, charretes, pessoas carregando enxadas, foices e outros instrumentos utilizados no trabalho rural. Também em várias casas é comum a presença do fogão a lenha e produtos *in natura*, oriundos das propriedades rurais.



Figura 03 – Ruas da sede do município  
Fonte: Trabalho de campo, 2009.

Por se tratar de um município com ares rurais, não nos é possível fazer uma delimitação clara entre “roça” e “cidade” e, segundo depoimentos de moradores locais, a diferenciação é feita por meio da localidade:

Aqui é roça, é diferente da rua, tem mais árvore, tem barro, se dá sol dá poeira, isso faz com que aqui seja uma roça. Lá é cidade, por causa do asfalto, quando você vê uma estrada sem ser asfaltada pode saber que é roça. Onde tiver asfaltado tudo é rua, tudo é cidade. *(Rosa, solteira 22 anos)*

Por esse depoimento notamos que a diferenciação entre roça e cidade, ou se preferirmos rural e urbano são distinções aparentemente fáceis de serem feitas, porém outros elementos como estilo de vida, modo de produção, organização social, dentre outros nos apontam para universos que, segundo Carneiro (2005), se apresentam com fronteiras tênues onde a diferenciação não é algo tão simples de ser feita. É nesse mesmo sentido que Veiga (2002) afirma que o Brasil é “menos urbano do que se calcula”. Para além de dados censitários, o autor analisa as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e cultural. O mesmo afirma que urgência em mudar o pensamento brasileiro sobre as tendências da urbanização e de suas implicações sobre as políticas de desenvolvimento que o Brasil deve adotar. O autor considera como rural os municípios com até 50 mil habitantes. Partindo desse pressuposto, afirma que 80% dos municípios brasileiros se encaixam nessa faixa, o que lhe permite afirmar que 4.485 municípios são rurais. Foi com base em estudos de Carneiro (2005) e de Veiga (2002) que assumimos o município de Porto Firme como um “município rural”.

### **3.2.2 – População e amostra**

Dentre uma população de 1035 proprietários selecionamos uma amostra composta por 30 propriedades que foram categorizadas segundo a área de terra. A definição de seis categorias de produtores conforme o tamanho da propriedade visou diversificar a amostra em relação ao perfil socioeconômico das famílias com as quais seria desenvolvido o trabalho.

A escolha da amostra foi feita a partir de uma pesquisa documental junto ao arquivo do sindicato dos trabalhadores rurais e registros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, onde foram identificados a relação de

certificados de cadastros de imóveis rurais. Após reconhecimento do número total de propriedades fizemos uma classificação dos produtores de acordo com a área de terra registrada. Elencamos seis categorias: propriedades com até 5 hectares, propriedades de 5 a 10 hectares, propriedades de 10 a 20 hectares, propriedades de 20 a 50 hectares, propriedades de 50 a 100 hectares e propriedades com mais de 100 hectares. Após categorizar as propriedades fizemos um sorteio aleatório de cinco propriedades de cada categoria, para então definirmos a primeira amostragem.

Dentre uma população de 1035 propriedades sorteamos previamente 30 propriedades para iniciarmos a coleta de dados e, caso fosse necessário, recorreríamos ao banco de dados para selecionar outras.

Após selecionarmos a amostra era necessário identificarmos cada proprietário. Nesse sentido reunimos algumas lideranças locais apontadas pelo padre do município, conhecedoras da realidade no que diz respeito aos nomes e aos locais de moradia. Dentre elas uma vereadora municipal, uma representante do sindicato dos (as) trabalhadores (as) rural, uma professora e uma comerciante para nos ajudarem a relacionar os nomes presentes nos documentos com os donos da propriedade. Esse processo foi fundamental para realização da pesquisa uma vez que as pessoas do município, em sua maioria, não são reconhecidas pelo nome que consta no registro, mas sim por apelidos. De acordo com o nome e o sobrenome das pessoas, nome e localização da propriedade, fizemos um mapa das comunidades que seriam visitadas. Após a elaboração do mapa feito com apoio das lideranças locais dividimos a área que seria abrangida pela pesquisa em quatro sub-áreas, que optamos denominar de quadrantes. Assim, independentemente do número de propriedades em cada um deles, foram visitadas no quadrante 01 as comunidades: Rancharia, Laje, Gonçalves, Passa Dez de Cima, Passa Dez, Moreiras, Pimenta, Prata e Freitas. No quadrante 02: Braço Forte, Jacuba, Ilha e São Geraldo. No quadrante 03: Ribeirão, Tanque e Caeté. No quadrante 04: Mato Dentro, Pirapetinga, Almas, Vendinha, Olhos D'água, Casa Velha, Recreio, Batalha e Vitória. Após a localização das propriedades no mapa, identificamos, novamente com o apoio do padre, em cada quadrante um informante que pudesse nos acompanhar no trabalho de campo.

Os informantes tiveram papel peculiar na condução da pesquisa. Esses voluntários se fizeram importantes tanto na orientação do trajeto a ser percorrido até as propriedades como também pelas informações valiosas sobre o cotidiano e o modo de vida das pessoas que residiam na comunidade. Foram através de conversas informais com os informantes que tivemos acesso a várias histórias de vida e fatos que marcaram as comunidades pesquisadas.

Ao categorizar as propriedades e selecioná-las para o estudo não tínhamos a intenção de dar ênfase a probabilidades estatísticas, mas sim conforme já explicitado, garantir uma população diversificada para fazer parte do estudo.

Quase ao completar as trinta entrevistas notamos que os dados coletados mostravam-se repetitivos. Neste contexto decidimos por fechar a amostra com as trinta propriedades previamente selecionadas por acreditar que havíamos alcançado o ponto de saturação.

### **3.2.3 – Caracterização da pesquisa**

Conforme já descrito, essa pesquisa foi desenvolvida com proprietários de terra do município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais, na qual procuramos identificar, descrever e analisar os significados do casamento e suas possíveis mudanças ocorridas em contexto sócio-históricos específico. Adotamos como perspectiva metodológica a pesquisa qualitativa de natureza descritiva-analítica, especificamente o estudo de caso, o que pressupõe, segundo Trivinos (1995), estudar profundamente o objeto da pesquisa.

A pesquisa qualitativa, segundo Richardson (1999) é a forma adequada de entender a natureza dos fenômenos sociais. Optamos pela pesquisa qualitativa, por nos permitir estudar em profundidade o casamento tendo nas subjetividades a relevância necessária para construção do objeto de pesquisa. Na perspectiva de Minayo (1995), a pesquisa qualitativa descritiva é uma pesquisa que responde a questões particulares, trabalhando com o universo de significados. Para pesquisar a temática casamento rural foi necessário inserir-me em um universo repleto de significados e de significações fazendo uma análise qualitativa das informações, valorizando o processo de construção para além dos resultados alcançados.

No caso da pesquisa qualitativa, a figura do pesquisador é fundamental para estabelecer o grau de cientificidade da pesquisa. De acordo com Trivinos (1995), o pesquisador se insere no universo que quer estudar, sendo os sujeitos analisados na perspectiva de um contexto social. Como a intenção era pesquisar não somente os significados que o casamento assume para os (as) proprietários (as) de terra, mas também os significados que este assume nas comunidades em que aqueles se achavam inseridos, realizamos o estudo em diferentes comunidades. Ao assumirmos a pesquisa qualitativa os instrumentos de coleta de dados também foram selecionados buscando perceber os significados sociais atribuídos ao casamento pelos sujeitos da pesquisa.

### **3.2.4 – Técnicas de coleta de dados**

Para construção dos dados da pesquisa utilizamos fontes secundárias, questionários, entrevistas semi-estruturadas, fotografias e observação direta com registro em caderno de campo.

A pesquisa foi realizada do mês de julho ao mês de dezembro de 2009. O período das chuvas, a partir de setembro, as longas distâncias e o difícil acesso às propriedades, justificam a duração do trabalho de campo.

De modo geral foram feitas duas visitas às famílias contempladas para a pesquisa. Uma para fazer nossa apresentação, explicar os objetivos da pesquisa que seria desenvolvida e solicitar o apoio para a mesma. A outra onde procedíamos à aplicação do questionário e entrevista. A observação direta e o registro no caderno de campo aconteceram nos diferentes momentos da pesquisa.

Antes de iniciarmos os procedimentos, estabelecíamos uma conversa que tinha por objetivo uma aproximação com o entrevistado prestando maiores esclarecimentos sobre as perguntas que seriam feitas. No caso dos questionários fazíamos o preenchimento das questões a partir das respostas dadas pelos entrevistados.

Após essa etapa de preenchimento dos dados do questionário iniciávamos a entrevista. Inicialmente perguntávamos sobre a possibilidade de gravar a entrevista. Somente um entrevistado não permitiu que fosse feita a gravação, neste caso os principais pontos foram anotados. Além do entrevistado que se recusou a ter a

entrevista gravada, tivemos problemas técnicos com outra somando-se assim 28 entrevistas com o uso deste procedimento.

O questionário foi composto por questões relacionadas aos aspectos socioeconômicos dos entrevistados. O roteiro para realização das entrevistas foi dividido em três temas: aspectos relacionados às relações sociais, aspectos relacionados ao casamento e aspectos relacionados à propriedade. No que diz respeito às relações sociais a nossa intenção era identificar como a unidade familiar se relacionava com as demais da localidade, que equipamentos sociais tinham à sua disposição e como esses eram utilizados por eles e pelos demais moradores da localidade. No segundo aspecto nossa intenção era identificar as estratégias e o significado do casamento para os entrevistados. No terceiro tema, tínhamos como objetivo identificar aspectos relacionados à produção e ao modo de produzir: o que produziam, o que vendiam, como eram divididas as tarefas entre os membros da unidade familiar.

Nosso objetivo nas entrevistas era captar nas falas dos entrevistados, bem como nos seus gestos e nas formas de organização local o significado que o casamento assumia.

### **3.2.5 Análise dos Dados**

A análise dos dados foi feita por meio da análise qualitativa. Num primeiro momento selecionamos e categorizamos os dados socioeconômicos das famílias proprietárias de terra coletados por meio de questionário. Após esse processo fizemos uma categorização do perfil das famílias e análise qualitativa das falas, coletados por meio das entrevistas semi-estruturada e da observação direta. Sendo assim os dados foram transcritos, categorizados, comparados e analisados, visando identificar a significação dos temas relatados.

### **3.3 – Descortinando o universo empírico**

As famílias com as quais se realizou a pesquisa se encontram em diferentes estágios do ciclo de vida da família, a saber: maturação, dispersão e ninho vazio. No estágio de maturação, que acontece quando os casais recém casados com ou sem filhos residem em uma mesma unidade familiar estão 33% das famílias entrevistadas.

Já no estágio de dispersão, que ocorre quando pelo menos um dos filhos deixou a casa seja por motivo de estudo, trabalho ou formação de uma nova unidade familiar se encontram 40% das famílias entrevistadas. Finalmente, 27% estão no estágio de ninho vazio que é aquele onde os casais residem sozinhos.

As trinta propriedades de terra selecionadas estão distribuídas em 25 comunidades, a saber: Rancharia, Laje, Gonçalves, Passa Dez de Cima, Passa Dez, Moreiras, Pimenta, Prata, Freitas, Braço Forte, Jacuba, Ilha, São Geraldo, Ribeirão, Tanque, Caeté, Mato Dentro, Pirapetinga, Almas, Vendinha, Olhos D'água, Casa Velha, Recreio, Batalha e Vitória. Tais comunidades distam da sede do município de 3 a 25 km. Observamos que quanto mais próxima da sede a comunidade se situava mais aspectos tidos como urbanos eram incorporados no cenário, nas práticas e relações. Quanto mais distantes mais características de um rural tradicional em transformação.

Das trinta famílias com as quais se realizou o trabalho, vinte e cinco residem na propriedade e cinco na sede do município. Em relação às famílias residentes na sede do município, em duas delas os donos<sup>4</sup> não frequentam diariamente a propriedade. A administração em um dos casos é feita pelo irmão da dona da propriedade. Já no outro caso é administrada pelos filhos do dono da propriedade. Os outros três donos se deslocam diariamente para a propriedade onde exercem atividades tipicamente agropecuárias.

Em relação aos donos, três são mulheres e vinte e sete são homens. No que se refere ao estado civil (gráfico 01), dois são solteiros (uma mulher e um homem), duas são viúvas e vinte seis casados. Dos vinte e seis casados, três estão em uma segunda união por motivo de viuvez.

De modo geral a aquisição de terra entre os “donos” se fez predominantemente pela herança. Porém cabe ressaltar que parcela significativa das famílias ampliou sua área de terra original por meio da aquisição de outras parcelas de herdeiros e/ou de vizinhos próximos. Foram encontrados também “donos” que adquiriram a terra exclusivamente via compra. Conforme nos apresenta a figura 03,

---

<sup>4</sup> Utilizamos a terminologia “dono” para classificar a pessoa em cujo nome está registrada a propriedade.

das trinta propriedades pesquisadas, 22 foram herdadas e oito compradas. O critério para compra da terra, segundo relato dos entrevistados, foi a proximidade com a moradia de outros parentes, podendo ser esses os pais do marido ou da esposa, ou até mesmo de ambos, no caso em que as famílias residiam na mesma comunidade.

Em alguns casos os proprietários escolheram as terras por serem ali que a família fora criada. Alguns entrevistados relataram o fato de terem saído da comunidade de origem em busca de trabalho em outros municípios tendo retornado posteriormente, com o dinheiro suficiente para adquirir as terras que hoje residem. Outros dois residem em terras doadas por seus pais. Durante um tempo foram trabalhadores contratados em outra propriedade e hoje adquiriram sua própria área de terra e nelas desempenham suas atividades produtivas.

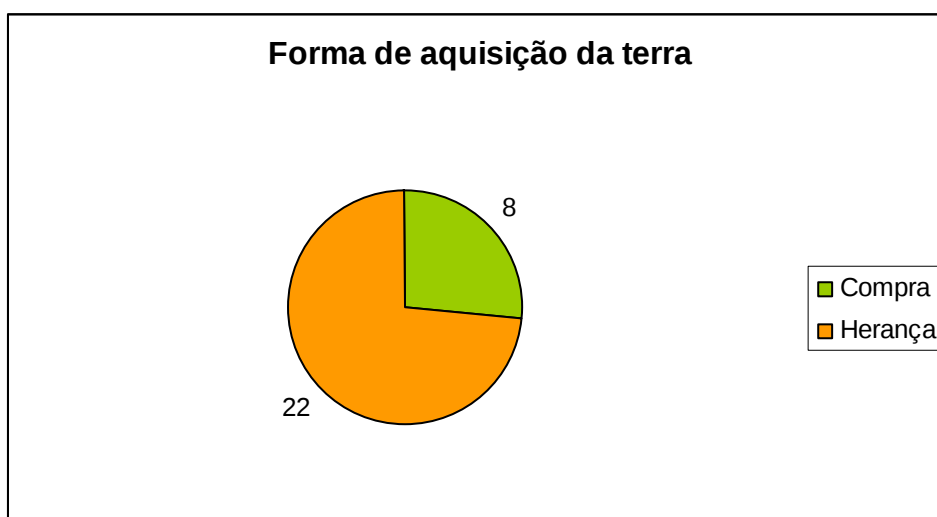


Gráfico 01: Formas de aquisição da terra  
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

As atividades típicas encontradas nas diferentes comunidades vão das culturas tradicionais de subsistência, principalmente milho e feijão, café, criação de animais para a produção do leite e queijo e mais recentemente o reflorestamento do eucalipto.

Em duas comunidades encontramos a presença de pesque e pague, uma atividade não agrícola, que se difere das vendas. As vendas são pontos de comércio locais que abrem somente à noite, domingos e feriados, atividade que é desenvolvida paralelamente aos trabalho agrário como um complemento à renda. O pesque e pague demanda do proprietário um tempo maior de dedicação, sendo essa sua principal fonte de renda.

Falar em comunidades rurais leva necessariamente a apresentar as propriedades a partir das quais são constituídas. Ao adentrá-las podemos perceber muitas semelhanças apesar da diferenciação no que se refere à área de terra. Normalmente uma porteira sinaliza o marco da propriedade que tem logo a sua frente um terreiro onde circulam patos, galinhas, cachorros e gatos. Próximo à casa localizam-se um conjunto de edificações conforme nos mostra a figura 04:



Figura 04: O conjunto da casa e das construções anexas – Trabalho de campo, 2009.

Analisando a figura 04 podemos perceber um conjunto. Além da casa propriamente dita, aparece também o paiol, o curral, o galinheiro, a coberta. Originalmente esta era usada apenas para guardar o carro de boi e a charrete, mas atualmente divide espaço com os carros e motos. O curral é usado para prender os bezerros, curar o gado e tirar o leite. Em algumas propriedades existe o moinho, movido a água, utilizado para moer o milho para fazer o fubá e a canjiquinha, alimentos usados tanto na alimentação humana como também para tratar dos animais.



Figura 05: Propriedade rural. Trabalho de campo, 2009.

O terreiro visualizado na figura 05 é um lugar amplo, usado para secar o feijão, outrora o café e também para realização das festas, principalmente o casamento. É importante notar a limpeza do terreiro, uma vez que ele é considerado um lugar de apresentação da casa. O mesmo é reiterado na pesquisa de Ludwig (1997) a qual faz menção a esse espaço como lugar privilegiado da propriedade e que demanda dos moradores um cuidado especial. É comum encontrar situações em que flores e folhagens margeiam a casa (figura 06). Esta área nas propriedades é conhecida como jardim. Na horta cercada por bambu (figura 07) localizada nos fundos da casa é comum encontrar alface, almeirão, couve, cebolinha, salsinha, cenourinha, chuchu, dentre outros.



Figura 06: Fachada da casa. Trabalho de campo, 2009.



Figura 07: Horta. Trabalho de campo, 2009.

É interessante notar que o cuidado com o terreiro, bem como a horta e o jardim são trabalhos realizados pelas mulheres. O mesmo ocorre em relação aos pequenos animais. Já os considerados espaços masculinos são aqueles que estão mais distantes da casa como o pasto e a lavoura. Entretanto, há espaços em que o masculino e o feminino se fundem em um mesmo cenário. É o caso do curral onde é feita a retirada do leite tanto por homens quanto pelas mulheres, em muitos casos de modo conjunto. Nesse espaço também, quando a retirada do leite é feito de modo conjunto, a mão de obra feminina é entendida como uma ajuda.

Ainda em relação à figura 06 podemos notar que há também a incorporação de novos materiais para a construção ou reforma das casas, como é o caso das esquadrias metálicas. Recentemente construídas, essas propriedades nos mostram um rural em continua construção e transformação. Já a figura 08, nos apresenta um rural em decadência<sup>5</sup>. As grandes construções no estilo fazenda cedem espaço para casas menores e “mais modernas”. No caso apresentado se trata de uma construção de pau a pique conservada integralmente. A propriedade em questão é habitada por uma família nuclear em estágio de ninho vazio. Essa família é representativa da menor parcela (27%) das famílias por nós pesquisadas: famílias nucleares em estágio de ninho vazio.

---

<sup>5</sup> O termo rural em decadência foi usado para referir-se as construções de pau a pique e as grandes fazenda no estilo sobrado que não mais fazem parte dos projetos de construção civil da localidade pesquisada.



Figura 08: Cenas de um rural. Trabalho de campo, 2009.

No rural por nós aqui apresentado, temos vários exemplos da incorporação do moderno ao tradicional. Segundo Martins (1994) são os valores do passado que dão sentido as interpretações do presente. Notamos que entre as construções recentes não se descarta elementos do rural tradicional. A figura 09 nos permite tal afirmação ao retratar um paiol onde a parte inferior foi usada para guardar os carros do proprietário. Ao lado desse paiol há um pequeno curral onde é retirado o leite para a fabriqueta de queijos (figura 10).



Figura 09: O paiol. Trabalho de campo, 2009.



Figura 10: Fabriqueta de queijos. Trabalho de campo, 2009.

Nessa propriedade reside um casal jovem. A mulher tem 18 anos e o homem 27. Além dos dois reside também a mãe do esposo. O leite é retirado em conjunto tanto pelo homem como pelas mulheres, porém o queijo é fabricado somente pelas mulheres enquanto ao homem cabe a responsabilidade de tratar do gado e vender o queijo. O queijo é entregue nos comércios na sede do município e também em municípios vizinhos.

Esse rural híbrido, de cenas que nos retratam o tradicional e o moderno, nos aponta um cenário de mudanças e ressignificação de tal universo. Em muitas propriedades encontramos a presença do carro de boi, de engenhos desativados, que

demonstram mudanças que foram ocorrendo em relação às atividades produtivas locais (figura 11).



Figura 11: Cenas de sobrevivência de um passado – Trabalho de campo, 2009.

Para além dessa realidade apresentada a partir da análise feita do espaço doméstico, há também as áreas de plantio e criação dos animais de grande porte. Ao percorrer as estradas que davam acesso às propriedades notávamos que havia entre essas um predomínio pelas áreas de cultivo do eucalipto, o que nos chamou particular atenção. Em algumas comunidades o eucalipto se fez mais presente do que em outras, mas em todas elas é recorrente o seu cultivo. As áreas destinadas variam de uma propriedade a outra e não necessariamente são proporcionais a extensão de terra, mas sim a forma de reprodução econômica escolhida pelo proprietário. Há aqueles que optaram somente pelo cultivo do eucalipto. Neste caso, o cultivo de culturas tradicionais como café, milho, feijão e o pasto para a criação do gado foram substituídas pelo eucalipto. Em outras comunidades o que ocorre é uma substituição parcial, ou seja, uma área destinada ao plantio do milho e do feijão para o consumo

da família e o eucalipto como gerador de renda. Em muitas propriedades notamos que o eucalipto assumiu o lugar do café e da criação de gado, o que pode influenciar diretamente na dinâmica socioeconômica das propriedades e consequentemente das famílias.

Há dentre aqueles que cultivam o eucalipto os que também fazem o carvão. Este é cozido em fornos de barro (figura 12) que fazem parte da paisagem e se distribuem ao longo das estradas. A fumaça produzida pelos fornos é avistada ao longo de todo o percurso que dá acesso às propriedades. Há também aqueles que só cultivam o eucalipto e vendem a madeira para que outros possam fazer o carvão, destinado às siderúrgicas da região de Mariana e Ouro Preto.

Segundo relato dos moradores e dos proprietários o cultivo do eucalipto “não prende a pessoa” à propriedade, uma vez que o tempo demandando ao cuidado é maior somente no início de sua produção, principalmente no extermínio das formigas. Os moradores contrapõem tal produção à do leite que requer deles uma dedicação diária, inclusive, conforme citado, também nos domingo e feriados.

Outro aspecto observado foi a presença de filhos dos proprietários cultivando o eucalipto nas terras pertencentes ao pai. Esse trabalho é feito de modo sazonal e esporádico, ou seja, esses vão a propriedade de modo mais sistemático no início da produção e ocasionalmente ao longo do crescimento da planta, retornando sistematicamente quando esse está no ponto de ser cortado, cozinho para fazer o carvão e ser vendido. Tal dinâmica é vista como algo positivo pelos produtores uma vez que eles podem residir na sede do município e desenvolver outras atividades.

Entre os proprietários que cultivam o eucalipto e residem nas propriedades, notamos que tal atividade é basicamente realizada pelo home. A mão de obra feminina é requisitada somente no momento de plantio e no extermínio das formigas. As outras etapas da produção são realizadas pelos homens que ocasionalmente contratam mão de obra de terceiros. A contratação de outros funcionários geralmente é feita na época do corte, produção e venda do carvão.



Figura 12: Paisagens encontradas ao longo das estradas. – Trabalho de campo, 2009.

Além das atividades desenvolvidas na propriedade há aqueles que realizam atividades fora da propriedade onde residem conforme nos apresenta o gráfico abaixo:

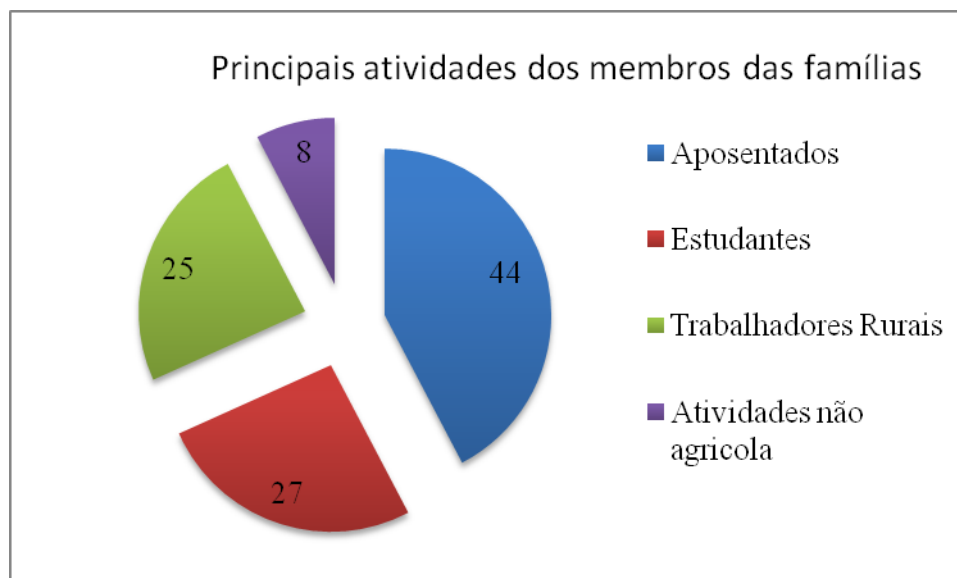


Gráfico 02: Principais atividades dos membros das famílias  
Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

De um total de 104 pessoas que compõem as 30 famílias entrevistadas verificamos que 44 são aposentadas, (somando-se os aposentados e os beneficiários); 27 estudantes (somando-se crianças, adolescentes e jovens que frequentam a escola); 25 trabalhadores rurais; 08 que desempenham outras atividades não agrícolas (01 pedreiro, 01 cantineiro, 01 servidor público, 01 topógrafo, 01 caixa de mercado, 02 empregadas domésticas e 01 mecânico).

Muitos proprietários de terra atualmente aposentados nos revelaram que ao longo da vida desempenharam outras atividades que não as atividades exclusivamente agrárias. Segundo eles essa diversificação profissional foi uma forma de manutenção e sobrevivência da família, uma vez que somente os trabalhos agropecuários não eram suficientes. No entanto, ao se aposentarem, os trabalhos não agrícolas foram abandonados, o que nos indica que realizar tarefas fora da propriedade pode não ser uma escolha, mas sim uma necessidade financeira.

### 3.3.1 – O cotidiano das famílias proprietárias de terra

O dia a dia daqueles que residem e trabalham na propriedade é marcado por uma divisão sexual do trabalho. Entre os trabalhos masculinos notamos a predominância pelo cuidado com o gado, cultivo da roça (milho e feijão) e do eucalipto. Em relação ao trabalho feminino presenciamos atividades relacionadas ao

cuidado com a casa e seus arredores (horta, jardim e pequenos animais). As crianças, nas comunidades onde não há escolas, se deslocam diariamente para a sede do município no período da tarde. E os jovens também se deslocam para estudar na sede do município no período da manhã ou da noite. Quando não estão na escola os jovens desempenham atividades relacionadas tanto ao espaço doméstico quanto ao cuidado dos animais e da lavoura. Porém, todas as atividades realizadas são compreendidas como uma ajuda, seja à mãe ou ao pai, dependendo do espaço no qual essa se realiza. Essas atividades são: capinar a roça, plantar milho e feijão, tratar dos animais, varrer e limpar a casa, entregar leite, fazer queijos, cuidar da horta, limpar o terreiro, buscar lenhas. Independentemente da atividade e de quem a realiza, filho ou filha, será vista sempre como ajuda dentro do contexto familiar.

O relato abaixo nos mostra essa nítida separação entre atividades masculinas e femininas e também revela a divisão no que se refere às atividades desenvolvidas pelas crianças e pelos jovens. Há uma construção de gênero em torno do masculino e do feminino onde notamos “como se ensina a ser menino” conforme no relato abaixo:

É minha filha a família é muito importante porque você vê esse menininho meu, ele ta com treze anos, ele chega da aula, *ajuda*. O dia que não tem muita coisa da escola ele chega vai *ajudar* capinar milho. Pensa bem se eu tivesse, o homem ajuda o pai lá no mato, pensa bem se eu tivesse uma (menina) pra me *ajudar* aqui dentro também. Num era bom? É isso que eu falo com Fernando (marido), coitada de mim vou penar a vida toda sozinha, no seu caso (se referindo ao marido) você tem seu filho para te *ajudar* que é homem. No caso ele é homem como é que ele vai *ajudar* tadinho. Se for preciso igual eu to falando com você de mandar ele oh filho passa o pano na casa pra mim ou varre a casa, ele pode até fazer, mas num é certo isso é coisa de mulher ué. Eu até prefiro mandar ele pra roça pra *ajudar* o pai dele e eu fazer as coisas aqui dentro de casa [grifo nosso]. (Cristina, casada, 33 anos)

Há também os filhos que desenvolvem atividades remuneradas fora da propriedade. Neste caso a propriedade funciona como um local de dormitório. Eles trabalham durante o dia na sede do município, ou em municípios vizinhos e retornam ao final do dia para a casa dos pais. As atividades que esses desempenham são diversas, dentre elas caixa de supermercado, pedreiro, empregada doméstica, babá,

mecânico. Porém, podemos observar que todas elas se apresentaram como subempregos uma vez que nenhum deles trabalha com carteira assinada. A precariedade nas condições de emprego é notória nos relatos das famílias fazendo com que muitos outros jovens tenham migrado para outros municípios para trabalharem em empreiteiras, um grande canalizador da mão de obra jovem local. Esses empregos, entretanto, são destinados somente aos rapazes. As moças, na maioria das vezes, sem o estudo suficiente para ocupar melhores cargos, ao migrarem para outros municípios desempenham funções semelhantes às realizadas no meio rural, porém com melhores salários. Sendo assim, a migração não está relacionada a melhores oportunidades de trabalho, mas a melhores salários. Tal situação por nós apresentada corrobora com Brumer (2007) ao afirmar que na decisão de migrar os fatores de expulsão antecedem os fatores de atração. Nesse sentido não é o jovem que abandona o rural, mas é ele que o expulsa, uma vez que não favorece situações diversificadas e favoráveis a sua permanência.

Se a escolaridade é apontada como um definidor para conseguir melhores empregos na unidade produtiva ela não é valorizada como um fator de distinção entre os membros, pois neste lugar outras são as esferas de poder e submissão. São essas relações de poder descritas no trabalho de Stropassolas (2005) que fazem com que a opção pela migração e/ou o casamento seja feito precocemente, principalmente pelas jovens devido às relações desiguais no interior das famílias.

É presente entre os jovens o pessimismo em relação à agricultura, pois se remetem a ela como “coisa do passado” e dizem que os jovens que trabalham na “roça” são aqueles que não gostam de estudar. É perceptível na fala dos jovens a insatisfação com as condições de trabalho. Por isso, para muitos, principalmente as jovens, o desejo de se casar e migrar para a sede do município faz parte do projeto de vida: “se tivesse emprego fixo e condições de estudos eu ficava por aqui mesmo é que na cidade tem mais recurso no emprego e na roça é difícil ter emprego” (*Roberto, 16 anos*). O emprego também é valorizado na fala de Violeta, aparecendo como um fator determinante na escolha dos jovens em permanecer ou não no campo.

Um problema é que alguns jovens aqui na Vendinha deveria ter emprego melhores, se não o jovem tem que sair daqui para ir para a cidade trabalhar, então para ficar mais fácil deveria ter emprego aqui na própria Vendinha, porque esse negócio de sair da roça para ir para a cidade fica um pouquinho complicado. *(Violeta, 15anos)*

Nos estudos de Silva e Menezes (2005), eles pontuam que os/as jovens ficam divididos entre permanecer ou sair. Se os fatores como a calma, a tranquilidade, a família, os atraem, a falta de trabalho se caracteriza como fator de expulsão. Assim também vemos no depoimento de Violeta seu desejo de que o local onde mora pudesse ter emprego para que a juventude não precisasse ir para a cidade.

O depoimento de Sara, uma jovem de 19 anos, revela a problemática vivida pelos jovens da região, no que se refere à falta de emprego:

Não faço nada, fico em casa. O que piorou foi que eu fiquei longe dos meus amigos dos meus primos que moram aqui. Creio eu que se tivesse emprego na cidade (Porto Firme) minha mãe ficaria, mas eu ficaria se aqui tivesse universidade ou curso técnico. A maioria dos jovens aqui fica até completarem o terceiro ano, devido à falta de estudo daí vai todo mundo embora, os jovens que querem estudar, devido a isso, porém a maioria dos meus amigos estão tudo com filho no braço foi a minoria que saiu para estudar. Algumas se casaram para fugir do estudo ou da vida que levavam dentro de casa com os pais. *(Sara, solteira, 20 anos)*

O estudo é valorizado pelas jovens como um meio para conseguir melhores empregos. Com base na pesquisa “Retratos da juventude brasileira”, Carneiro (2005) apresenta uma realidade da juventude rural onde, dos jovens entrevistados 66% trabalham ou já trabalharam. Mais da metade (37%) afirma que o local do trabalho é ou já foi a cidade. Isso a faz concluir que há uma ausência de emprego no meio rural. Outro aspecto levantado pela autora é a má remuneração desses jovens, evidenciando que apenas 30% dos jovens que trabalham na cidade possuem uma carteira de trabalho assinada. O restante faz parte do mercado informal, sem carteira assinada. De acordo com esses dados, a relação entre mais estudo e melhores empregos não tem sido percebida no universo juvenil.

Segundo Carneiro (2005) a associação entre estudo e emprego é também generalizada no meio rural, sendo o estudo encarado como a condição para “ser

alguém na vida”, o que no dizer principalmente das jovens significa não ser agricultoras ou mulheres de agricultores. Isso fica evidente na fala de Renata:

[...] depende dele (estudo) pra tudo, pra trabalhar, sem o estudo nós não somos nada na vida, né? Tem que trabalhar na roça e aqui o serviço é capinar e panhar café<sup>6</sup>. O que dá um dinheirinho é a ‘panha de café’, mas ficar aqui o ano todo esperando a panha num rola né? (*Renata, 15 anos*)

Conforme nos aponta Brumer (2007) o desejo de alguns jovens em romper com o mundo rural agrícola não significa uma negação da vida no campo e sim o desejo de realizar seus projetos. Assim como os rapazes, as moças também enfrentam esses mesmos desafios. No caso da nossa pesquisa as jovens assumem uma postura mais crítica em relação a situação no campo. A invisibilidade do trabalho feminino é apontada como um agravante na migração dessas jovens, visto que as atividades que desempenham são entendidas como ajuda, um complemento à atividade agrícola. Tal situação fica explícita na fala de Vanessa:

Não tenho vontade de ficar, não gosto de roça... roça todo dia a mesma coisa a mesma coisa não muda nada... Eu arrumo casa, faço almoço, ouço música e não faço mais nada... daqui um ano eu queria tá com uma vida melhor, mas não casada... ter uma casa morar sozinha... trabalhando numa coisa diferente, secretaria, mexer com computador, essas coisas... Os jovens (rapazes) têm uma vida melhor saem, vai trabalhar onde quer, a gente tem que trabalhar só em casa e todo dia é o mesmo jeito. (*Vanessa, solteira, 17 anos*)

Nesse sentido, as jovens preferem residir na cidade onde conseguem sua independência financeira e conquistam seu espaço na renda familiar. Esse fenômeno de maior migração das jovens é classificado como um fato de expulsão que resulta na masculinização do campo brasileiro, fenômeno descrito por Abramovay (1998) em outras publicações a respeito da juventude rural brasileira.

Muitos são os jovens que saem do campo com desejo de permanecer e cultivam sonhos de um dia poderem voltar. A proposta de Carneiro (2007) é dialogar com a idéia do “melhor dos dois mundos possíveis”, pois há jovens que não têm o

---

<sup>6</sup> Como o trabalho durante a colheita do café (panha do café) é sazonal ao encerrar a colheita as pessoas que foram contratadas só para esse período ficam sem trabalho.

interesse de morar na cidade, mas também não querem permanecer no campo nas condições em que se encontram.

Aqui tem jovem, só que a maioria já saiu, os que vão, vão trabalhar e os que estudam uns vão outros ficam. Eu ainda não saí, porque eu ainda não tive a necessidade de sair, que nem eu estudo em Viçosa tem transporte para levar para trazer, daqui na rua é super perto, então eu não senti a necessidade de para fazer alguma coisa ter que sair daqui. Mas, por enquanto eu to conseguindo fazer o que eu quero aqui, eu trabalho eu estudo, tenho facilidade, mas se for precisão de sair eu saio, mas vontade, vontade não tenho. (*Priscila, 19 anos*).

Segundo Carneiro (2007), em relação ao lazer, as opções dos jovens rurais são limitadas, representando uma desvalorização do campo em relação à cidade. Isso fica evidente na forma como os/as jovens se referem ao lazer no campo e ao lazer na cidade. Normalmente, o lazer nas comunidades pesquisadas se restringem a visita às casas dos vizinhos e parentes, idas à sede do município de Porto Firme e dos municípios vizinhos em dias de festas, jogo de futebol, casamentos, batizados, aniversários. Nas comunidades onde estão localizados os pesque-pague os moradores têm o costume de frequentá-los, bem como as “vendas” das comunidades. A religião também é considerada por grande parte dos moradores como uma atividade de lazer<sup>7</sup>, principalmente em momentos de festas dos padroeiros e nas realizações das novenas.

A fala de Natália é ilustrativa no que diz respeito ao lazer nas comunidades estudadas: “nada... [silêncio] nada.” Por outro lado, Pamela afirma que: “Aqui na comunidade tem o jogo de bola (futebol), o vôlei, o forró no pesque pague, mas os jovens mesmo vão pro Funk né, pra rua, pra praça.”

No imaginário dos jovens a cidade tem mais alternativas para desenvolverem seu projeto de vida, visto que o local onde vivem não oferece as condições necessárias sendo assim obrigados a migrar. Entretanto tal projeto torna-se problemático para as jovens conforme evidencia Carla:

---

<sup>7</sup> Segundo Marcellino (2002), as práticas de lazer são atividades subjetivas, pois o que é prazeroso para um pode não ser para outro, e desinteressadas, ou seja, não visa recompensa. É também uma prática livre de obrigação, pois ocorre durante o tempo livre.

Os pais não deixam. Os pais daqui são rígidos, as mulheres que foram são casadas e foram acompanhando os maridos. Até para trabalhar na casa de gente de rua é difícil o pai deixar, as que vão tão casadas e vão acompanhada dos maridos. (*Carla, 14 anos*)

Dessa forma, as distinções de gênero acabam se configurando como desigualdades que se expressam na forma e na distribuição dos trabalhos femininos e masculinos (VIEIRA, 2006). Nesta distinção, a figura dos pais exerce um maior controle sobre as mulheres, o que confere uma lógica diferenciada nos papéis e nos projetos de vida das jovens. Tais projetos vinculam-se à lógica de sair do campo para fazerem parte do mercado de trabalho. Isso se deve a maior proximidade do urbano com o rural. Tal aproximação vem modificando as estruturas da família e a forma como as jovens vêem a realidade.

É nesse sentido que estudos como o de Wanderley (2007) alertam que não precisamos salientar diferenças entre jovens rurais e urbanos, mas precisamos estar atentos para o fato de serem situações distintas e que merecem atenção e estudos diferenciados. Não se estuda o jovem rural do mesmo modo como se estuda o jovem urbano, pois dentro dessa dualidade encontramos diversas juventudes.

Outro fator que condiciona a permanência no campo é a escolaridade. Diferentemente das gerações atuais a escolaridade entre os “donos” da propriedade é baixa. Esses estudaram em média até a quarta série, o que hoje corresponde ao quinto ano, somando-se um total de 24 proprietários. Dos outros seis, quatro são analfabetos. Entre os demais um tem o ensino médio e o outro o ensino superior.

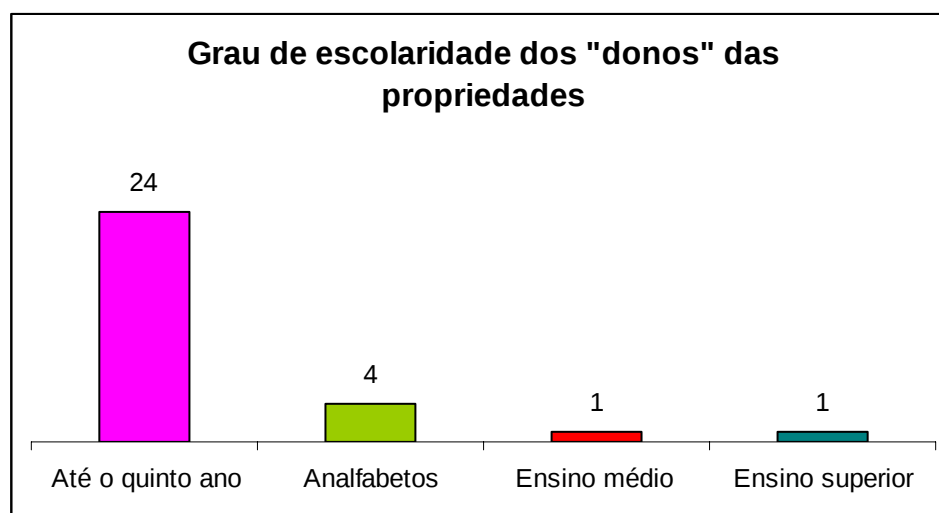


Gráfico 03: Grau de escolaridade dos “donos” das propriedades  
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A diferença na escolaridade dos proprietários e seus filhos evidencia os avanços no que tange a média dos anos de estudo. Em relação aos filhos e/ou netos desses proprietários que residem numa mesma propriedade, 27 estão estudando. Todas as comunidades são atendidas pelo transporte escolar que conduz os jovens e as crianças para as escolas. Apenas em duas comunidades estudadas, existe a presença da escola primária. Nestes casos, as outras etapas do estudo são realizadas na sede do município.

A não continuidade dos estudos após terminarem o terceiro ano se torna um fator pelo qual muitas jovens optam pelo casamento. É comum o casamento das jovens ao terminarem o terceiro ano, pois conforme relatos “formou, agora casa”. O que percebemos é que o prolongamento no que se refere aos anos estudados não modificou a estrutura de poder e submissão no interior das famílias. Desse modo, a migração e o casamento são vistos como alternativas possíveis para romper com tal estrutura.

De modo geral a vida na comunidade conforme relatada pelos jovens não se difere do relato de adultos e idosos. Em seus depoimentos ficam explícitos as dificuldades relacionadas à falta de emprego e renda, ao trabalho penoso da roça em contraposição ao da cidade. Porém, justificam tal situação e afirmam “que na roça sem estudo eles estão melhor do que se tivesse na cidade”

No entanto, segundo os moradores, a realidade local por eles presenciada e vivenciada, sofreu muitas mudanças ao longo do tempo, como relata Cristina:

Se adoecesse lá na Mata até chegar em Porto Firme minha fia, se tivesse que morrer morria, porque tinha que sair com o nenenzinho novinho carregando a pé. Muitas vezes eu já fui com minha irmã ajudando a carregar menino, coitada! Porque ela quase que não agüentava, coitada! Eu ia correndo com o nenenzinho novo não tinha nada não minha fia. *(Cristina, 33 anos, casada)*

Pela fala da entrevistada notamos que havia grandes dificuldades relacionadas ao acesso aos serviços básicos de saúde principalmente na localidade onde ela residia. A principal dificuldade por ela relatada se referia ao transporte, uma vez que o percurso da comunidade até a sede do município era realizado a pé, ou a cavalo, como ela relata em outra parte da entrevista: “Ah coitada! Papai arrumava cavalo emprestado para gente ir na casa de vó, mãe era muito gorda não agüentava andar e nós ia tudo na garupa” *(Cristina, casada, 33 anos)*.

Essas dificuldades são relatadas como algo do passado, uma vez que hoje existe na comunidade o atendimento das agentes de saúde. Também o transporte ocorre de modo mais eficaz, seja via prefeitura, seja por transporte particular. A frota de carros e motos locais aumentou significativamente, segundo relato de outra entrevistada:

Antigamente não tinha carro nem moto nem nada não, quando passava mal tinha que chamar Seu Leontério que era o único que tinha carro aqui. Eu mesma já vi gente atravessando mulher grávida deitada na porta até chegar na casa dele, porque também não tinha estrada para todo lado como tem hoje. *(Vilma, casada, 55 anos)*

O rural apresentado trata-se de um rural em transformação. Há que se considerar que de uma comunidade para outra notamos diferenciações e características específicas de tais espaços. O que nos permite dizer que mesmo em comunidades próximas o processo de urbanização não teve a mesma repercussão, uma vez que, o modo como as famílias reagiram a tais mudanças se dão de modo particularizado, porém com algumas características que refletem o modo de ser, pensar e viver daquele grupo, bem como o modo de lidar com seus valores e culturas.

Contudo é importante considerar que o ‘campo’ não está passando por processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção (e de vida) urbano industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem com a mesma intensidade e proporções diferentes categorias de produtores. Nesse sentido não se pode falar em ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos (CARNEIRO, 1997, p.53).

### **3.4 – Considerações finais**

Nesse artigo buscamos analisar o perfil socioeconômico das famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais, que participaram de uma pesquisa sobre o significado do casamento rural. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa os dados foram coletados através de dados secundários, questionário, entrevista semi-estruturada, registro fotográfico e observação direta com registro em caderno de campo. Através desses instrumentos metodológicos pudemos verificar que as mudanças ocorreram em relação ao modo de produção e reprodução familiar. Essas aconteceram não só pela aproximação entre rural e urbano como também pela inserção de novas culturas agrícolas. Além disso, há também a incorporação de novas práticas não agrícolas ao cotidiano das famílias. Tais incorporações são ressignificadas pelo sujeito, repercutindo em mudança organizacional e estrutural das famílias.

Notamos que as famílias desempenham um papel fundamental no imaginário coletivo, pois se encontram em um contínuo processo de mudanças no seu modo de produção e reprodução. A partir dos relatos dos moradores das comunidades rurais notamos que há um desejo em permanecer nas localidades, porém as condições desiguais os impedem de realizar seus projetos de vida nesse universo, sendo obrigados a migrar para a cidade. Tal processo é notório principalmente entre os jovens, que sinalizam para a possibilidade de continuarem no rural desde que esse lhes oferecesse condições de permanência. No entanto, como para grande parte dos jovens isso não é possível, a alternativa encontrada é sair, mesmo cultivando o desejo de um dia poder voltar. Em algumas comunidades os jovens não desenvolvem atividades remuneradas na propriedade, mas sim em outros locais, principalmente na

sede do município e em municípios vizinhos retornando para casa diariamente. Neste contexto as propriedades funcionam como lugar de dormitório. Essa dinâmica se traduz em um rural cuja população tende ao envelhecimento, uma vez que a migração entre os jovens é significativa. Para além da falta de emprego, as relações desiguais dentro da propriedade também se constituem em fator de migração, a mão de obra dos jovens é vista como ajuda.

Num cenário de constante mudança, há entre as famílias aquelas que mesmo se mantendo no rural não desenvolvem atividades agrícolas. Isso não significa uma negação do rural. Pelo contrário, o desejo de permanecer no local de origem é notório, entretanto além da falta de opções no que se refere as relações de trabalho há também as relações desiguais dentro das famílias.

As relações desiguais nas famílias são expressas principalmente pela autoridade paterna em relação ao controle sobre a vida dos filhos, principalmente em relação à vida das filhas. Tais relações fazem com que as jovens, no desejo de romper com tal relação, optem pela migração e/ou pelo casamento. Haja vista que ao migrarem para outras localidades diminui a opressão em relação à autoridade paterna. No entanto algumas regras como morar nas casas de famílias ou em casas de parentes faz com que o pai continue tendo domínio sobre a vida da filha. O casamento, por outro lado, permite às jovens se libertarem da condição de submissão da autoridade paterna.

### 3.5 – Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos Novos Padrões Sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998, 101p.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós modernidade. In. CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 35-54.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades: novas identidades em construção**. In: Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural, Natal, agosto, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>> Acesso em: 12 Abr, 2009.

\_\_\_\_\_. Maria José. Juventudes e novas mentalidades no cenário rural. In. CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p.53 - 78.

\_\_\_\_\_. Maria José. Juventude rural projetos e valores. In ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Abramo, 2005. p.243 – 263.

\_\_\_\_\_. Maria José. **O ideal rurbano: Relação Campo Cidade no Imaginário de Jovens Rurais**. 1998. Disponível em:< <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/carne.rtf>>. Acesso em: 27 Ago. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Anuário estatística do Brasil – 2005. Disponível em:< [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em: 12 Mai 2008.

LEVI – STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petropolis, Vozes, 1972.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. Uma etnografia sobre a casa camponesa: o caso dos pequenos produtores rurais do município de Coimbra; Zona da Mata de Minas Gerais **OIKOS: REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA DOMÉSTICA**. Viçosa: ABED, v. 10, n. 1, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. Ensaios de Sociologia Lenta. São Paulo, Hucitec, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995, 80p.

OLIVEIRA, Joaquim Quintão. **Historiografia de Porto Firme**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001. 148p.

RICHARDSON, Roberto Jarry (org). Pesquisa Social, métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999, 334p.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. SOS corpo. Recife, Março, 1993.

SILVA, Marcelo. Saturnino. e Menezes, Marilda. Aparecida. Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e identidades da juventude rural. In: CASTRO, Elisa Guaraná (org). **Juventude rural em perspectiva**, Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 53 – 78.

STROPASOLAS, Valmir. Luís. O Valor (do) Casamento na Agricultura Familiar. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004, 253p. disponível em <<http://www.scielo.br> > Acesso em: 07 ago. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995, 175p.

VEIGA, José Eli. **Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VIEIRA, Rosângela Steffen. Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher. In: WOORTMANN, Ellen; HEREDIA, Beatriz, MENACHE, Renata. (orgs). **Margarida Alves Coletânea sobre estudos de gênero**. Brasília: MDA, IICA, 2006.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In. CASTRO, Elisa Guaraná (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, 311p.

#### **4 – ARTIGO 03 – FAMÍLIA E SIGNIFICADO DO CASAMENTO NA ROÇA**

##### **Resumo**

Esse artigo integra a pesquisa de mestrado sobre o significado do casamento rural desenvolvida a partir de uma investigação científica realizada no município de Porto Firme, Minas Gerais. De modo geral buscamos identificar o significado que as famílias rurais dão ao casamento. Especificamente procuramos caracterizar socioeconomicamente as famílias proprietárias de terra; identificar possíveis mudanças em relação ao significado do casamento; discutir os dados coletados sobre as uniões civis realizadas no cartório de registro civil e notas de Porto Firme – MG. Para cumprir tais objetivos realizamos o trabalho em duas etapas. Na primeira fizemos um estudo de caso junto às famílias proprietárias de terra e na segunda uma pesquisa junto ao cartório de registros e notas do município de Porto Firme – MG. Os procedimentos metodológicos foram: utilização de dados secundários, questionários, entrevistas, observação direta com registro em caderno de campo e registro fotográfico. A partir da análise dos dados agrupamos os significados do casamento em três blocos: casamento e poder; casamento e religiosidade; casamento e necessidade. Ao cruzarmos os dados das duas etapas da pesquisa verificamos que o significado do casamento apresentou algumas mudanças ao longo do tempo principalmente no que tange à escolha do cônjuge.

#### 4.1 – Introdução

Este artigo integra a pesquisa de mestrado sobre o casamento na roça realizada no município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais. Tal município possui características de um cenário rural e também urbano não sendo tarefa fácil estabelecer diferenciação entre esses dois universos.

Carneiro (2005) afirma que o espaço rural brasileiro passou por várias mudanças decorrentes do processo de industrialização. A imagem do rural relacionado apenas a atividades agropecuárias cede espaço a um novo cenário de atividades plurais. O reflexo se faz presente na vida das famílias que passam pelo rural e o urbano e se apropriam desses dois mundos modificando seu modo de vida produtivo e reprodutivo, sem perder sua identidade.

Segundo Carneiro (2008) “a família apresenta uma estrutura flexível, plástica, passível de incorporar novos valores e criar novas percepções práticas.” (CARNEIRO, 2008, p.258). Essa definição é fundamental para entender a plasticidade da família frente às mudanças ocorridas no rural brasileiro. Portanto, sabemos que estas não são frutos somente das mudanças externas ao núcleo familiar, mas também de mudanças internas. A autora nos mostra que novos valores podem ser formulados ou antigos valores serem resgatados em busca de respostas às mudanças na família.

Nesse artigo nossa proposta foi estabelecer reflexões sobre o casamento no universo rural identificando o significado do mesmo para famílias proprietárias de terra, em diferentes estágios do ciclo de vida familiar, buscando entender os processos das mudanças em curso.

De modo geral buscamos identificar o significado que famílias rurais dão para o casamento. Especificamente procuramos caracterizar socioeconomicamente as famílias proprietárias de terra; identificar possíveis mudanças em relação ao significado do casamento; discutir os dados coletados sobre as uniões civis realizadas no cartório de registro civil e notas de Porto Firme – MG.

Esse trabalho foi dividido em duas etapas, na primeira procuramos de modo qualitativo apreender o significado do casamento a partir das diferentes etapas dos ciclos de vida das famílias tendo em vista a quantidade de terra que cada segmento

possui. Numa segunda etapa, usando uma metodologia quantitativa, apresentamos as características dos casais a partir da análise dos registros de casamento civil realizados, no cartório de registro civil e notas de Porto Firme – MG, no período de 2005 a 2009. Tendo em vista a identificação do parentesco entre os casais procuramos identificar se os casamentos ocorridos nesse período confirmam a hipótese de que os casamentos rurais têm como princípio a manutenção das terras/herança sob domínio de uma mesma família, ocorrendo principalmente entre parentes.

#### 4.2 – Metodologia

Este estudo foi realizado em duas etapas. Num primeiro momento realizamos um estudo com famílias proprietárias de terra do município de Porto Firme – MG, no período de julho a dezembro de 2009. Num segundo momento fizemos uma análise dos dados de 147 casais a partir da coleta realizada no livro de registros de casamento civil no cartório.

O município de Porto Firme se encontra na micro região de Viçosa, compondo a Zona da Mata mineira. Esta região situa-se ao sudoeste do estado de Minas Gerais, estabelecendo proximidades com os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. É formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões (figura 01): Viçosa, Ponte Nova, Ubá, Juiz de Fora, Cataguases e Muriaé



Figura 01: Mapa das micro-regiões da Zona da Mata Mineira  
Fonte: <http://www.minas-gerais.net/diretorio/catimages/mapa-zonadamata.gif>

O município possui um território de 285,01 km<sup>2</sup>, e faz limite com os municípios de Viçosa, Paula Cândido, Piranga, Ponte Nova e Guaraciaba. De acordo com os dados do IBGE (2008) o município conta com uma população de 10.857 habitantes, dos quais 22,96% se encontram na zona rural.



Figura 02: Localização do município de Porto Firme – MG  
Fonte: [www.wikipedia.org.br](http://www.wikipedia.org.br)

Em relação à economia os dados do IBGE (2005) nos apresentam um cenário no qual 33,52 % do setor econômico do município de Porto Firme provém das atividades agropecuárias. Outros 32,36% são atividades relacionadas à administração pública, 26,08 % ao setor de serviços e 8,04% a atividades relacionadas à indústria. Esses dados nos apontam para a predominância da atividade agropecuária no município. Os dados do IBGE (2005) também revelam que até o ano de 2000 a população rural era maior que a população urbana, havendo uma inversão no ano de 2007 quando a população urbana ultrapassou a população rural.

No entanto, mesmo que a população urbana seja superior à rural, temos outros elementos a serem considerados além da distribuição populacional como estilo de vida, modo de produção, organização social, dentre outros que nos apontam para universos que, segundo Carneiro (2005), se apresentam com fronteiras tênues em que a diferenciação entre rural e urbano não é algo tão simples de ser feita. É nesse mesmo sentido que Veiga (2002) afirma que o Brasil é menos urbano do que se calcula. Para chegar a essa afirmação o autor analisa além de dados censitários as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e cultural. A conclusão a que chega é que há necessidade de uma “renovação do pensamento brasileiro sobre as tendências da urbanização e de suas implicações sobre as políticas de desenvolvimento que o Brasil

deve adotar”. O autor considera como rural os municípios com até 50 mil habitantes. Partindo desse pressuposto, afirma que 80% dos municípios brasileiros se encaixam nessa faixa o que lhe permite afirmar que 4.485 municípios do Brasil são rurais. Sendo assim, acredita-se que esse é o Brasil rural e suas cidades são imaginárias, ou seja, nesses municípios não é possível manter a dicotomia rural urbano, haja vista, superar a abordagem setorial do rural para uma abordagem territorial. Foi com base em estudos de Carneiro (2005) e de Veiga (2002) que assumimos o município de Porto Firme como um “município rural”.

#### **4.2.1 – População e amostra**

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa realizamos uma pesquisa qualitativa com trinta famílias proprietárias de terra categorizadas segundo a área da propriedade. Elas foram localizadas por meio do cadastro do sindicato dos trabalhadores rurais e registros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Após localizar o número total de propriedades fizemos a categorização em seis classificações. Propriedades até 5 hectares de terra, propriedades de 5 a 10 hectares de terra, propriedades de 10 a 20 hectares de terra, propriedades de 20 a 50 hectares de terra, propriedades de 50 a 100 e propriedades com mais de 100 hectares de terra. Após essa categorização fizemos um sorteio aleatório de cinco propriedades de cada categoria definindo assim nossa primeira amostragem com trinta famílias.

Num segundo momento, fizemos a coleta de dados no cartório municipal. Tomamos por base os casamentos realizados no período de 2005 a 2009 e obtivemos um total de 315 registros. Após quantificar a amostra total realizamos o cálculo abaixo, procurando delimitar uma amostra finita representativa da população total

$$((315)*(1,65*1,65)*(0,25))/((0,25)*(1,65*1,65) + (314)*(0,0025))$$

que resultou num total de 146,28 registros, que aproximamos para 147 registros conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 01: Amostra finita de registros

| <b>Ano</b>   | <b>Valores</b> | <b>%</b>     | <b>Valores a Coletar</b> | <b>N</b>   |
|--------------|----------------|--------------|--------------------------|------------|
| 2005         | 71             | 22,5         | 2005                     | 33         |
| 2006         | 72             | 22,9         | 2006                     | 33         |
| 2007         | 66             | 21,0         | 2007                     | 31         |
| 2008         | 57             | 18,1         | 2008                     | 26         |
| 2009         | 49             | 15,6         | 2009                     | 23         |
| <b>Total</b> | <b>315</b>     | <b>100,0</b> | <b>Total</b>             | <b>146</b> |

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

#### 4.2.2 – Caracterização da pesquisa

Procuramos integrar os métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa, uma vez que no caso estudado as duas se complementavam. Goldemberg (2001) afirma que a interação das pesquisas quantitativa e qualitativa permite ao pesquisador fazer o cruzamento de seus dados com maior confiabilidade. A pesquisa não se limita a uma única técnica, sendo possível recorrer a outros processos, favorecendo o diálogo. O objetivo da pesquisa é de natureza descritivo-analítica, especificamente o Estudo de Caso, o que segundo Trivinos (1995) propõe estudar profundamente o objeto de pesquisa buscando entender a natureza dos fenômenos. Quanto à temporalidade se trata de uma pesquisa transversal, uma vez que a pesquisa se deu de julho a dezembro de 2009 e em novembro de 2010.

#### 4.2.3 – Técnica de Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de fontes secundárias, questionários, entrevistas semi-estruturadas, registros fotográficos e observação direta com anotações em um caderno de campo. Os dados secundários foram usados para a classificação e seleção das famílias proprietárias de terra que participariam da nossa pesquisa e também como fonte de dados dos casamentos ocorridos entre o ano de 2005 a 2009. A aplicação do questionário visava caracterizar o perfil socioeconômico da amostra (aspectos relacionados ao número de membros residentes com a família, idade, sexo e escolaridade) bem como aspectos relacionados à comunidade: (presença ou não de posto de saúde, área de lazer, transporte, distância da propriedade até a sede do município, condições das estradas e número de famílias residentes na comunidade).

As entrevistas aconteceram no domicílio das famílias e os questionários foram respondidos pelos próprios entrevistados. Foram realizadas trinta entrevistas das quais vinte e oito foram gravadas. As outras duas, uma por defeito no aparelho e outra por não autorização dos entrevistados não foram gravadas. Nesses dois casos fizemos uma anotação sistemática para que pudéssemos registrar as informações. Posteriormente fizemos a transcrição das mesmas para que juntamente com os demais dados pudéssemos realizar a análise.

Os dados coletados em relação aos casamentos ocorridos entre os anos de 2005 a 2009 foram categorizados segundo a idade, sexo, local de moradia dos casais e existência ou não de parentesco.

#### **4.2.4 – Análise dos Dados**

Após a coleta de dados, em um primeiro momento, fizemos o agrupamento das informações. Inicialmente realizamos uma separação no que se refere aos arranjos familiares. Posteriormente foi feita uma classificação dos ciclos de vida das famílias entrevistadas. Finalmente fizemos um cruzamento entre o ciclo de vida das famílias e a extensão da propriedade a fim de compreender o significado dado ao casamento pelas famílias pesquisadas.

Já em um segundo momento categorizamos os dados coletados no cartório, tendo em vista a idade, o sexo, local de moradia e o grau de parentesco entre os casais. Os dados foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*.

#### **4.3 – Análise dos casamentos realizados de 2005 a 2009**

A nossa amostra foi composta por 147 casais que se casaram entre o ano de 2005 a 2009 no cartório da cidade de Porto Firme- MG. Na análise dos casamentos realizados no período de 2005 a 2009 buscamos conhecer a procedência dos casais. Em relação aos homens, os dados revelaram que a maior parte, 41, 5 % da amostra, tinha residência em Porto Firme. No entanto, houve um destaque considerável entre aqueles que residiam no município de Viçosa – MG: 27,2% da amostra. O restante teve sua residência relacionada a cidades de pequeno, médio ou grande porte, próximas ou não a Porto Firme: Piranga, Guaraciaba, Ponte Nova, Presidente

Bernardes, Pedro Leopoldo, Itamarandiba, Piraúba, Coronel Fabriciano, Aimorés, Sabará, Suíça, Capela Nova, Divinésia, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, e São Paulo. Tais dados chamam nossa atenção para casamentos ocorridos entre pessoas que não residem no mesmo município, mesmo que a maioria tenha residência em Porto Firme se comparamos aos outros municípios. No entanto ao compararmos os que residiam em Porto Firme com aqueles que não residem no município de Porto Firme percebemos que o número dos que não residem é maior do que os que residem, o que nos permite afirmar que mesmo se casando em Porto Firme isso não significa ser morador de Porto Firme.

Tabela 02 – Local de residência do Homem antes do casamento

| <b>Marido</b>        | <b>Freq.</b> | <b>%</b>     |
|----------------------|--------------|--------------|
| <b>Porto Firme</b>   | <b>61</b>    | <b>41,5</b>  |
| <b>Viçosa</b>        | <b>40</b>    | <b>27,2</b>  |
| São Paulo            | 8            | 5,4          |
| Piranga              | 7            | 4,8          |
| Guaraciaba           | 7            | 4,8          |
| Ponte Nova           | 5            | 3,4          |
| Presidente Bernardes | 4            | 2,7          |
| Rio de Janeiro       | 4            | 2,7          |
| Outros               | 11           | 7,5          |
| <b>Total</b>         | <b>147</b>   | <b>100,0</b> |

Fonte: Resultados da pesquisa, 2009.

Entre as mulheres, conforme a tabela 03, o número daquelas que residiam no município de Porto Firme antes do casamento é superior ao dos homens, representando 45,6%. Sendo também o município de Viçosa (32,7%), um destaque para o local de residência das mulheres antes do casamento. As demais mulheres residiam no município de Piranga, São Paulo, Guaraciaba, Presidente Bernardes, Ponte Nova, Raul Soares, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Ervália.

Tabela 03 – Local de residência da Mulher antes do casamento

| <b>Mulher</b>        | <b>Freq.</b> | <b>%</b>     |
|----------------------|--------------|--------------|
| <b>Porto Firme</b>   | <b>67</b>    | <b>45,6</b>  |
| <b>Viçosa</b>        | <b>48</b>    | <b>32,7</b>  |
| Piranga              | 10           | 6,8          |
| São Paulo            | 6            | 4,1          |
| Guaraciaba           | 6            | 4,1          |
| Presidente Bernardes | 4            | 2,7          |
| Ponte Nova           | 2            | 1,4          |
| Outros               | 4            | 2,7          |
| <b>Total</b>         | <b>147</b>   | <b>100,0</b> |

Fonte: Resultados da pesquisa, 2009.

Ao analisarmos os casais conforme apresentamos na tabela 04 notamos que o casamento entre parentes não se apresentou como uma prática comum totalizando 11,6% da amostra em contraposição a 88,4% que não são parentes.

Dentre aqueles que se casaram no ano de 2005 a 2009 a idade média quando se casaram é de 29,4 anos para os homens e de 24,7 anos para as mulheres. Entretanto, entre os casais com algum grau de parentesco a idade média quando se casaram é de 31,6 para os homens e de 24,2 para as mulheres. Ou seja, a idade não se apresenta como uma variável representativa para analisarmos o fato de serem ou não parentes.

Tabela – 04 Parentesco entre o casal

| <b>Parentesco</b> | <b>Freq</b> | <b>%</b>      |
|-------------------|-------------|---------------|
| Não               | 130         | 88,4          |
| Sim               | 17          | 11,6          |
| <b>Total</b>      | <b>147</b>  | <b>100,00</b> |

Fonte: Resultados da pesquisa, 2009.

De acordo com os dados apresentados e segundo os relatos coletados durante a pesquisa de campo podemos inferir que a alta taxa de pessoas residindo na cidade de Viçosa se deve a falta de condições favoráveis, como educação e emprego em Porto Firme, o que obriga muitos a saírem do município de origem para os demais municípios. Sendo assim, notamos que mesmo que o casal resida em outros municípios e até mesmo em outros estados o vínculo mantido com a cidade de origem os faz optar por essa para realizar o rito do casamento.

#### **4.3.1– A constituição das famílias e os arranjos familiares**

Das trinta famílias com as quais realizamos a pesquisa vinte e seis “donos” são casadas, dois são solteiros e duas viúvas (gráfico 01). Dos vinte e seis casados, três estão em uma segunda união por motivo de viuvez:

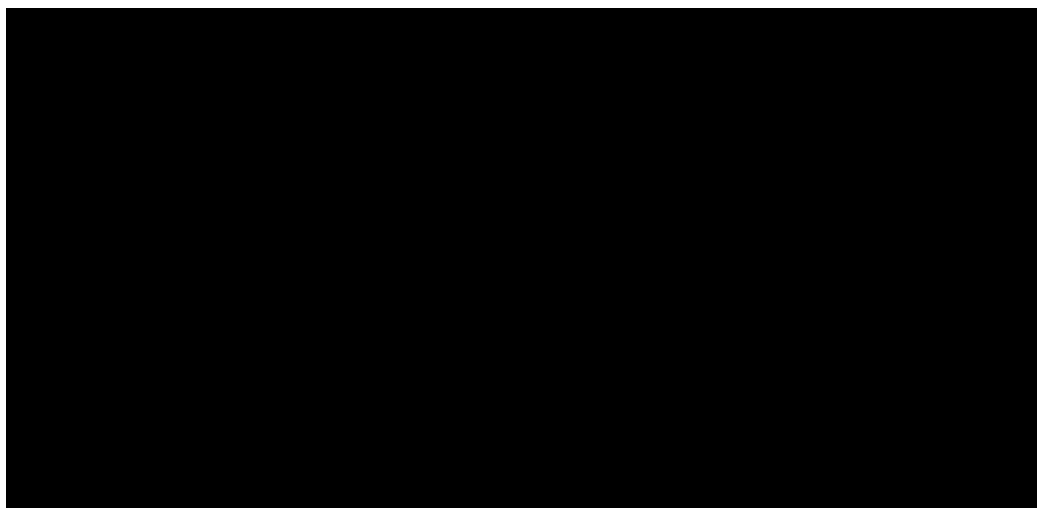


Gráfico 01: Situação Civil dos “donos” de terras  
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Para compreender melhor o perfil das famílias pesquisadas, além desses fatores levantados, notamos ser necessário apresentar um perfil estrutural para um entendimento dos aspectos discutidos nas diferentes configurações familiares encontradas. Em relação à composição das famílias entrevistadas os dados coletados propiciaram a construção de um quadro no qual se encontra a síntese das informações sobre o perfil estrutural das famílias<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Para facilitar a demonstração dos dados utilizados, utilizaremos as siglas: Mãe (H) como mãe do marido. Mãe (M) como mãe da mulher, irmão (H) como irmão do marido.

Quadro 01: Perfil estrutural das famílias

| Família    | Categorização         | Estágio do ciclo de vida | Componentes                                     |
|------------|-----------------------|--------------------------|-------------------------------------------------|
| Família 01 | Monoparental feminina | Dispersão                | Mãe (viúva) e filha                             |
| Família 02 | Ampliada              | Maturação                | Mãe (H), Marido e esposa.                       |
| Família 03 | Ampliada              | Maturação                | Mãe (H), Pai (H), Marido, Esposa e filhos (02)  |
| Família 04 | Ampliada              | Ninho vazio              | Marido, esposa e irmão (H)                      |
| Família 05 | Nuclear               | Dispersão                | Marido, esposa e filho (01)                     |
| Família 06 | Ampliada              | Ninho vazio              | Mãe (H), marido e esposa.                       |
| Família 07 | Nuclear               | Dispersão                | Marido, esposa e filho (01)                     |
| Família 08 | Nuclear               | Maturação                | Marido, esposa e filho (01)                     |
| Família 09 | Monoparental feminina | Dispersão                | Mãe e filho (01)                                |
| Família 10 | Nuclear               | Dispersão                | Marido, esposa e filho (01)                     |
| Família 11 | Nuclear               | Ninho Vazio              | Marido e esposa                                 |
| Família 12 | Nuclear               | Maturação                | Marido, esposa e filhos (03)                    |
| Família 13 | Nuclear               | Ninho vazio              | Marido e esposa                                 |
| Família 14 | Nuclear               | Maturação                | Marido, mulher e filho (01)                     |
| Família 15 | Ampliada              | Dispersão                | Pai (H), Marido, esposa, filho (01) e neto (01) |
| Família 16 | Nuclear               | Dispersão                | Marido, esposa e filho (01)                     |
| Família 17 | Ampliada              | Maturação                | Pai (M), marido, esposa, filhos (8)             |
| Família 18 | Reconstituída         | Ninho vazio              | Marido e esposa                                 |
| Família 19 | Nuclear               | Ninho vazio              | Marido e esposa                                 |
| Família 20 | Ampliada              | Maturação                | Mãe e filha (01)                                |
| Família 21 | Reconstituída         | Dispersão                | Marido, esposa e filhos (02)                    |
| Família 22 | Nuclear               | Ninho vazio              | Marido e esposa                                 |
| Família 23 | Reconstituída         | Dispersão                | Marido, esposa, filhas (02)                     |
| Família 24 | Nuclear               | Maturação                | Marido, esposa, filho (01)                      |
| Família 25 | Ampliada              | Dispersão                | Marido, esposa, neto (01)                       |
| Família 26 | Nuclear               | Dispersão                | Marido, mulher, filho (01), sobrinhas (02)      |
| Família 27 | Unipessoal masculina  | Maturação                | Homem                                           |
| Família 28 | Nuclear               | Maturação                | Marido, esposa, filhos (03), irmão (H).         |
| Família 29 | Ampliada              | Dispersão                | Marido, esposa, filhos (05), neto (01)          |
| Família 30 | Nuclear               | Ninho vazio              | Marido e esposa                                 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os dados apresentados no quadro 01 mostram que a configuração das famílias é heterogênea. Contudo, há semelhanças que nos possibilitaram o agrupamento em categorias para nos auxiliar na percepção do modo de vida e também no significado que o casamento assume para cada configuração. Nesse sentido agrupamos as famílias de acordo com os ciclos de vida: dispersão, maturação ou ninho vazio conforme apresentamos no gráfico 02:

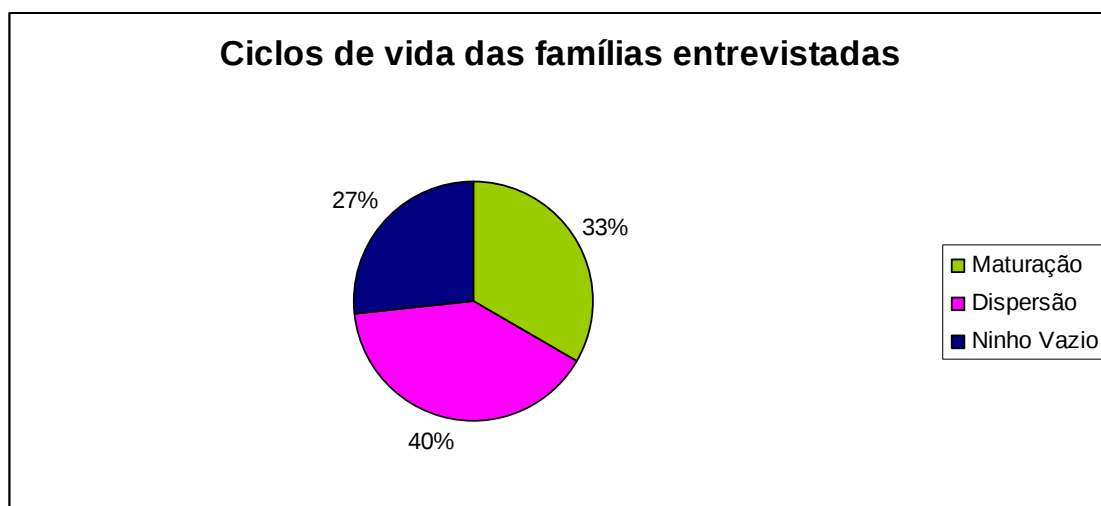


Gráfico 02: Ciclos de vida das famílias entrevistadas  
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Podemos constatar que, 40% das famílias estão no estágio de dispersão, que ocorre quando pelo menos um dos filhos deixou a casa, seja por motivo de estudo, trabalho ou para formar uma nova família. No estágio de maturação, quando os casais recém casados com ou sem filhos residem em uma mesma unidade familiar ou são solteiros, a porcentagem é de 33%. E 27% estão no estágio de ninho vazio, composta por casais que residem sozinhos.

Para além dos ciclos de vida das famílias, verificamos a necessidade de classificar a amostra em relação aos modelos de família, conforme nos apresenta o gráfico 03. Notamos ser predominante o modelo de família nuclear, totalizando 50% da amostra. O modelo de família nuclear é formado pelos pais e seus filhos residindo em uma mesma unidade familiar.

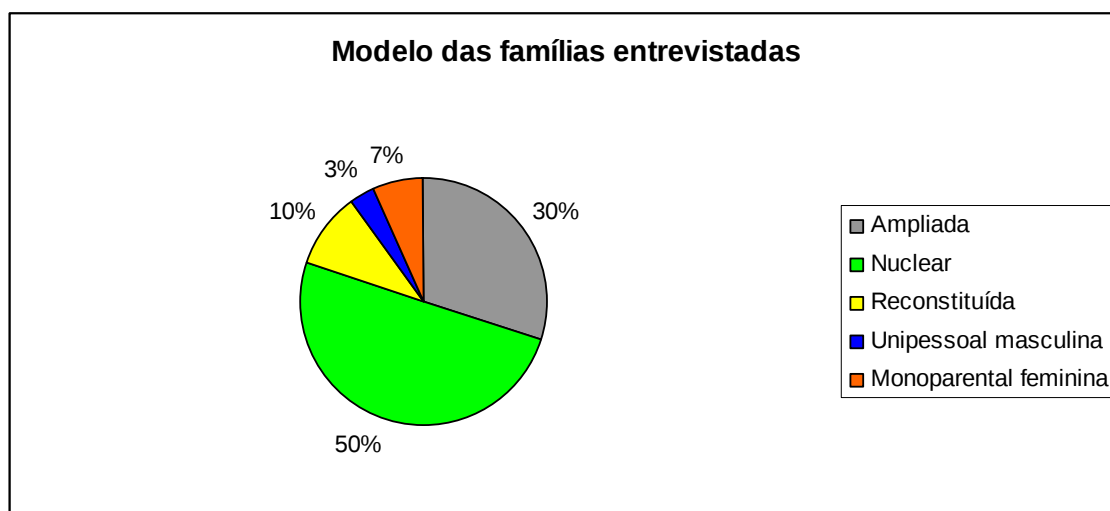


Gráfico 03: Modelos das famílias entrevistadas  
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Dentre as famílias nucleares foram encontradas seis em estágio de dispersão, cinco em estágio de ninho vazio e quatro em estágio de maturação.

No que se refere às demais famílias foram encontradas 9 ampliadas, 2 monoparentais femininas, 3 reconstituídas e 1 família unipessoal<sup>9</sup>. Dentre as famílias ampliadas foram encontradas até três gerações residindo na mesma casa, sendo estes pais, filhos e netos. Consideramos também como famílias ampliadas aquelas que tinham pelo menos um membro da família, neste caso, tios e/ou avós que residiam juntamente com o casal e seus filhos, assim como aquelas nas quais os avós criavam seus netos. Em relação às famílias monoparentais femininas consideramos as mães que residiam com seus filhos. Nos dois casos pesquisados tratam de mulheres que ficaram viúvas e tomaram para si a responsabilidade da família. Em se tratando das famílias reconstituídas consideramos aqueles casais em segunda união, todos por motivo de viuvez. Em duas dessas famílias, os filhos de pelo menos um dos cônjuges residem com o casal. Na outra família o casal reside sozinho. No caso da família unipessoal se trata de um homem solteiro que deixou a casa dos pais constituindo residência independente.

---

<sup>9</sup> Para esse artigo adotamos a classificação família unipessoal masculina em estágio de maturação para os homens “donos” de terras solteiros.

As famílias apresentaram diferentes arranjos familiares. Segundo Prado (2007), as transformações sociais implicam em mudanças, tanto na função como na forma de organização da família. São essas transformações sociais que ocasionam mudanças na organização familiar e não o contrário, pois a nosso ver a sociedade tem uma dinâmica mais rápida do que a família.

De acordo com Paixão (1992):

A família, uma complexa instituição social, é afetada, entre outros, pelo fator biológico, que determina as fases ou estágio de crescimento, desenvolvimento e maturação de seus membros. Admite-se, a princípio, que esses estágios ocasionam não apenas mudanças biológicas, mas também, diferenças de comportamento nos membros da família, na sua própria estrutura e na organização familiar, à medida que a família avança no seu ciclo de vida. (PAIXAO, 1992, p.1)

Isso nos aponta para diversos estudos de família no Brasil que segundo Paixão (1992) não levam em consideração os ciclos de vida familiar enquanto um tema privilegiado para a pesquisa e em menor proporção ainda no que se refere aos estudos sobre família na sociedade rural. Esses estudos, segundo a referida autora, deixam de considerar que as famílias ao longo do seu ciclo de vida, não conseguem manter a mesma estrutura, a mesma natureza, o mesmo tipo de relacionamento entre os membros e as mesmas tomadas de decisão. Assim, devemos olhar para a família não como um somatório de pessoas, mas uma unidade formada por um grupo de pessoas com suas individualidades, significações e significados.

Considerando os estágios dos ciclos de vida da família e apoiados nas afirmações de Paixão (1992), conduzimos a análise dos dados que deu origem a esse artigo de tal forma a apresentar a discussão do significado do casamento.

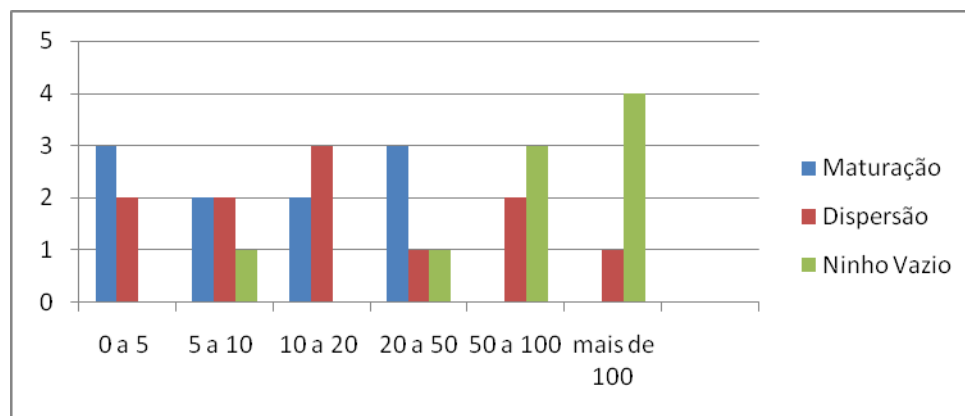


Gráfico 04: Estágio dos ciclos de vida das famílias X tamanho da propriedade

A partir da análise dos dados evidenciados no gráfico notamos que as famílias em estágio de maturação estão entre aquelas que possuem de 0,1 a 50 hectares de terra, sendo que as famílias em estágio de ninho vazio estão entre aquelas que possuem de 50 a mais de 100 hectares de terra. As famílias em estágio de dispersão perpassam todas as escalas de tamanho de propriedade. E no intervalo de terra de 20 a 50 é onde encontramos todos os estágios do ciclo de vida da família. Verificamos que o tamanho da propriedade não se revelou como uma condição determinante para o significado que as famílias dão ao casamento. Mesmo entre as famílias em estágios de vida diferentes o significado atribuído pode ser agrupado em três blocos conforme apresentamos a seguir.

#### 4.3.2 – O significado do casamento para as famílias

Como podemos observar nas comunidades estudadas o casamento faz parte do projeto de vida coletivo que direciona a vida dos indivíduos. Casar significa seguir o “rumo” natural da vida. Permanecer solteiro ou solteira não é considerado uma opção. Pelo contrário, revela a falta da mesma. Até entre os que já passaram pela viuvez o casamento tem um apelo, pois ficar sozinho não é algo vislumbrado pelo imaginário coletivo.

Conforme nos apresentaram os dados, em 26 famílias o casamento, entre os entrevistados casados, ocorreu principalmente entre pessoas que residiam na mesma comunidade ou em comunidades vizinhas, não sendo recorrente a prática de se casar com pessoas de outros municípios. Somente em quatro casos os casamentos aconteceram com pessoas que residiam em outros municípios. Destes quatro, em dois

casos os entrevistados afirmaram ser casados com mulheres de outro município em função da atividade profissional desenvolvida como tropeiro<sup>10</sup>. Tal profissão, segundo eles, possibilitou uma maior mobilidade e convivência em outros lugares. Entretanto se contrapormos tais dados com os coletados no cartório notamos que esses se contradizem uma vez que entre os casamentos realizados entre o ano de 2005 a 2009 é considerável o número de casamentos ocorridos entre pessoas que residiam em municípios diferentes. Tais diferenças podem estar relacionadas às mudanças que ocorreram ao longo dos anos em relação ao casamento, uma vez que os dados coletados no cartório só evidenciam as características dos casamentos ocorridos recentemente e os estudos de caso das famílias nos apresentam casamentos realizados desde os anos de 1950 até 2009.

Como já observado em outras pesquisas, os casamentos entre parentes, comum nas comunidades, normalmente ocorrem entre primos de primeiro, segundo e terceiro grau. Nas famílias pesquisadas, verificamos 4 casos de casamento entre primos. Contudo, mesmo que o número de casamento entre primos seja de 14,28%, os relatos dos entrevistados nos revelaram que essa é uma prática recorrente. No entanto percebemos que em diferentes situações muitos preferiam apontar o “outro” como vivenciando tal situação, omitindo o fato em relação a si próprio. Das trinta famílias pesquisadas, cinco tinham pessoas com necessidades especiais e nos pareceu que os entrevistados relacionavam o casamento entre parentes com filhos “com problema” (portadores de necessidades especiais). Talvez seja esse o motivo de muitos preferirem omitir o parentesco do casal. O depoimento abaixo é revelador nesse sentido. Conforme pode ser visto, a entrevistada chega a apresentar uma estatística para legitimar o seu argumento contrário ao casamento entre parentes:

Eu na minha família, graças a Deus nenhum dos meus filhos eu não deixei casar entre parentes não. Acho que é coisa que não se deve fazer, porque não dá certo não. Porque o casamento, sendo entre parente tem até treze por cento de chance dos filhos com problema. (*Bernadete, viúva, 64 anos, F. 09*)

---

<sup>10</sup> A profissão de tropeiro, extinta nessa região, consistia na venda de bens e produtos pelas comunidades do município e de municípios vizinhos.

O casamento entre parentes possui também outro significado. Além desse relacionado aos filhos “com problemas” houve casos nos quais os entrevistados, em meio a risadas e dizendo ser uma brincadeira, afirmaram que o casamento entre parentes é uma forma de não dividirem a herança, conforme nos relata o entrevistado:

Na minha família casa demais entre parentes, parece que não existem outros. Parece que não existe outra pessoa tem que casar tudo entre parentes, parece que não querem dividir as riquezas com os outros não. Agora na minha família, dos meus irmãos, tem quatro, tudo casado entre parentes, é parente, mas é longe. Tudo de uma família só. (*Francisco, casado, 62anos, F. 21*)

Apesar de ser tratado com humor, estudos anteriores como o de Woortmann (1995) mostram que a preocupação com a não divisão ou transferência da titularidade da propriedade interfere na escolha do parceiro ou parceira para o casamento. De acordo com a referida autora, “o casamento não pode ser visto apenas como uma maneira de assegurar a reprodução social. O seu objetivo maior é o da preservação do patrimônio representado pela terra” (WORTMANN, 1995:12). Assim, mais do que um interesse pessoal na escolha do cônjuge, há um interesse familiar e patrimonial.

Das famílias entrevistadas, 22 (73,3%) adquiriram suas terras por meio de herança. Apenas 8, ou seja, 2,6% adquiriram por meio da compra. Diante disso podemos afirmar que a herança entre as famílias pesquisadas é a principal forma de aquisição de terra e o casamento entre pessoas de uma mesma comunidade ou comunidades vizinhas pode ser entendido como uma forma de agregar as porções de terras de ambos os cônjuges. Nesse sentido o casamento entre primos, expresso no trabalho de Wortmann (1995), pode ser verificado no casamento entre vizinhos.

De acordo com os dados coletados, o processo de formação das famílias inicia-se com a união formal dos cônjuges. Sendo assim no imaginário coletivo o casamento está diretamente ligado à formação de uma nova unidade familiar.

Estudos como de Woortmann (1995) realizados em comunidades rurais tradicionais com os colonos do sul e os sitiantes do nordeste mostraram que a escolha do cônjuge, que era feita pelos familiares, tinha como principal interesse manter as

terras sob um mesmo domínio de parentesco. A terra, vista como um bem familiar, passada de pai para filho ao longo das gerações, se constituía como ponto importante para a escolha do parceiro. A escolha do cônjuge, regulada pelo domínio das terras, resultava nos casamentos entre parentes. Este estilo de casamento, entre primos, permitia que a terra continuasse sob o domínio de uma mesma família, prática comum entre os camponeses tradicionais.

Nesse estudo, o casamento assume outros significados, que não somente a não pulverização das terras. O casamento entre parentes acontece, não mais pela escolha explícita dos pais, mas por uma escolha velada, dentro das diversas redes que as pessoas estabelecem numa mesma localidade, sendo a boa conduta familiar a que mais se destaca nas falas dos entrevistados. Ao serem questionados como se dá a escolha do parceiro essa característica é sempre acentuada:

Ai eu peguei a namorar com ele (se referindo ao esposo, Fernando), ele (o pai de Cristina) fez gosto demais porque ele é conhecido, igual eu to te falando porque o avô dele (Fernando), o pai do meu pai é irmão do pai da mãe dele. Ai é tudo conhecido, no caso Ana (mãe de Fernando) mais papai é primo primeiro né?  
(*Cristina, casada, 33 anos, F. 08*)

Conforme o depoimento apresentado é possível verificar o parentesco que permeia o campo da pesquisa. Como de modo geral as propriedades são oriundas de áreas maiores de terra que foram sendo divididas entre os herdeiros é comum encontrar localidades nas quais a concentração de parentes é expressiva. Para além desse aspecto, outro que nos chamou à atenção foi o fato do casamento entre vizinhos e parentes constituir um fenômeno que se repete ao longo do tempo. A escolha do parceiro entre aqueles que residem na mesma comunidade ou em comunidades vizinhas é ainda hoje uma prática comum. Esse fenômeno acontece mesmo nas comunidades onde o deslocamento dos moradores para outros locais é corriqueiro. O fato de se deslocarem todos os dias, por diversos motivos tais com, trabalho, estudo, dentre outros, não se mostrou como fator determinante para mudança no que se refere à escolha dos parceiros.

Outros fatores também mencionados para a escolha do parceiro foram: a conduta familiar, o comportamento do cônjuge e também a renda da família. Em relação ao comportamento do parceiro, as relações de trabalho são determinantes. Ser

ou não ser trabalhador é um requisito usado para saber se a pessoa será responsável e capaz de cuidar e sustentar uma família. Em alguns casos foi observado certa referência à classe social; não no sentido de interesse de ascensão, mas sim como critério de distinção, conforme o depoimento abaixo:

Ah minha filha, eu cá tive meu jeito de escolher, mas cada um tem o seu jeito. Ela era muito trabalhadeira eu conheci minha moça pela polpa, eu não podia casar com uma moça formada porque eu não tinha condições. Uma moça formada, onde que ia morar na roça, aqui? Me ajudar na roça morar numa casinha na roça ia dar desencontro né. Ia querer uma casa na rua, não ia querer ficar aqui sem conforto nenhum, Nossa Senhora! Ai elas falavam não tem um conforto, não tem um carro, ai o sujeito fica calado. Eu falei com ela eu não tenho nada disso, só entreguei meu corpo para você, e ai fomos vivendo. Como é que eu podia escolher uma formada, não tinha como, colocar uma casa na cidade outra na roça não tinha condições. Manter uma pessoa de nível alto não é fácil não. *(João, casado, 82 anos)*

O depoimento permite realizar observações interessantes. Na fala do entrevistado é nítida a posição e o status social que ele se atribui e que atribui ao outro, ao evidenciar a “impossibilidade” de assumir compromisso com alguém de nível superior ao seu. Tal postura sinaliza para a idéia de que o casamento deve se realizar entre iguais.

Quando perguntado aos entrevistados sobre a importância do casamento, diferentes perspectivas foram apresentadas: casamento enquanto possibilidade de constituição de uma nova família; casamento enquanto legitimidade imputada pelo sacramento religioso, ritual repetido por todos; casamento enquanto possibilidade de adulez, rito de passagem, símbolo de liberdade, capacidade, responsabilidade. Independentemente da justificativa apresentada para a importância do casamento, é reveladora a forma naturalizada como o mesmo é apresentado.

#### 4.3.2.1– Casamento e Poder

Falar em significado do casamento pressupõe falar em um processo de escolha. O casamento, segundo Sarmento (2006), é um ritual que traz a público a discussão sobre a moral não somente dos cônjuges mas também de suas famílias. Em nossa pesquisa esse aspecto tornou-se evidente quando depararmos com

entrevistados que têm como critério de seleção e escolha do cônjuge a família ao qual o outro pertencia. É o que nos mostra o depoimento de Adão, quando questionado sobre porque escolheu se casar com Eva.

Eu escolhi ela por causa do comportamento também, por causa do tipo. Eu via o jeito que ela tratava os pais dela. Alguma coisa deu certo com ela, o tipo. A família, o controle dentro de casa, esses negócios. (*Adão, casado, 27 anos, F2*)

Notamos que para Adão o casamento ainda denota condição de controle e obediência. Isso é notório quando ele afirma ter escolhido a esposa pela forma como ela se relacionava com os seus familiares. No entanto, outro trecho da entrevista mostra que o cenário de opressão e submissão pode ser relativizado ao longo do tempo. Ao serem questionados sobre as mudanças que ocorreram em relação ao casamento afirmaram:

Adão: a convivência um com o outro, o jeito de tratar.

Eva: Antigamente os pais segurava mais os jovens.

Adão: O casamento era mais ignorante no tratar dentro de casa.

Eva: Um não conhecia o outro direito.

Adão: Antes não tinha opção, não sabia nem com quem casou. Hoje não já conhece a pessoa melhor, já tem mais noção. As condições hoje também mudou, no casamento já tem uma filmagem, existe foto. Antes a convivência era mais rigorosa dentro de casa.

Eva: Os pais segurava mais os filhos.

Adão: Os antigos fazendeiros eram mais ignorantes dentro de casa, até mesmo com as esposas. Hoje em dia não vê isso mais não. Aqui na roça já mudou, antes não tinha coisa dentro de casa, as mulheres sofriam mais um pouquinho. (...) os maridos tinham que trabalhar igual um condenado, não tinha ajuda nenhuma né? (*Adão, casado, 27 anos; Eva, casada, 18 anos, F2*).

A estrutura de poder representada pelo homem é expressa nos relatos como uma situação ocorrida no passado, mas não vivenciada por eles atualmente. Por outro lado, em alguns relatos notamos ser ainda a figura masculina a detentora de poder principalmente no que se refere à tomada de decisão. O controle e a falta de liberdade, principalmente das mulheres, é perceptível na fala de Cristina ao ser questionada porque em sua família as mulheres se casaram mais novas que os homens. Conforme a entrevistada:

Porque eram mais impedidas de ir na rua, por exemplo a minha irmã mais velha. Eu não, eu fui mais solta, eles impediam de namorar na rua, então era só casar que restava. *(Cristina, casada, 31 anos, F8)*

A fala da entrevistada mostra que o casamento para muitas mulheres significava um rompimento com a autoridade dos pais. É o que nos aponta também os estudos de Stropasolas (2004). Para ele, “a vigência de relações desiguais e excludentes no seio da agricultura familiar é um dos principais fatores responsáveis pela saída das mulheres do campo”. Em nossa pesquisa tais relações desiguais além de ocasionarem a migração, principalmente das mulheres, para a sede do município foram também citadas nos relatos dos entrevistados como um fator preponderante para a saída de muitas mulheres da casa dos pais, fazendo do casamento um recurso favorável. O depoimento da entrevistada é revelador nesse sentido:

(...) é porque não tem liberdade, eu era só trabalhar na roça direto. Papai a gente podia tá com o que tivesse que tinha que ir pro mato. Conforme a chuva tá malhando assim nós tava lá musgada no pasto plantando milho ou seja o que fosse: plantando muda de arroz no brejo atolada até cá no joelho. Aí uai, estudar ele não deixava eu só tenho a terceira série nem quarta série eu tenho. Ai eu peguei namorar com ele. (...) as mocinhas de hoje em dia vai tudo nas festas, goza da vida. Eu não tenho arrependimento não. Porque o negócio de eu ter sido uma pessoa direita que não ia em festa, não ficava com um hoje outro amanhã aí nós dois deu certo, você precisa de ver. Ai não tem como um taca na cara do outro, não é mesmo? É desse jeito no meu modo de pensar. Eu acho que hoje em dia foi o melhor para mim, porque eu ajudo ele. O dia que eu não estou agüentando mesmo ele fala “Ah minha fia vai se você não estiver agüentando você volta” E com papai não, do jeito que tivesse tinha que ir e trabalhar mesmo. Nós fomos bem sofrida, nós moça tudo penou demais na roça. *(Cristina, casada, 31 anos, F8)*

Por esse relato notamos que a autoridade paterna, a exploração do trabalho, a falta de liberdade e a submissão são fatores de sofrimento. A constituição de uma nova família significa a convergência para uma vida que, segundo a entrevistada, seria menos sofrida. Por outro lado, em sua fala notamos que a mão de obra feminina é vista como “ajuda”, concepção que ainda permanece no presente. A ajuda e a obediência ao homem estão implícitas na fala do marido ao dizer que “se ela não estiver agüentando o trabalho ela volta”. No entanto ela mesma deixa transparecer

que a autoridade paterna fora substituída pela autoridade do marido. Mesmo que a relação seja melhor é explícita a relação verticalizada de autoridade do marido sobre a esposa. As relações familiares pautadas no controle que o pai exerce em relação ao filho, ou do esposo em relação à esposa, ao mesmo tempo em que é para Adão um definidor na escolha do cônjuge é para as mulheres um motivo de fuga da autoridade paterna. Essa compreensão é percebida não só na fala dos casados como também no dizer das “solteironas”<sup>11</sup>:

(...) Porque toda vida eu fui mesmo de família, ai todo mundo foi casando e a responsabilidade ficou nas minhas costas, ai nunca tive tempo, as vezes nem para namorar. Nem para mim direito eu nunca tive tempo. Meu pai faleceu ai ficou a minha mãe também de idade comigo, ai a responsabilidade é tanta que não tive tempo nem de namorar, nem de casar. (*Margarete, solteira, 49 ano, F20*)

Na fala de Margarete, o fato de não ter se casado é “culpa da família”, situação que ele carrega como um estigma. Sendo a “solteirona”, uma vez que lhe foi negado o direito de namorar, o que lhe restou foi cuidar dos seus pais, conforme seu relato. O namoro na localidade estudada precede o casamento. A não permissibilidade em relação a uma das etapas compromete a etapa seguinte. Neste caso não poder namorar significa não poder se casar.

A mesma entrevistada, ao ser questionada sobre as possíveis mudanças em relação ao casamento, deixa evidente o seu imaginário que se contrapõe ao cenário de opressão e submissão por nós encontrado:

Olha eu acho que antigamente as mulheres toleravam os maridos porque dependiam, elas dependiam dos maridos e hoje não, as mulheres são independentes, trabalham para ter o próprio sustento. Hoje elas dependem delas mesmas, então não precisa dar muita satisfação para o marido. (*Margarete, Solteira, 49 anos, F20*)

Mesmo não sendo casada, o relato da entrevistada nos revela um imaginário de mudanças que não condiz com a realidade apontada por outras entrevistadas, como é o caso de Margarida, que sugere como alternativa a essa condição retardar o

---

<sup>11</sup> Solteironas é um termo local utilizado para as mulheres “mais velhas” que não se casaram

momento do casamento. Desse modo, a pessoa teria mais tempo para “aproveitar” a vida. Eis o que Margarida nos relatou:

Não precisa correr para casar não, porque casa muito nova a vida é muito dura, pega aquele negocio não só de agradar o marido, mas também de cuidar dos filhos. Porque todo dia tem que agradar o marido mesmo, o homem tem um trem por dentro dele. Aquela que não aceita com pouco o homem sai fora. O marido pode caçar mulher fora, a esposa pode ficar sabendo. E casando mais velho vai divertir mais. E na vida do casamento tem muita coisa que quem casa precisa saber, tanto pro lado do homem como pro lado da mulher. Tanto tem rapaz como tem moça, tanto tem homem como tem mulher. (Margarida, viúva, 74 anos, F1)

É interessante observar que a alternativa apresentada por Margarida não significa um rompimento com a idéia de submissão, mas apenas um encurtamento dessa situação motivada pelo prolongamento da vida de solteira.

A permissibilidade social no que se refere à traição é justificada ora por uma necessidade implícita do homem ora pela falta de disposição da mulher. Tais justificativas revelam a centralidade ocupada pelo homem na vida conjugal e faz da mulher apenas um “receptáculo” da vontade masculina. A ela não é permitido sentir ou não desejo bem como atração por outros homens, pois não faz parte de sua natureza.

No que tange às relações de gênero, essas se colocam, principalmente entre as famílias em estágio de dispersão, de modo dialógico. Entre os cônjuges a figura masculina não necessariamente sobrepõe à figura feminina. No entanto, apareceram em nossa pesquisa, alguns relatos que correlacionam o casamento como uma prisão, permitindo-nos afirmar que, mesmo que as relações conjugais não sejam dadas de modo verticalizado, a própria condição de “ser casada” carrega consigo vários significados. O depoimento de Nazaré é revelador nessa discussão:

(...) eu acho que hoje, hoje você vê eu casei com 25 anos, eu não queria casar. Não é porque não apareceu casamento não. Eu estava em São Paulo, mas se eu estivesse aqui seria a mesma coisa, eu não queria casar nova não. Eu achava que a pessoa depois que casava querendo ou não é uma prisão. Como eu queria ser mais livre né, fui para São Paulo. Porque pai da gente não tinha idade para ele corrigir filho e mandar não, mas eu é que nunca quis namorado. Eu sempre gostei de passear lá em São Paulo, fim de semana, eu ia na

praia muito, diariamente. Todo mês quase eu e minhas colegas ia na praia, numa lagoa no alto da serra, passeava de barco, fazia piquenique. Depois que eu casei, que a gente arruma filhos, acabou. *(Nazaré, casada, 59 anos, F21)*

Ao considerar o casamento como uma prisão a entrevistada cita como justificativa para esta imagem a privação de direitos, sobretudo em se tratando de atividades de lazer. A afirmação “depois que eu casei, que a gente arruma filhos, acabou”, expressa a compreensão de que o casamento está relacionado com a reprodução familiar. Há uma “ordem natural” em que casar significa ter filhos. Nesse relato a entrevistada cita o fato de ter filhos como algo que limita a liberdade da mulher que passa a ser mãe. Assim, “arrumar filhos” significa chegar ao fim de uma vida de liberdade e oportunidade.

O controle dos pais em relação à vida de seus filhos é algo marcante nos depoimentos de alguns entrevistados. Fatores já apontados por nós e que se apresentam de modo predominante nas famílias que se encontram no ciclo de vida da maturação, mas que se fizeram presentes também no estágio de dispersão. A noção de família e a condição social são critérios levados em consideração na escolha do cônjuge.

Gente de primeiro era assim, bem não tinha visto já queria casar. Meu pai olhava para a pessoa via se tinha um natural bom, se era trabalhador. Meu pai me chamava de Tagininha, aí ele falou comigo assim: Tagininha eu vim aqui perguntar você minha filha, Antonio Alicio, foi lá em casa pedir casamento para Sô Aristóteles. Você quer casar com ele? E eu respondi: Uai pai se o senhor quiser, se o senhor aceitar eu quero. *(Margarida, viúva, 74 anos, F1)*

Neste relato constata-se uma noção de casamento como algo que não era imposto, mas que passava pelo crivo dos pais. Era o pai quem dava a palavra final em relação à possibilidade de se casar ou não. A autoridade paterna, respeitada em grande parte pelos filhos, em alguns casos foi o que definiu o processo de escolha. O depoimento revela um conflito entre o desejo de liberdade e o respeito aos valores familiares. No entanto, ao analisar o depoimento abaixo notamos que a escolha não era feita de modo passivo. Havia alguns códigos como a “cutucadinha no pé” que indicavam se o casamento era desejado ou não.

Eles iam na casa da gente. Os pais da gente ia para a sala e a gente ia para a janela escutar eles conversarem. Eles iam lá conversar com o pai e com a mãe. Lá ninguém conversava com a gente não. Eles (os pais) não gostavam uai. Às vezes em comparação eles estavam sentados assim, a gente passava bem pertinho dava uma cutucadinha no pé, para ele (o pretendente) saber que era para ficar. Esse que a gente não gostava a gente passava sem pisar no pé. Meu pai falava, falava com ele para ficar “não seu Zé eu vou embora, tenho que tomar remédio não posso ficar não”. Meu pai conversava pouco, mas era muito bravo (Margarida, viúva, 74 anos, F1)

Sendo assim, notamos que a autoridade dos pais é perceptível no modo de educar seus filhos, bem como no processo de escolha dos cônjuges. Após o casamento a figura masculina continua reproduzindo a opressão, no entanto a figura do pai é substituída pela figura do esposo. Conforme apresentado essa relação marido-mulher, se dá de modo mais dialógico do que a relação pai-filha.

#### 4.3.2.2 – Casamento e Necessidade

Tento em vista que o casamento é uma imposição social, no qual as relações sociais e suas significações se dão, em muitos casos, a partir da condição ser ou não ser casado esse se apresenta como uma necessidade. Entretanto, a escolha do parceiro também perpassa por alguns critérios previamente elencados, no relato abaixo destacamos a questão econômica dos pretendentes.

(...) Ele quis conhecer a minha mãe. Ai conheceu a minha mãe e eu comecei a vender bezerros para ele. Ele até arrumou umas filhas dele que ele queria que ficasse namorando comigo. Eu sempre fui uma pessoa de lutar muito. Ai você sabe como é né. Eu fiquei assim: Ah meu Deus do céu. Ai eu fiquei assim na minha. Ai eu falei: Oh meu Deus como é que pode uma coisa assim, como é que eu vou arrumar para mim dar conta dessa família rica assim. Eu também não era mole não, mas para mim dar conta eu achava pesado. Ai eu rapei fora. Quem é forte entra na família forte, agora quem é forte entrar na família assim de pouca coisa, tem que ser mais forte que a gente. Uma pessoa pode ser pobre, mas tem que ser estudada, tem que ser desenvolvida. Ela não pode ser uma pessoa muito bobona não. Quer ser ativa e não é! (*Heitor, casado, 77 anos, F30*)

Em função da preocupação do homem com a provisão da família, a situação econômica também é citada nos relatos masculinos como um definidor no processo de escolha por meio das combinações forte/fraco. Os fortes nesse universo se tratavam de pessoas com grande poder aquisitivo, proprietários de terras. Os fracos eram aqueles que não possuíam muitos recursos. Caso a pessoa não possuísse recursos financeiros o estudo era visto como uma possibilidade de ascensão social. Portanto, a pessoa “estudada”, mesmo que financeiramente não fosse considerada forte, por causa dos estudos era vista com tal. Nesse sentido, casar com mulher de família forte não era visto como uma escolha bem feita pelo homem, uma vez que após o casamento o marido não teria condições de oferecer à mulher as mesmas condições que essa tinha na casa dos seus pais.

No entanto mesmo que no processo decisório a mulher não tomasse as decisões, no que tange a vida após casados, principalmente no que se refere ao trabalho na propriedade notamos que as decisões são compartilhadas por ambos. O depoimento do casal Antônio e Joana corrobora nossas afirmações a esse respeito:

Antônio: casamento é união, é respeito, é amor, é compreensão, completa ai Joana.

Joana: É isso ai, é família.

Antônio: é a família completa né. Porque tem muitos casamentos que não têm família. Essa coisa de família já é completar o casamento. Há casal que não tem filhos, então quer dizer que não tem filho não teve casamento? Teve. Filho é complemento.

Joana: Casamento é os dois trabalhar junto né. Antigamente não trabalhava não, mas depois de um certo tempo os dois trabalham né. Antigamente minha mãe falava que a dama ficava na casa né. Agora de uns anos para cá os dois trabalham. O casamento aumenta a responsabilidade ai aumenta o trabalho né? (Antonio, casado, 62; Joana, casada, 59. F13)

Neste diálogo o casal comenta que ao longo dos anos aconteceram mudanças referentes ao casamento e a distribuição de tarefas entre homem e mulher. Do mesmo modo o significado do casamento é colocado numa percepção de respeito, amor, união, compreensão.

O significado do cuidado e do companheirismo é algo recorrente na fala dos entrevistados, podendo ser entendido como uma necessidade, ou seja, uma questão de sobrevivência. O casamento é compreendido como algo que substitui o cuidado

dos pais, como uma etapa natural da vida, assim como a morte. A presença do companheiro substitui a ausência dos pais. Ao serem questionados sobre o que é o casamento Ailton responde:

É muita responsabilidade. Casamento é muita coisa. A pessoa precisa de um companheiro na vida dele, ué, para cuidar. Ninguém sabe o dia do amanhã nada, ué. Tem que ter alguém ali do lado. Não vai ter pai e mãe do lado dela a vida toda, né? Ter os filhos continuar a vida. (Ailton, casado, 34 anos, F.03).

O mesmo pode ser evidenciado na fala de Eustáquio:

Eu já morei aqui sozinho, quando mãe morreu minhas irmãs já era tudo casada. Morei sete anos sozinho eu e Deus. Ai quando eu conheci ela eu já tinha sofrido muito aqui. Cozinhar e mexer com roça não é fácil, casar é melhor. A mulher cuida mais da casa e o homem da roça, quando o homem ta apertado a mulher vai e ajuda, quando a mulher ta apertada o homem vem também e ajuda em casa. Praticamente igual (*Eustáquio, casado, 51 anos, F.14*)

Na expressão “cozinhar e mexer com roça não é fácil, casar é melhor”, podemos entender também que o casamento é, para além de uma relação de submissão entre homens e mulheres, uma questão de sobrevivência no meio rural, uma vez que os papéis masculinos e femininos são divididos entre a roça e a casa. No ambiente da roça a mão de obra feminina é entendida como uma ajuda. Essa condição de “ajuda” esvazia a participação da mulher como parte integrante do processo de sustentação da propriedade, e essa passa a ser vista como um apêndice na condição de produção e consumo. Porém, em outro trecho da entrevista Eustáquio deixa transparecer que a condição de ajuda não significa necessariamente a submissão da figura feminina em relação à masculina, mas sim espaços distintos de pertencimentos. A roça pertence ao homem e a casa à mulher, uma vez que a presença da mulher na roça ou a presença do homem na casa é tida como ajuda nos dizeres do entrevistado.

Um outro aspecto apontado pelos entrevistados em relação ao significado do casamento é que ele está em oposição a uma vida solitária. A solidão, seja ela na vida adulta ou na velhice, é colocada como algo inaceitável. O depoimento de Adriano ao ser questionado sobre a importância do casamento é revelador:

Ah eu acho que é, porque hoje a pessoa, ninguém tem os pais para vida toda com certeza. E Deus me livre, eu acho uma covardia, tendo alguém para cuidar ali e tá no asilo. Eu vejo muita gente no asilo, ali, que não devia tá lá. Eu acho que não devia. Só porque ficou velho, pode ter errado muito com a família, mas eu não acho certo (Adriano, casado, 51 anos, F.26)

Nesse relato o casamento é visto como sinal de companheirismo. Constituir uma família é um caminho para não ficar sozinho. O fato de ser casado implica em um não abandono por parte dos familiares. Permanecer em um asilo é visto como um castigo ou uma maneira de pagar pelos erros cometidos com os familiares. Entretanto, para o entrevistado isso não é aceito como justificativa. Também em outros relatos percebemos um sentido semelhante para o casamento.

Sendo assim seja como uma questão de companheirismo, cuidado, provisão econômica, ou mesmo sobrevivência, o casamento é compreendido como uma necessidade para as famílias proprietárias de terras.

#### 4.3.2.3 Casamento e religiosidade

O sentido da religiosidade também emerge nas falas dos entrevistados quando se referem ao casamento. Esse significado se expressa através de um rito ou uma função social na constituição da união, como evidencia Clarice:

Como diz a gente se gostava né, a gente se gostava aí o como se diz o tio dele também é padre né. O tio dele também não aceitava, papai também não aceitava amigar de jeito nenhum. Podia ter filho solteira igual eu tinha, mas amigar não. É coisa da cabeça dele né, já tinha os filhos, agora casar pra que né. Já tinha, só que para eles não tava certo, tava errado. Para mim não tem não, é a mesma coisa. Se você tiver que respeitar o outro pode tá casado, amigado que vai respeitar. O casamento é para seguir a Deus e o mandamento de Deus. Agora não é porque é casado que você vai ser santo também não. Num quer dizer você casou errou. Eu casei, tá certo que aquele erro que eu tive não segui ele mais. Tive meus problemas mesmo, tive filhos antes de casar, tive meus problemas. So que depois do casamento pra cá o que passou, passou. Aquilo ali não voltou mais. Tem diferenças, tem diferenças. (Clarice, casada, 44 anos, F. 17)

O depoimento possui pontos importantes: a idéia da necessidade do casamento em relação à possibilidade de ter filhos. No caso dos filhos já existirem, a necessidade do casamento é relativizada. Contudo, há uma influência da família no processo de legitimar a relação via rito religioso, e “consertar” os erros do passado. No dizer da entrevistada isso significa “casamento para seguir mandamento de Deus” relacionado ao respeito pelo outro e ao compromisso. Nesse caso, o rito religioso permite que a entrevistada vivencie um rompimento com suas condutas anteriores, fundadas em outros valores que não o compromisso e o respeito.

Em relação às representações que os entrevistados têm sobre o casamento religioso, notamos uma nítida associação entre este e a família. Tal associação pode ser vista em diferentes depoimentos, tais como o de Camilo:

[...] sei lá o que é isso. É complicado, o casamento como eu vou dizer uma família né. Se não casar não tem família. Igual hoje mesmo tem muito povo que não tem família. Importante é né, porque foi uma coisa que os padres inventou né. Porque no tempo de Deus não tinha casamento não. Já que os padres inventou né, para todo efeito ou ruim ou bom o negócio é casar. Deus deixou nós para serem companheiros um com os outro por ai. Então de toda maneira o certo é casar né. Só que apesar dos casamentos hoje não aturar mais né. O certo, certo é casar né? (*Camilo, casado, 41 anos, F.28*)

O casamento é visto por muitos como uma imposição social e religiosa. Nesse depoimento notamos que apesar do imaginário do entrevistado a respeito do casamento ser algo “inventado”, uma construção social, não se percebe nenhum indicativo de rompimento com esta situação. No relato percebe-se uma reificação ao casamento, pois ele é o “certo”.

Numa família em estágio de Dispersão, ao serem questionados sobre a importância do casamento, Margarida nos revela que é uma benção de Deus, mas também do pai, evidenciando a necessidade da permissão deste para que o casamento se concretize de uma forma satisfatória.

Ah sozinha eu não conseguia o que eu consegui. Filho assim por fora do matrimônio eu não queria, uma que o pai da gente era muito rígido, pai e mãe. E é feito também né? Filho tem que ter pai e mãe. Ter filho só para poder dar, não é certo. Já minha filha, a

quarta menina, não se deu bem. Não deu bem porque teve os filhos sem casar, eu criei os meninos, que não deu muito certo. Eles não consideram ela como mãe, não tem aquele carinho. O casamento é importante porque é a bênção de Deus e do pai. Eu não acho importante a pessoa juntar e viver não (Margarida, viúva, 74 anos, F.01)

A necessidade da bênção de Deus explicitada no relato de Margarida mostra que o casamento não é apenas uma união contratual entre duas pessoas. Neste caso, o casamento reveste-se de uma dimensão sagrada através da bênção de Deus. É ela, em ultima instância, que une as pessoas. Viver sem essa bênção é estar fora dos padrões sociais e religiosos. Além disso, ainda de acordo com a entrevistada, a bênção de Deus é importante por causa dos filhos. O relacionamento entre pais e filhos está condicionado ao casamento. Ter filhos sem se casar pode não dar certo.

Outro aspecto interessante a ser observado nas famílias cujo estágio é o ninho vazio, diz respeito ao fato de o casamento ser um compromisso para a vida toda como nos revela o depoimento de Mauro.

Eu acho o casamento é muito bonito, a vida a dois, porque é sempre um ajudando o outro. O casamento é uma cruz muito pesada, mas para dois. Se um pegar de um lado e o outro do outro se torna leve. E se um carregar sozinho vai ficar mais pesada demais daí a pouco ninguém agüenta carregar. A cruz é para unir os dois um pega de um lado o outro do outro. E aí a cruz vai se tornar leve se os dois se afasta ela se torna pesada. E quando tem aquela idade que um quer ajudar o outro aí o casamento dá certo. (Mauro, casado, 67 anos, F. 25)

Em alguns relatos, os entrevistados comparam uma situação vivenciada no passado com uma no presente. As mudanças sociais interferem na durabilidade cronológica de tais relações. Outrora, como revela Manoel, a dissolução do casamento era vista como algo extraordinário, fora da regra, um dismantelador das relações sociais. Atualmente, a separação é considerada dentro do horizonte de um casamento. O casamento pode não ser mais para a vida toda:

Casamento é o seguinte, se combinar bem é uma beleza, mas se não combinar Deus o livre. Antigamente quando uma pessoa separava era um dilúvio, hoje não. Hoje é mais parecido com o casamento de novela, casou e logo separa. Porque hoje é o seguinte

o mesmo direito que o homem tem a mulher tem também.  
(*Manoel, casado, 65 anos, F. 15*)

Apesar do relato acima expressar esse caráter de dissolubilidade do casamento, entre os entrevistados essa possibilidade não é vista como algo correto. O próprio entrevistado nos aponta isso ao dizer que “hoje é mais parecido com o casamento de novela”, ou seja, algo que não condiz com a realidade por eles vivenciada. Trata-se de uma resignificação que vem de fora, costumes diferenciados dos ali vivenciados, principalmente entre os pares de sua geração.

Mesmo quando o casamento ocorre fora dos padrões sociais da comunidade, como o caso abaixo, no qual os pais não permitiam a união, é através do casamento religioso que se regulariza a situação, tendo o casal a aceitabilidade social. Segundo Woortmann e Woortman (1993) a fuga da noiva posteriormente era compensada pelo casamento:

Na verdade nós não casamos, meu pai não queria. Eu saí (fugi) com ele. Depois que fez um ano aí que nos casamos. Não tinha jeito de casar, não tinha porque eu não estava grávida nem nada. Do contrario não tinha como casar no civil, o padre não fazia na igreja porque eu não tinha idade para casar no civil. Aí quando eu fiz 16 anos tinha oito meses que a gente estava junto que nós casamos. Nós morava aqui mesmo, aí o casamento foi aqui em casa. Aí eu já não queria mais ir a igreja. Eu achava que não tinha necessidade daquilo, era só receber a benção mesmo não precisava daquela fantasia toda. Meu pai não queria o casamento porque ele (marido) já tinha uma filha de um outro relacionamento dele. Também porque eu era muito nova, insegurança do pai. Normal também né, eu tinha 15 anos e ele era bem mais velho, nove anos uai. Hoje eu vejo, eles não fizeram por mal. Eles pensavam que ele não ia casar comigo, igual fez com a outra. Pensava que me iludia também né, eu acho né? (Flávia, casada, 35, F.07)

Podemos dizer que a fuga da noiva foi o aspecto fundante da realização do casamento religioso. Mesmo contra a vontade dos pais o casamento religioso se deu quando essa completou 16 anos. Nesses casos, segundo o código de direito canônico da igreja católica os pais precisam autorizar o casamento, uma vez que a filha tinha menos de 18 anos. Sendo assim, mesmo contra a vontade, os pais autorizaram o casamento a fim de “regularizar” a situação da filha.

O relato a seguir mostra que o processo de escolha também perpassa por uma questão religiosa:

Acho que a escolha a melhor quem faz é Nossa Senhora. Porque é muito difícil né. Eu falo que é sorte, ele fala que não é, mas é ué. A gente nunca conversou, nunca bateu papo nem para saber direito o destino do outro. Ah minha filha tudo numa fada, na inocência mesmo. Ai nós casou. Ele ficou na minha casa só dois dias. Ai ele pegou os animal, na hora que ele tava saindo mamãe disse pra ele é muncadim lá e muncadim aqui. Ai eu falei ah é. Morar aqui e lá né. Coitada nunca mais. Para um ou dois dias lá, mas para nunca mais voltei. Não tinha oportunidade disso acontecer de jeito nenhum.  
(*Maria, casada, 78 anos, F. 04*)

Enquanto no depoimento dos homens o processo de escolha se dá a partir de critérios econômicos, para a entrevistada essa escolha é feita por algo que ultrapassa a sua racionalidade. Aqui ela atribui a “Nossa Senhora” a escolha do marido. Ou seja, a mulher não tem o controle na decisão de quem escolher para se casar. Em outros depoimentos apresentados anteriormente, notamos que a escolha da mulher passa pelo crivo dos pais, onde essas afirmam “se for a vontade do senhor (pai) é também a minha”.

#### **4.4 – Considerações Finais**

Entre os casamentos realizados recentemente, no caso estudado entre os anos de 2005 a 2009, percebemos que a escolha pelo cônjuge não está relacionada ao local de moradia, uma vez que 45,5% dos homens e 45,6 % das mulheres, ou seja, menos da metade, residiam no município de Porto Firme quando se casaram. Entretanto o estudo de caso realizado com as famílias proprietárias de terras nos apontaram que somente em 4 casos o casamento não ocorreu entre pessoas que residiam na mesma comunidade ou em comunidades vizinhas, mesmo entre aqueles casais que se casaram recentemente. Tais dados revelam que o local de moradia antes e após o casamento pode evidenciar uma mudança em relação ao casamento ocorrida ao longo dos anos, uma vez que num determinado período o local de moradia foi determinante para escolha do parceiro e pode não ser determinante nas uniões realizadas recentemente.

Percebemos que há uma nítida preocupação com a família a qual o cônjuge pertencia antes do casamento, uma preocupação moral. Saber de qual família provém o cônjuge e a forma como este se relacionava entre eles foi em alguns casos definidor no processo de escolha. Embora não houvesse uma delimitação clara entre os valores morais e a condição social dessas famílias, os entrevistados não explicitaram ser o interesse pela condição econômica um definidor em sua escolha. Sendo assim notamos que para a formação de uma nova unidade familiar é comum aos homens participar diretamente do processo. Às mulheres cabe o papel de submissão de “ser escolhida” e a permissão dos pais. Apesar desse processo não ser aceito de modo passivo que resulta em um desordenamento social, conforme mostramos em processos de fuga da noiva.

A perspectiva do casamento enquanto poder, como um ato de liberdade em relação à autoridade paterna, julgado ser menos autoritária a figura do marido é recorrente. As entrevistas apontam que em alguns casos a autoridade dos pais fora substituída pela autoridade do marido. A falta de liberdade vivenciada na casa paterna acompanha a vida de casada, uma vez que, na visão das entrevistadas, a vida de casada carrega em si a privação de alguns direitos, não somente pela verticalização das relações de autoridade, mas segundo elas, pela própria dinâmica que o casamento exige como o cuidado da casa e dos filhos.

Outra categoria analisada foi a significação do casamento como algo sagrado, ou seja, a relação entre o casamento e a religiosidade. Em alguns casos a impossibilidade de escolha por parte da mulher é justificada pela crença de que a escolha é guiada “por Nossa Senhora” sendo esse um recurso usado para justificar o fato de ter sido escolhida. Nos casos dos casais que tiveram filhos antes do casamento ou no caso da fuga da noiva, o casamento religioso é um recurso utilizado para regularizar a situação e propiciar a aceitação social da família. Mesmo entre aqueles que vêem o casamento religioso como algo inventado, ou seja, como algo imposto socialmente o rompimento com tal prática não é relatado pelos entrevistados.

O casamento também traz consigo o significado do não abandono, ou se preferirmos de companheirismo, ou seja, uma necessidade. Ter uma companhia e construir família significa para muitos uma garantia de futuro no que tange aos

cuidados e também a sobrevivência no espaço rural, uma vez que os espaços femininos e masculinos têm definição clara que reforça a necessidade do casamento para a reprodução econômica e social local.

Os dados evidenciam mudanças no que tange a relação com o local de moradia, mas apresenta também muitas permanências principalmente no que se refere às relações e as formas de significação das uniões.

#### 4.5 – Referências bibliográficas

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural projetos e valores. In ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Abramo, 2005, p. 243 – 263.

\_\_\_\_\_. Maria José. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA. L. F. de C., FLEXOR. G., SANTOS. R.(orgs) **Mundo Rural Brasileiro: Ensaaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p.255 – 270

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 3ª. Ed; Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975, 158p

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Anuário estatística do Brasil – 2005. Disponível em:< [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em: 12 Mai 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995, 80p.

OLIVEIRA, Joaquim Quintão. **Historiografia de Porto Firme**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001, 148p.

PAIXAO, Maria Lídia Gomide. **Variação na estrutura de poder conjugal em famílias rural ao longo do seu ciclo de vida familiar: microrregião de viçosa**. Viçosa, 1992, 203p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural – PPEX, Universidade Federal de Viçosa, 1992.

PRADO, Marco A. M. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. In: **Psicologia em Revista**. v.8, n.11, jun. p. 59 –71. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007, p. 59 -71.

RICHARDSON, Roberto Jarry (org). Pesquisa Social, métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999, 334p.

SARMENTO, Gilmara Gomes da Silva. **“Até que a morte nos separe”: Um estudo sobre os rituais matrimoniais e funerários numa comunidade rural fluminense.** Rio de Janeiro, 2006, 148 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

STROPASOLAS, Valmir. Luís. O Valor (do) Casamento na Agricultura Familiar. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004 253p. disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 07 ago. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995, 175p.

VEIGA, José Eli. **Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula.** Campinas: Autores Associados, 2002.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klauss. *Fuga a três vozes.* Anuário Antropológico/91. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1993, pp. 89-137.

WOORTMANN, Ellen. F. **Herdeiros parentes e compadres.** São Paulo – Brasília: HUCITEC – Edunb, 1995, 336p.

## **5 – ARTIGO 04 – CASAMENTO NA ROÇA: UMA ETNOGRAFIA**

### **Resumo**

Esse artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado sobre o significado do casamento na roça. Tem a finalidade de fazer uma descrição etnográfica do ritual de casamento verificando permanências e mudanças ocorridas ao longo do tempo no município de Porto Firme, Zona da Mata de Minas Gerais. Esse estudo foi desenvolvido pela perspectiva da pesquisa qualitativa, especificamente uma etnografia. Os registros foram feitos por meio de gravador, anotações em caderno de campo, registros fotográficos, consultas a álbuns de famílias e aos livros de registros de casamentos da igreja católica do município. Das análises feitas a partir dos dados coletados notamos que as famílias se encontram num contínuo processo de mudanças, tanto na parte de produção e reprodução das famílias como também na incorporação de novos elementos aos seus rituais. No caso específico do casamento, esse se apresenta como um ritual valorizado e presente no imaginário coletivo. Notamos que há uma valorização dos costumes e ritos locais e um desejo intergeracional de reprodução de tais costumes não de forma padronizada, mas com incorporações de novos elementos sem, contudo, perder as tradições que dão sentido a sua prática.

## 5.1 – Introdução

Falar sobre o casamento com os moradores das diferentes comunidades rurais leva a ouvir o relato de um ritual por todos conhecido e que subentende diferentes momentos: o antes, o durante e o depois. Ou seja, os preparativos, que antecedem a cerimônia, a cerimônia propriamente dita e a festa.

Observando algumas fotografias dos casamentos já realizados nas diversas comunidades, a impressão que se tem é que as cenas se repetem ao longo dos anos. O envolvimento das pessoas da comunidade na organização da festa, a forma como a mesa é organizada, a vestimenta dos noivos se fizeram presentes em diversos relatos coletados ao longo da pesquisa.

Nas comunidades formadas em sua maioria por pequenos proprietários de terra, os parentes e vizinhos são os responsáveis pelas várias etapas da organização do casamento. Antes do casamento é comum o oferecimento de um almoço na casa do noivo para familiares e convidados. Simultaneamente são realizados os preparativos para a festa na casa da noiva que acontecerá logo após a cerimônia religiosa. Tanto no almoço como na festa após o casamento o cardápio típico é: arroz, tutu, macarronada, frango com macarrão, frango assado, pernil, maionese e ou salpicão é semelhante ao cardápio oferecido pela família da noiva após a cerimônia de casamento. Na festa oferecida pela família da noiva todos os convidados participam, tanto os do noivo quanto os da noiva. Assim, a festa parece simbolizar uma junção das famílias. No dizer dos informantes “*casou, agora tudo é uma família só*”.

Durante o desenvolvimento da pesquisa obtivemos vários relatos sobre a organização do ritual de casamento. Contudo, visando melhor compreender o processo que culmina com a festa que une as famílias, fizemos a opção por acompanhar sistematicamente desde a preparação até o final do ritual. Como não tínhamos condições de acompanhar os dois processos, casa da noiva e casa do noivo optamos por aquela considerada a principal, ou seja, a festa na casa da noiva. Tal escolha foi feita com base nos relatos dos entrevistados que entendiam a casa da noiva como lugar privilegiado no ritual do casamento.

Buscamos de modo geral apreender os pontos de vista das pessoas da comunidade em relação ao casamento rural, compreendendo o seu papel na construção das sociabilidades. Especificamente pretendemos observar sistematicamente o modo como as famílias conduzem o ritual do casamento buscando entender o seu significado.

Sendo o casamento um ritual realizado por várias gerações e mantido ao longo dos anos, entendemos ser de fundamental importância verificar as mudanças ocorridas e também a forma como esse é organizado para compreender o seu papel na construção da identidade local.

## **5.2 – Metodologia**

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma perspectiva qualitativa, especificamente uma etnografia. Para Gueertz (1989) praticar a etnografia não é apenas estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever os textos da pesquisa, levantar as genealogias, mapear campos, manter o diário de campo. O que a define é o tipo de esforço intelectual que ele representa, ou seja, trata-se de uma descrição densa.

Desenvolver uma perspectiva etnográfica só foi possível pela minha inserção no campo com a utilização da observação participante que Bogdan e Taylor (1997) citado por Fino (2008) definem como uma investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas, um método interativo, entre o investigador e os sujeitos, sendo os dados colhidos de forma sistemática durante tais interações.

De acordo com Fino (2008), Georges Lapassade (1991, 1992, 2001) diz que a expressão observação participante se trata do trabalho de campo como todo, desde a chegada do investigador até o momento em que deixa o campo. Quando estão presentes no campo, os observadores emergem partilhando suas experiências. Durante o tempo em que o pesquisador fica em campo os dados são provenientes de fontes diversas. Além da observação participante há também a entrevista e o estudo de documentos, sobretudo pessoais onde os sujeitos revelam aspectos sobre sua vida, sobre eles próprios e suas vivências.

Os registros dos dados foram feitos por meio de gravador, anotações em caderno de campo, fotografia, consulta a álbuns de família e consulta aos livros de registro de casamentos da igreja católica do município.

A unidade de análise do estudo foi famílias proprietárias de terras do município de Porto Firme. A amostra é constituída de trinta famílias. Para desenvolver a etnografia, acompanhamos os rituais que acontecem na véspera e no dia do casamento na igreja. Fotografamos e registramos por meio do caderno de campo as diversas etapas e aspectos referentes ao casamento.

O casamento para os proprietários de terra do município de Porto Firme é considerado sacramento da igreja católica<sup>12</sup>. Assim aqueles que se decidem casar, além de providenciar os documentos no cartório, precisam ir com antecedência até ao escritório paroquial para agendar a data e preparar os papéis. O escritório paroquial foi um lugar em que estive em várias ocasiões.

Em uma das oportunidades em que estava no escritório paroquial fui informada sobre um casal que se casaria naquela semana. Aproveitei que esses se encontravam no escritório à espera do padre para solicitar-lhes o consentimento para acompanhar o casamento deles, o que foi aceito sem restrições.

### **5.3.1 – Caracterização do “outro” no processo de significação do casamento rural**

O casal, ela com 17 anos e ele com 18 anos, são filhos de pequenos agricultores residentes numa mesma comunidade rural. Os pais da noiva residiam numa casa construída na propriedade dos avós maternos e viviam do benefício recebido por uma das irmãs da noiva, portadora de deficiência mental, e das atividades que a mãe desempenhava na propriedade: cuidado com a horta e com pequenos animais domésticos. O pai não trabalhava e o irmão exercia, esporadicamente, atividades remuneradas nas propriedades vizinhas.

Os pais do noivo eram divorciados e os filhos residiam com o pai. Na ocasião da pesquisa o pai havia constituído novo casamento, mudando para a sede do

---

<sup>12</sup> Todos os proprietários casados entrevistados por nós se casaram na igreja católica, por esse motivo acompanhamos somente o rito dessa denominação religiosa.

município, fato que permitiria que o jovem casal fosse morar na residência juntamente com um irmão do noivo.

O cenário descrito remete a uma família de poucos recursos, porém isso não foi empecilho para que realizassem as festividades e tradições referentes ao ritual do casamento conforme o costume local.

### **5.3.2 – Preparando a festa de casamento**

Na véspera do casamento, por volta das 10 horas, a casa da noiva, local escolhido para acompanhar os preparativos da festa, alguns vizinhos e parentes já se faziam presentes. Sobre uma mesa estavam vários ingredientes que seriam utilizados para preparação da comida. A mãe da noiva os exibiu um a um, indicando em que seriam utilizados. Em sua maioria eram itens comprados de véspera na sede do município, entre esses os enlatados, cereais e legumes. Até mesmo parte da carne do frango, alimento tradicional, foi comprada na sede do município, uma vez que, segundo relatos, a produção da propriedade não seria suficiente.

A batata, base para a preparação da maionese<sup>13</sup>, prato especial para realização do casamento, foi descascada por todas as mulheres que ali estavam presentes<sup>14</sup>. Os frangos caipiras foram preparados pelas cozinheiras porque dependiam do tempero prévio que requer conhecimento e experiência. O abate dos frangos caipiras criados na propriedade e que seriam utilizados para a sopa de macarrão foi realizado conforme o saber tradicional, como nos mostra a figura 01.

---

<sup>13</sup> Embora não seja uma iguaria típica do rural tradicional, a maionese foi incorporada à dieta festiva como símbolo de modernidade.

<sup>14</sup> A reunião das mulheres para descascar as batatas tornou-se um lugar privilegiado pra fazermos a entrevista com as cozinheiras, buscando compreender o seu lugar e papel no ritual do casamento.



Figura 01 – Abate do frango caipira. Trabalho de campo, 2009.

Abater, depenar, limpar e cozinhar são etapas de um processo de preparo do frango antes de misturá-lo ao macarrão. Por se tratar de um prato típico (figura 02) é comum nos relatos que ele seja apresentado como o indispensável: “quem não pode fazer muita coisa pelo menos um frango com macarrão e tutu eles fazem”. (Zumira, casada, 52 anos)



Figura 02 – Frango com macarrão e tutu. Trabalho de campo, 2009.

O processo de preparo da festa de casamento envolve dois dias. O primeiro dia é dedicado à montagem dos fogões, mesas e bancos, abate dos animais, tempero das carnes, corte dos legumes, além de descascarem o alho e a cebola, cozinhar o frango caipira e o feijão. O segundo dia é reservado para o cozimento dos demais alimentos e finalização dos pratos. Após os alimentos ficarem prontos, guarda-se

tudo em uma dispensa (figura 03) até a chegada dos noivos, quando então se inicia a festa.



Figura 03: Dispensa: lugar onde é guardada a comida. Trabalho de campo, 2009.

Na situação pesquisada a mãe da noiva, juntamente com outras mulheres da comunidade, não foram à cerimônia visando organizar a casa para receber os convidados.

Entretanto estudos como de Rubin (1993) nos permite afirmar que o casamento é um contrato entre homens (o pai e o noivo); o que faz com que a presença da mãe nem sempre seja necessária. A autora ao afirmar que o homem é o sujeito trocador e as mulheres semi-objetos sexuais – presentes – nos permite inferir que o costume do pai (nesse caso na ausência do pai tal papel coube ao tio materno) de levar a filha até a igreja e entregá-la a outro homem demonstra que casamento é um rito no qual as relações sociais expressam um sistema de parentesco em que o homem tem certos direitos sobre suas parentes.

A divisão sexual do trabalho, segundo Rubin (1993), é expressa nos trabalhos de Levi-Strauss como um diferenciador entre as atividades masculinas e femininas identificando a dependência um do outro por uma questão de sobrevivência, ou seja, mesmo as menores unidades econômicas necessitam de pelo menos um homem e uma mulher. A autora nos apresenta que a divisão sexual do trabalho pode ser vista também como um tabu, contra arranjos que não envolvem necessariamente o homem e a mulher, uma imposição ao casamento heterossexual.

É interessante observar como o processo que antecede o ritual do casamento é permeado também pela divisão sexual do trabalho. Aos homens cabe a construção

dos fogões e mesas (figura 04) e às mulheres o preparo dos alimentos e a organização da casa. Segundo os relatos, o serviço de montagem dos fogões e mesa é considerado “serviço pesado” e por esse motivo os homens se responsabilizam por ele. De modo geral, observa-se uma nítida diferenciação de atividades tipicamente femininas e masculinas. É importante destacar que em todas as comunidades foi constatada essa diferenciação, embora em dias de festa, principalmente casamento, seja provável que os homens também realizem as tarefas relacionadas à cozinha, principalmente mexer e carregar as panelas. Atividades que também são consideradas pesadas.



Figura 04: “trabalho de homem”, mesa e fogão. Trabalho de campo, 2009.

### 5.3.3 – As cozinheiras

As cozinheiras assumem um papel de destaque no casamento. É delas a responsabilidade de preparar toda a comida da festa. No caso pesquisado, duas cozinheiras se responsabilizaram pelo preparo, auxiliadas por outras mulheres. Apesar de contarem com auxiliares o título de cozinheira era delas, pois são elas que detêm o conhecimento, temperam e dão o ponto certo a cada prato. As cozinheiras são conhecidas pelos moradores locais e são chamadas para todos os casamentos que ocorrem na comunidade. Ao serem questionadas porque realizam tal tarefa elas informaram que aquela situação ali presenciada era comum em todos os casamentos da região onde são convidadas. A troca é aqui entendida como uma relação comunitária. Isso não significa que a família para quem cozinham dará algo em troca pelo trabalho. Segundo uma das cozinheiras, embora seja uma tarefa cansativa, é algo que não se deve negar. Sem cobrar qualquer quantia pelo trabalho, ele é realizado por meio da troca. No olhar de Mauss (2003) a troca não é de modo algum

algo desinteressado, e nesse sentido o trabalho oferecido à família que está casando um filho (a) estabelece também uma dependência, pois é um serviço que está muito além do que a família pode retribuir.

Além das cozinheiras transitavam pela propriedade várias pessoas oferecendo ajuda, levando talheres, pratos, bacias que seriam utilizadas para servir o jantar. Várias pessoas iam e vinham demonstrando o envolvimento das comunidades neste ritual enquanto espaço de sociabilidade. Ao entardecer as cozinheiras deixaram a propriedade, retornando para suas casas com o compromisso de voltar no dia seguinte.

#### **5.3.4 – O dia da festa**

No dia do casamento a movimentação na propriedade começou bem cedo. Antes das sete horas, o fogão já estava aceso com alimentos em processo de cocção. Cozinheiras e ajudantes também limpavam e preparavam o frango, comprado de véspera na sede do município.

A noiva nesse dia não trabalhou na cozinha, pois ficou em seu quarto fazendo as unhas e conversando com uma amiga. Entre risos e brincadeiras houve um momento em que a noiva saiu do quarto com uma boneca e a entregou para uma criança dizendo: “pode ficar para você, agora eu não brinco mais”.



Figura 05: Entrega da boneca. Trabalho de campo, 2009.

Com essa fala a jovem de 17 anos pareceu demonstrar um ritual de passagem, uma vez que em comunidades tradicionais como essa por nós pesquisada o casamento é também um ritual de passagem entre a juventude e a idade adulta.

### 5.3.5 – O quarto

A casa, local onde são recebidos os convidados do casamento é minuciosamente decorada, principalmente o quarto dos noivos (figura 06). Para fazer a decoração há na comunidade uma pessoa “especializada”. As conversas durante o dia giravam também em torno desse espaço. A figura 04 revela que no teto foram pressas fitas coloridas confeccionadas com papel crepom.



Figura 06 – Quarto dos noivos. Trabalho de campo, 2009.

O quarto dos noivos merece também atenção especial, pois por lá transitarão um grande número de pessoas que entregarão os presentes. A quantidade e a qualidade dos presentes são indicativos de prestígio, pois indicam se a família é mais ou menos querida pela comunidade. Uma atenção especial é dada aos presentes oferecidos pelos padrinhos do casamento, uma vez que é deles a responsabilidade de oferecer os melhores presentes.

De acordo com Rubin (1993),

“A proposta de Mauss é que o significado da doação de presente é que ele expressa, afirma ou cria um vínculo social entre parceiros de uma troca. A doação de um presente confere aos participantes uma relação especial de confiança, solidariedade e ajuda mútua. Alguém pode solicitar uma relação de amizade através da oferta de um presente; a aceitação implica na vontade de retribuir o presente

e a confirmação da relação. A troca de presentes pode ser também o idioma da competição e rivalidade”

Os presentes significam oferecer aos noivos a oportunidade de levar para o novo lar as antigas amizades e relações. Os artefatos presenteados reafirmam parcerias e alianças entre as famílias.

Além de ser o quarto o local onde depositam os presentes é também nesse aposento que o casal passará a primeira noite, denominada como “lua de mel”. Esse costume é comum em todas as comunidades pesquisadas, ou seja, a primeira noite do casal acontece na casa dos pais da noiva. Segundo o relato de uma moradora de outra comunidade esse ritual tem uma explicação:

o povo fala né, que dorme na casa do pai da noiva para que o noivo não judie da noiva, mas num é nada, porque o resto da vida eles vão dormir junto mesmo. Na verdade é pra que o noivo tenha certeza do que a gente é para depois não querer devolver a gente pros pais né. Hoje em dia isso ta acabando, mas tem muita gente que usa isso ainda. (*Vânia, casada, 28 anos*)

A fala da entrevistada parece sinalizar para importância da virgindade, condição ainda valorizada por diversas famílias. Além da valorização da virgindade, essa fala pode ser analisada à luz dos conceitos de Rubin (1993), como uma garantia do bem que se oferece, sendo a garantia por parte do pai da noiva de que a mulher oferecida responde aos requisitos sociais imposto por cada grupo.

### **5.3.6 – O preparo da noiva**

Após o almoço, servido de forma corriqueira para aqueles que estavam presentes ajudando a preparar a festa, a noiva saiu de sua casa em direção a outra localizada na comunidade vizinha. Era a casa da madrinha, considerada a responsável por “arrumar” a noiva. Por se tratar de uma família com poucas posses foi função da madrinha e não dos pais providenciar o traje, maquiagem, cabelo e transporte da noiva.

Na casa da madrinha a noiva foi informada que a mulher contratada para arrumar o cabelo e a maquiagem da noiva tivera problemas e não chegaria a tempo para arrumá-la, fato que ocasionou insegurança e mobilização de pessoas que lá

estavam, parentes e vizinhos. O resultado é que foram tais pessoas as responsáveis pela arrumação da noiva. Conforme relatos locais, antigamente as noivas se arrumavam na própria casa ou em casa de algum parente que residisse na sede do município não existindo oportunidade de irem até os salões de beleza. Os vestidos na maioria das vezes eram comprados, confeccionados ou emprestados e não existia a possibilidade do aluguel.

Como afirma Sarmiento (2006), as noivas atuais já não compram o vestido de noiva como as de outrora. Uma vez que a compra do vestido deixou de ser uma obrigação paterna e um símbolo de boa condição social, as noivas preferem guardar como recordação não mais o vestido, mas sim os álbuns de fotografias e as filmagens.

Após arrumação da noiva ela foi conduzida pelo padrinho até a igreja católica situada na sede do município. É interessante observar que foi responsabilidade do padrinho emprestar o carro para cumprir tal objetivo.

#### **5.3.7 – A cerimônia de casamento religioso**

Às 16:00 horas de um sábado dá-se início a cerimônia de casamento. Na presença dos convidados o noivo é conduzido por sua mãe, seguidos pelos padrinhos que caminham em direção ao altar. Posteriormente a noiva é conduzida por um tio e pela avó, uma vez que o pai não se fez presente. Antecedendo a noiva um casal de crianças com alianças (figura 07).



Figura 07 – Noivo e sua mãe, noiva e seu tio e avó. Trabalho de campo, 2009.

Após a celebração, os noivos assinaram os papéis, e se deslocaram até a porta da igreja onde os cumprimentos foram recebidos. Logo após os que ali estavam presentes foram convidados a se dirigirem a um bar onde os padrinhos do noivo se responsabilizaram pelo custeio de bebidas e comidas. Segundo relatos essa prática não é comum, ocorrendo, não se sabe porque, apenas naquela comunidade.

Ao anoitecer todos os convidados se dirigiram para a casa da noiva. Na ocasião chovia muito e, por isso, a mesa que havia sido montada no exterior da casa foi substituída por uma na cozinha, onde foram colocados a comida, talheres e pratos. Para acompanhamento, foi servido vinho, cachaça e refrigerante (figura 08).



Figura 08: Cenário da festa de casamento. Trabalho de campo, 2009.

Na chegada à casa os noivos foram recebidos com flores e papel picados. Conforme relatos, flores e papeis picados, outras vezes substituídos por arroz significam sorte e fartura para o casal. Ao entrarem na casa os noivos foram para o quarto reservado para os dois receberem seus presentes. Conforme já mencionado, o quarto (figura 09) é um lugar especial no dia do casamento e, por isso, recebe um destaque por parte dos convidados.



Figura 09: Quarto dos noivos e os presentes. Trabalho de campo, 2009.

Após receberem os convidados, os noivos ocuparam os lugares reservados para eles (figura 10). Normalmente a cabeceira da mesa é reservada para ao casal, sendo esta enfeitada com flores e bambu. Infelizmente por causa dos transtornos da chuva isso não foi possível. A mãe normalmente é responsável por servir os noivos e só depois os convidados se servem, espalhando-se pelo interior da casa. As conversas dos convidados giravam em torno da ausência do pai, dos presentes recebidos, das roupas dos noivos e dos padrinhos e elogios em relação à comida.



Figura 10: Lugar reservado aos noivos. Trabalho de campo, 2009.

A dança também faz parte da festa de casamento. Geralmente o ritmo tocado é forró. Entretanto ele não foi realizado porque os convidados se retiraram da casa após o jantar, pois a chuva era intensa. Assim a festa foi sendo encerrada gradativamente.

É comum no dia seguinte ao casamento alguns parentes e vizinhos mais próximos retornarem à casa onde ocorreu a festa para auxiliar na limpeza e comer o que sobrou do outro dia, o que eles denominam de “bater paiada”. Segundo os relatos dos moradores tal situação aconteceria naquela casa. A minha presença não foi possível nesse dia porque a estrada que dava acesso à propriedade era de terra e com a chuva a passagem ficou interditada.

A descrição do casamento tal qual aqui apresentada mostra costumes presentes nas comunidades estudadas, embora possam exibir variações principalmente decorrente dos recursos disponíveis.

### **5.3.8 – Industrialização do casamento**

Nesse casamento por nós descrito apesar do pouco recurso da família houve acesso ao que chamamos de “indústria do casamento”. O aluguel do vestido da noiva e o terno do noivo, decoração da igreja e compra de produtos alimentícios industrializados. Esses itens nos mostram que mesmo mantendo as tradições é inevitável o acesso aos bens e produtos que indicam modificações ocorridas ao longo dos anos. Em outros dois casamentos que aconteceram em Porto Firme, nos quais as famílias dos noivos possuíam mais recursos o acesso a filmagens, fotógrafos, aluguel de vestidos e ternos, decorações do local da festa e da igreja foi realizada pelas famílias dos noivos.

A falta de registros fotográficos dos casamentos de outrora nos impediram de fazer uma comparação visual das cenas anteriores com as atuais, porém os entrevistados nos afirmaram haver algumas modificações, conforme o relato seguinte nos revela:

Rivelino: A festa é uma janta que faz. Como você viu passando lá no casamento (se referindo ao momento em a pesquisadora assistia ao vídeo do casamento da neta do entrevistado). Faz o almoço na casa do noivo e a chegada na casa da noiva. Fazia forró também. Igualzinho ta lá.

Paula: Mas não tinha filmagem não, nem retrato não tinha. Na época não usava. Para arrumar ia para Porto Firme, né?

Rivelino: Ia para qualquer uma casa. Não tinha lugar para arrumar não.

Katia: e o vestido o terno como conseguia?

Rivelino: A gente comprava lá, hoje eles alugam, né.

Paula: E a pessoa para casar também ia de cavalo, casamento para trás era de cavalo. O nosso foi assim, à cavalo.

Rivelino: Que nem cavalgada.

Katia: E teve outras mudanças em relação ao casamento?

Rivelino: teve mais mudança sim.

Paula: teve mudança porque antes não tirava foto, filmagem, né? Teve uma mudança muito grande. Hoje ninguém usa ir de cavalo mais. É de moto ou de carro. *(Rivelino, casado 67 anos. Paula, casada 63 anos)*

No que se refere ao transporte dos convidados até à igreja, os depoimentos mostram que no passado era feito a cavalo e não eram todas as pessoas da família que se deslocavam até o local da cerimônia. Normalmente se faziam presentes somente os pais, padrinhos e alguns poucos parentes. Nestes casos os convidados iam também de charrete, carroças e carros de boi.

Em uma das filmagens por nós analisada de um casamento realizado no ano de 2003 o noivo decidiu ir até a igreja em cima de um carro de boi. À frente foi o noivo e atrás vários cavaleiros. Após a cerimônia o noivo juntamente com a noiva e as damas retornaram para a casa da noiva no carro de boi, local onde se realizou a festa. Nesse caso, o uso do carro de boi e dos cavalos ocorreu não por ser um costume do lugar, mas sim um resgate das tradições. A cena apresentada nos indica a não desvalorização do tradicional em relação ao moderno, mas sim uma fusão de significados.

Em outra festa de casamento realizada em 2009, notamos por meio da filmagem que na decoração havia traços que mesclavam o tradicional e o moderno. O bolo dos noivos, juntamente com as taças e o “champagne” colocado sob uma tenda de lona branca decorados com traços de modernidade enquanto o local onde os noivos sentavam para jantar, conforme a tradição a cabeceira da mesa, foi enfeitado com bambu e flores do campo. A organização da mesa e o cardápio oferecido foram, segundo relatos, semelhantes aos casamentos de antigamente. É comum não só no casamento, mas no cotidiano das comunidades presenciar essa mesclagem entre o

tradicional e o moderno. Tais aspectos são evidenciados aqui no ritual do casamento, mas não se caracteriza em uma particularidade desse rito. O que ocorre é que o fenômeno de aproximação entre o tradicional e o moderno, perpassa todos os aspectos da vida daqueles que residem no rural.

Entre as famílias por nós pesquisadas, precisamente três, o casamento não foi realizado na igreja católica local, situada na sede do município. Em um deles o casamento ocorreu na cidade de Mariana, segundo relatos dos entrevistados.

José: Nós casamos em Mariana.

Katia: E porque vocês se casaram?

José: Escolhemos.

Ana: Escolhemos Mariana para gente casar lá na cidade. A igreja lá era de ouro, muito bonita.

José: Por isso também, mas mais foi por causa de Pe. Tonito, meu pai era muito amigo de Pe. Tonito, e ele era Pároco lá, foi uma das razões, não foi só essa não, mas foi uma das razões né.

Katia: E para irem até lá, foi a família toda, os parentes os vizinhos?

José. Nós fomos de carro, de táxi...

Ana. Algumas famílias foram.

José: Não foi a família toda não, mas algumas famílias foram.

Ana: Só não teve festa.

Katia: Por quê?

Ana: Nada né, minha mãe era muito problemática. Ficou doente e nessa parte aí, resolvi ficar mais quieta.

De acordo com esse relato notamos que casar fora do município de origem pode ser explicado por vários motivos, entretanto a amizade das famílias com o pároco, a exuberância das igrejas de Mariana, decoradas em ouro e a não possibilidade de fazer a festa parecem ter sido os motivos pelos quais os noivos se deslocaram juntamente com alguns convidados até outro município para realizar a cerimônia.

#### **5.4 – Considerações finais**

No que se refere ao ritual do casamento notamos que esse se faz presente no imaginário coletivo. Mesmo apresentando algumas mudanças ao longo dos anos, as tradições e os significados se mantiveram presentes na forma como é realizado. Apresentando algumas incorporações da modernidade o casamento na roça mantém a tradição, transmitida de geração para geração.

Tal ritual assume particular significação no universo dos mais jovens que também o realizam como os seus antepassados. O desejo de se casar conforme o costume local é evidenciado na forma como cumprem tal rito. Assim como a cerimônia religiosa a festa também faz parte das tradições locais. É interessante observar que tal ritual permanece no imaginário mesmo daqueles que optaram em residir na cidade que ao se casarem realizam o ritual conforme o realizado em sua comunidade de origem. Isso nos permite evidenciar que o casamento na roça é algo presente e valorizado no imaginário coletivo.

Sendo assim, o que podemos dizer é que há uma valorização dos costumes e ritos locais e um desejo inter-geracional de continuar reproduzindo e incorporando novas práticas ao rito do casamento, sem, contudo perder as tradições que dão sentido à sua prática.

## 5.5 – Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Maria José. **O ideal rurbano: Relação Campo Cidade no Imaginário de Jovens Rurais.** 1998. Disponível em:<<http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/carne.rtf>>. Acesso em: 27 Ago. 2007.

FINO, N.C. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas locais.** 2008. Disponível em<<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicações/22pdf>>. Acesso em 22/07/2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres.** SOS corpo. Recife, Março, 1993.

SARMENTO, Gilmara Gomes da Silva. **“Até que a morte nos separe”: Um estudo sobre os rituais matrimoniais e funerários numa comunidade rural fluminense.”** Rio de Janeiro, 2006, 148 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## 6 – CONCLUSÃO GERAL

Esta pesquisa foi realizada no município de Porto Firme/MG em que procuramos identificar o significado que as famílias dão para o casamento. O município apresenta características peculiares evidenciadas durante a pesquisa de campo. O trabalho não tem a pretensão de esgotar todos os significados atribuídos aos casamentos pelas famílias. No entanto explicita as mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo em relação ao casamento e a forma de produção e reprodução das famílias.

A coleta de dados, realizada no período de julho a dezembro de 2009, teve seus percalços e desafios principalmente em função das longas distâncias percorridas para se chegar às propriedades e da dificuldade de acesso, uma vez que parte da coleta foi realizada no período de chuvas. Houve épocas nas quais o trânsito pelas estradas de terra se tornou um grande desafio. Outro desafio foi localizar os proprietários a partir do nome de registro, uma vez que na realidade por nós pesquisada as pessoas são conhecidas por apelidos e, geralmente, não é de conhecimento de todos os nomes contidos nos registros. Isso demandou um esforço prévio onde relacionamos os nomes de registros com os apelidos. A presença de informantes durante toda a coleta de dados foi um facilitador, uma vez que a confiança que os proprietários depositavam em tais pessoas nos faz crer que também fora depositada em nós no momento de responder às perguntas do questionário e da entrevista. A coleta de dados dos casamentos civil entre os anos de 2005 a 2009, realizada junto ao cartório de registros e notas de Porto Firme, permitiu verificar a incidência de casamentos entre parentes e o perfil dos casais.

Nos resultados apresentados foi possível perceber as mudanças pelas quais tem passado a família. Notamos que mudanças sociais implicaram em transformações nos arranjos e configurações familiares. Papéis socialmente construídos são relativizados e modificaram o lugar do casamento no ciclo de vida do indivíduo bem como o seu significado social.

No que se refere à realidade rural os estudos mostram que existe uma lógica para o casamento em comunidades tradicionais. Contudo, um rural em transformação também pressupõe mudança na configuração familiar. Em um novo contexto é de se esperar que mudanças possam ocorrer na família já que como mostrou Carneiro (2008) essa apresenta uma estrutura flexível, plástica, passível a incorporar novos valores e criar novas percepções práticas.

As mudanças ocorreram também em relação ao modo de produção e reprodução familiar. Elas aconteceram não só pela aproximação entre rural e urbano como também pela inserção de novas culturas agrícolas. Além disso, há também a incorporação de novas práticas não agrícolas ao cotidiano das famílias.

A partir dos relatos dos moradores das comunidades rurais notamos que há um desejo em permanecer no rural, porém as condições desiguais os impedem de realizar seu projeto de vida nesse universo, sendo obrigados a migrar para a cidade. Tal processo é notório principalmente entre os jovens que sinalizam para a possibilidade de continuar no rural desde que lhes sejam oferecidas condições de permanência. No entanto, como para grande parte dos jovens isso não é possível, a alternativa encontrada é sair, cultivando o desejo de um dia poder voltar. Em algumas comunidades na qual os jovens estão inseridos esses não desenvolvem atividades remuneradas na propriedade, mas sim em outros locais, principalmente na sede do município e em municípios vizinhos, e voltam para casa diariamente. As propriedades funcionam como lugar de dormitório. Essa dinâmica se traduz em um rural que tende ao envelhecimento, uma vez que a migração entre os jovens é significativa. Além da falta de emprego, as relações desiguais dentro da propriedade também são um fator de migração, pois a mão de obra dos jovens é considerada como ajuda, fazendo com que muitos prefiram trabalhar em outras localidades. Dentre as moças as relações desiguais na família e a falta de liberdade em relação à autoridade paterna culminam muitas vezes em casamentos.

Dos casamentos realizados entre os anos de 2005 a 2009 notamos que a escolha do cônjuge não está relacionada ao local de moradia, uma vez que 45,5 % dos homens e 45,6% das mulheres residiam no município de Porto Firme. No

entanto, o estudo de caso realizado com as famílias proprietárias de terra aponta que apenas em quatro casos os casamentos não ocorreram com pessoas da mesma localidade. Tais resultados apontam para algumas mudanças em relação à escolha do cônjuge e ao significado do casamento.

O significado que o casamento assume entre as famílias é heterogêneo e os agrupamos em três categorias: Casamento – poder, casamento necessidade e casamento – religiosidade. Há uma nítida preocupação das famílias em relação à moral, a origem e a forma de relacionamento dos possíveis cônjuges e são esses fatores que regulam a escolha. Verificamos que para a formação de uma nova unidade familiar, os cônjuges, principalmente os homens, avaliam com quem irão se casar. Já para as mulheres o processo de escolha tem como pressuposto a permissão dos pais, uma vez que são esses em última instância, em muitos casos, definem com quem as filhas irão se casar. A não aceitação dos pais em relação à escolha do parceiro das filhas resulta em um desordenamento social, podendo desencadear na fuga da noiva. Tal fato evidencia que as mulheres não reagiam passivamente à submissão à figura paterna.

O casamento enquanto religião reveste-se de uma dimensão sagrada através da bênção de Deus. É ela, em última instância, que une as pessoas. Viver sem essa bênção é estar fora dos padrões sociais e religiosos locais. O casamento torna-se uma necessidade, um não abandono, companheirismo. Ou seja, uma possibilidade de se ter uma companhia e construir uma família, garantindo o cuidado e a sobrevivência no meio rural.

No que se refere ao ritual do casamento notamos que esse se faz presente no imaginário coletivo. Apresentando algumas mudanças ao longo dos anos, porém, as tradições se mantiveram presentes no modo como é realizado. O casamento na roça mantém a tradição, passada de geração em geração. Tal ritual assume particular significação no universo dos mais jovens que também o realizam como os seus antepassados. O desejo de se casar conforme o costume local é evidenciado na forma como cumprem tal rito. Assim como a cerimônia religiosa, a festa também faz parte das tradições locais mesmo incorporando práticas modernas. O que queremos

evidenciar é que o casamento na roça é algo presente e valorizado no imaginário coletivo. Há uma valorização dos costumes e ritos locais e um desejo intergeracional de continuar reproduzindo e incorporando novas práticas ao rito do casamento, sem, contudo perder as tradições que dão sentido à sua prática. No entanto notamos que o ritual não apresentou grandes mudanças o que aconteceu foram incorporações de novos modelos às práticas já existentes, evidenciando a valorização dos aspectos tradicionais.

## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Maria José. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA. L. F. de C., FLEXOR. G; SANTOS. R. (org) Mundo Rural Brasileiro: Ensaio interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 255 – 270.

WOORTMANN, Ellen. F. **Herdeiros parentes e compadres**. São Paulo – Brasília: HUCITEC – Edunb, 1995, 336p.

## **8 – ANEXOS**

## **ANEXO A - QUESTIONÁRIO SÓCIO ECONÔMICO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ECONOMIA DOMÉSTICA

No \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Hora inicial: \_\_\_\_\_ Hora final: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

### 1 – Caracterização do Perfil socioeconômico pessoal e familiar

| Nome | Sexo<br>(M/F) | Idade<br>(anos) | Estado Civil                                                                    | Grau de<br>parentesco                                     | Escolaridade<br>*                                                              | Trabalha (S/N)                                                                                                                                                                         | Profissão<br>(especificar) | Renda | Com quanto<br>Contribui p/<br>o orçamento<br>familiar? |
|------|---------------|-----------------|---------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|-------|--------------------------------------------------------|
|      |               |                 | 1 - solteiro<br>2 - casado<br>3 - viúvo<br>4 - separado<br>5 - união consensual | 1 - Pai<br>2 - Mãe<br>3 - Filho<br>4 - Irmão<br>5 – Outro | 1 - Sem instrução<br>2 - Fundamental<br>3 - Médio<br>4 - Superior<br>5 – Outro | 1 - carteira ass.<br>2 - s/ carteira ass.<br>3 - contrato<br>4 - serviços domésticos<br>5 - aposentado/pensão<br>6 - doença/incapacidade<br>7 - sem ocupação<br>8 - procurando emprego |                            |       |                                                        |
| 1-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 2-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 3-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 4-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 5-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 6-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |
| 7-   |               |                 |                                                                                 |                                                           |                                                                                |                                                                                                                                                                                        |                            |       |                                                        |

\* Escola fora da comunidade? ( ) sim ( ) não - se a resposta for sim pergunte: Local: \_\_\_\_\_ Acesso: \_\_\_\_\_

## 2 – Aspectos de Infra Estrutura da Habitação:

2.1 – Moradia: ( ) Própria ( ) Arrendada ( ) Emprestada/Cedida ( ) Outros \_\_\_\_\_

2.2 – Quantos cômodos têm a moradia? \_\_\_\_\_ Quais são? \_\_\_\_\_

2.3 – Tem energia elétrica? ( ) Sim ( ) Não

2.4 – Tem água encanada? ( ) Sim ( ) Não

2.5 – Qual o destino do esgoto? ( ) Rede Pública ( ) Rio/Córrego ( ) Fossa ( ) Não sabe ( ) Outro \_\_\_\_\_

2.6 Marque com um X somente os itens que o informante possui em sua residência:

( ) Geladeira

( ) TV

( ) rádio

( ) DVD

( ) Vídeo Cassete

( ) máquina de lavar roupa

( ) tanquinho

( ) Som

( ) Computador

( ) Telefone tipo: \_\_\_\_\_

( ) outros \_\_\_\_\_

### **3 – Aspectos relacionados à comunidade**

3.1 – Na sua comunidade você tem acesso a quais desses serviços/equipamentos: ( ) Posto de Saúde ( ) Hospital ( ) Escola Fundamental

( ) Escola Ensino Médio ( ) Telefone Público ( ) Área de Lazer (quadra poliesportiva, campo de futebol, pesque- pague) ( ) Outro

---

3.2 – situação da via pública ( ) asfalto ( ) cascalho ( ) pedra ( ) outro \_\_\_\_\_

3.3 – Número de famílias na comunidade ( )

3.4 – Número de casas na comunidade ( )

3.5 – Distância até o sede do município ( ) km

## **ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ECONOMIA DOMÉSTICA

Este roteiro servirá de base para a entrevista e atenderá aos objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que no momento da entrevista a ordem das perguntas poderá ser alterada de acordo com o andamento da mesma, bem como poderá ocorrer o acréscimo de outras questões que não estejam especificadas aqui.

### **Aspectos relacionados às relações sociais**

- 1) Você nasceu aqui? E seus pais?
- 2) Como era a paisagem neste lugar na época em que o senhor (a) era ainda criança ou nos tempo de mocidade?
- 3) Existiam muitas famílias aqui nesta comunidade? Quem eram os moradores?
- 4) Quem são os seus vizinhos? De onde vieram?
- 5) Como é a relação da sua família com os vizinhos?
- 6) Como é a sua relação com os vizinhos?
- 7) O que você faz ao longo da semana?
- 8) O que você faz aos finais de semana?
- 9) O que você mais gosta de fazer?
- 10) Você se desloca sempre da comunidade? Por quais motivos?
- 11) Como você se desloca?
- 12) O que as pessoas dessa comunidade fazem no dia a dia?

- 13) Quais são as festas mais freqüentadas pelas pessoas dessa comunidade (fora)?
- 14) E nos finais de semana o que as pessoas fazem para se divertir?
- 15) Há diferenças entre as diversões dos adultos, dos jovens e das crianças? Quais?
- 16) Como o (a) senhor (a) compara o passado com o presente aqui neste lugar? O (a) senhor (a) acha que hoje é melhor do que no passado?
- 17) O que você acha de morar nessa comunidade?

### **Aspectos relacionados ao casamento**

- 18) Como você conheceu a seu (sua) esposo (a)?
- 19) Por quanto tempo vocês namoraram?
- 20) Com quantos anos vocês se casaram?
- 21) Com quantos anos as pessoas da sua família geralmente se casam?
- 22) Existe uma idade ideal para se casar? Qual?
- 23) O que você entende por casamento?
- 24) O casamento é importante? Por quê?
- 25) Existe diferença entre a vida de casado (a) e de solteiro (a)? Qual?
- 26) Como se dá a escolha do (a) parceiro (a)?
- 27) Para você qual é o parceiro (a) ideal?
- 28) Em sua família, o casamento entre parentes é comum?
- 29) Aqui há muitos casamentos entre vizinhos?
- 30) Descreva como são os casamentos aqui na comunidade?
- 31) Houve mudanças ao longo dos anos (entre seus avos, pais e filhos) em relação ao casamento? Quais?
- 32) Após o casamento qual é o papel do homem? E da mulher?
- 33) Houve mudanças ao longo dos anos (entre seus avos, pais, filhos) em relação aos papeis que o homem e a mulher desempenham após casados? Quais?

- 34) Você acha que tem alguma coisa que permaneceu como era no passado? Aqui ainda tem costumes e tradições do passado?
- 35) Como o senhor pensa que vai ser o futuro aqui?
- 36) Os mais novos gostam da vida na roça?

### **Aspectos relacionados as atividades produtiva**

- 37) Como foi adquirida a propriedade?
- 38) O que era cultivado nas propriedades? Existia muita diferença entre as famílias?
- 39) Como era o trabalho dentro das propriedades? Quem trabalhava no serviço de casa e da roça? Como era a rotina do dia-a-dia o que as pessoas faziam a noite?
- 40) Como eram as casas? Essas dos senhora é antiga? Quem construiu? Como era a maneira de construir?
- 41) Qual a importância dessa propriedade para você? E para sua família?
- 42) De onde provém a renda de sua família?
- 43) O que vocês produzem na propriedade?
- 44) Quais produtos são comercializados?
- 45) Onde comercializam seus produtos?
- 46) Quem é responsável pela comercialização dos produtos?
- 47) Você acha que a família é importante no desempenho das atividades produtivas (agricultura, pecuária), qual a importância da família?
- 48) Além da sua família, existem outras pessoas que trabalham nessa propriedade? Quais atividades desempenham?
- 49) Quem administra a renda familiar?
- 50) É feita uma distribuição da renda entre os membros da família? Como?

## **ANEXO C: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ECONOMIA DOMÉSTICA

Este roteiro servirá de base para a observação e atenderá aos objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que no momento da entrevista a ordem da observação poderá ser alterada de acordo com o andamento da mesma, bem como poderá ocorrer o acréscimo de outros tópicos que não estejam especificados aqui.

### **1 – Identificação da propriedade**

#### **1.1 – Número de pessoas que residem na propriedade**

| Nome | Idade | Sexo |
|------|-------|------|
|      |       |      |
|      |       |      |
|      |       |      |
|      |       |      |

### **2. Identificação das fontes de renda e atividades produtivas**

#### **2.1 – Membros aposentados?**

#### **2.2. – Atividades desempenhadas na propriedade:**

Mãe:

Pai:

Filho 1:

Filho 2:

Filho 3:

Outros:

2.3 – Atividades desempenhadas fora da propriedade:

Mãe:

Pai:

Filho 1:

Filho 2:

Filho 3:

Outros:

2.4 – Comercializa algum produto? Quais? Onde?

2.5 – Utilizam maquinários na produção? Quais?

2.6 – Quem é responsável pela manipulação desses maquinários?

### **3 – Casamento**

3.1 – Tem filho/a casado/a?

3.2 – Com quem eles se casam?

3.3 – Porque eles se casam?

3.4 – Como são feitas as escolhas?

3.5 – Quem faz as escolhas?

3.6 – Os pais interferem? Como?

### **4 – Em relação à família**

4.1 – Quais atividades semanais?

4.2 – O que faz no final de semana?

4.3 – Quais atividades de lazer?

4.4 – Como é a relação com os outros membros da comunidade?

4.5 – Como ele se desloca de um lugar para outro?

4.6 – Como e com quem se formam as redes de relacionamentos (amizade, namoro)?